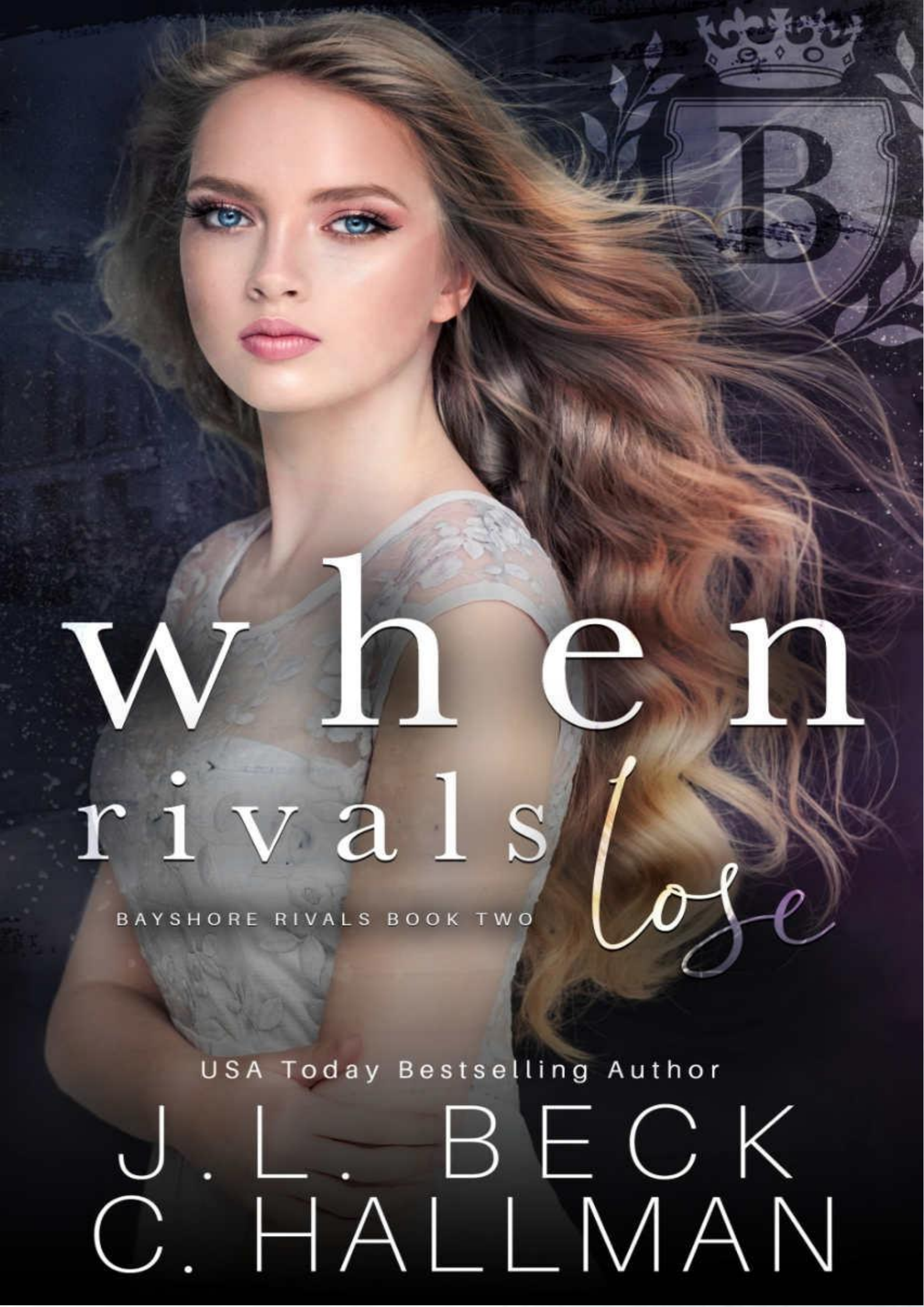

when
rivals
lose
BAYSHORE RIVALS BOOK TWO
USA Today Bestselling Author
J. L. BECK
C. HALLMAN



Tradução: Anna Belle Lux

Revisão Inicial: Anna Belle Lux

Revisão Final: Leo Lux

Leitura Final: Jooh Lux

Conferência: Elena Lux

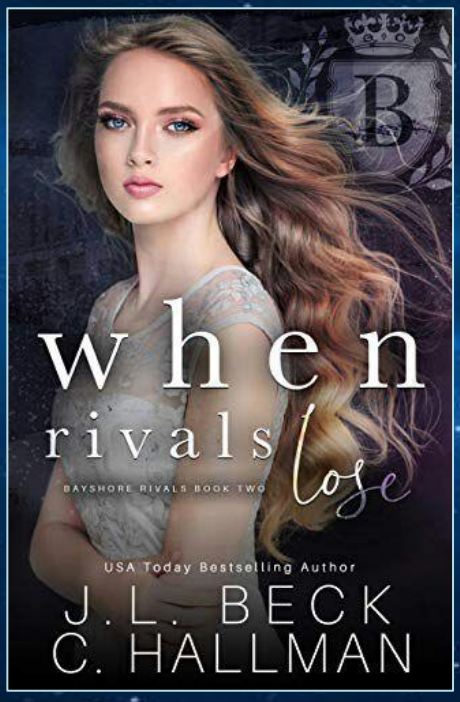
Formatação: Elena Lux

Junho / 2020

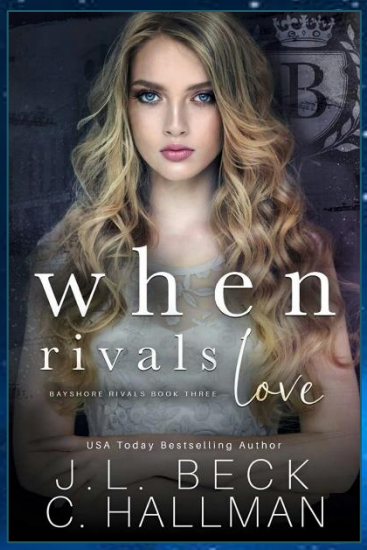
Bayshore Rivals

by J.L. Beck e C. Hallman

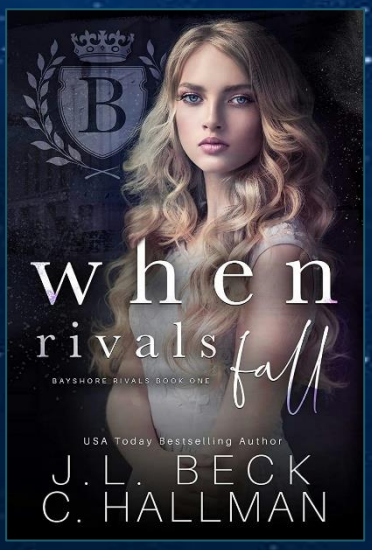
Lançamento



Próximo



Distribuído



HARLOW

A escuridão me envolve. Quem sou eu? Não lembro de nada. Toda lembrança da minha vida se foi. Acordo em um hospital sem saber meu próprio nome. Não conheço essas pessoas que afirmam ser meus pais, mas cuidam de mim, me mostram fotos... e me apresentam o meu noivo?

Acho que eu vivia uma vida perfeita antes do acidente. Eu tinha tudo, então tento me lembrar. Tento continuar vivendo minha vida, mas não consigo deixar de sentir que algo está errado. Percebo que as coisas não estão somando. Estou pegando pessoas ao meu redor mentindo e sei que algo está terrivelmente errado.

Parece que minha memória não é a única coisa que falta...

◆◆◆

SULLIVAN

Como pude ser tão estúpido? Como pude deixá-los jogar comigo assim? Isso é tudo minha culpa. Eu a machuquei, deixei isso acontecer, e agora ela está nas garras de seus pais novamente. Pior ainda, ela não se lembra de nada... não se lembra de nós.

Odeio meus pais por fazerem parte disso e meus irmãos me odeiam por fazer a minha parte. Preciso consertar isso e fazer meus irmãos me perdoarem para que possamos salvá-la. Precisamos fazê-la lembrar que tipo de pessoas seus pais realmente são... antes que seja tarde demais.

A única pergunta é, se ela se lembrar... ela vai me perdoar?

Prólogo

Sullivan

Deixo que os eventos de ontem passem pela minha mente a noite toda. Porra, como eu pude ser tão estúpido? No momento em que vi as manchas vermelhas no interior de suas coxas, meu coração afundou e eu sabia que ela não estava mentindo. Ainda não entendo como não as vi antes. Como pude ser tão cego? O que tínhamos era real e eu a usei. A quebrei.

Vi em seus lindos olhos azuis o momento em que seu coração se partiu em um milhão de pedaços. A luz dentro deles diminuiu e tudo por minha causa. Porra, meu estômago dói só de pensar nisso. Gostaria de poder esquecer, mas não vou.

Poderíamos ter sido felizes, mas não importa agora, é tarde demais. Nada do que eu disser vai desfazer o que já foi feito. A única coisa que resta é descobrir por que nossos pais nos contaram essas mentiras sobre Harlow.

Depois de me esconder no meu quarto a maior parte do dia, desço para pegar algo para comer, esperando que Oliver e Banks não estejam. Não sei se posso lidar com mais do ódio deles no momento. Concordamos em não seguir nosso plano e eu o fiz de qualquer maneira. Eles acreditaram nela e eu não. Eles estavam certos e eu estava errado, tão terrivelmente errado. Eu decepcionei todo mundo, porque acreditava em mentiras, tantas mentiras.

Quando entro na cozinha, quase me viro. Os dois estão lá, sentados à mesa e conversando sobre comprar um carro novo.

Eles param de falar quando eu entro. Sou imediatamente recebido com olhares endurecidos. Abro a geladeira para pegar um pouco de carne de sanduíche e um pacote de queijo. Virando-me, vejo Oliver e Banks olhando para seus telefones, aparentemente, estão me ignorando agora. Penso em pedir desculpas novamente, mas, de qualquer forma, isso não me fará nenhum bem.

Em vez disso, continuo fazendo meu sanduíche o mais rápido possível para escapar da tensão sufocante na cozinha. Preciso voltar para o meu quarto e mergulhar na minha própria miséria. Com meu sanduíche preparado, começo a colocar tudo de volta na geladeira, o zumbido do meu celular no bolso me interrompendo.

Pego-o, esperando o tempo todo que talvez, apenas talvez, seja Harlow. Minhas mãos úmidas quase o derrubam enquanto deslizo a tela para desbloqueá-la, decepção me atingindo como uma flecha no coração.

A tensão enrola dentro de mim. É apenas Marc, um dos caras da faculdade. Estou prestes a enfiar o dispositivo de volta no bolso sem olhar para a mensagem quando Oliver se vira, seu rosto uma máscara de horror: “Oh, meu Deus, você recebeu a mensagem de Marc?” O tom da voz de Oliver me diz instantaneamente que o que Marc enviou é sério, então faço a única coisa que posso. Eu abro a mensagem.

Dentro da mensagem há um link, no qual clico, e que me leva a um artigo do jornal Bayshore. Primeiro, estou confuso, mas depois começo a ler a manchete e meu coração afunda no estômago.

Aluna de Bayshore deixada em estado crítico após atropelamento e fuga.

Não sei por que ou como, mas sei que a aluna de quem eles falam é Harlow. Chame de pressentimento ou o que você quiser, mas eu sei. Ainda continuo lendo, meus olhos incapazes de se mover rápido o suficiente.

Uma jovem mulher, que supostamente frequenta a Universidade de Bayshore, foi atingida por um carro no centro, perto da galeria de arte, dizem testemunhas. O carro fugiu do local e a mulher foi levada às pressas para o hospital. O incidente ainda está sob investigação ...

Incapaz de ler outra palavra, desligo o telefone e o coloco no balcão de mármore, antes de me encostar.

Eu fiz isso... é tudo culpa minha.

"É ela, eu sei que é ela," digo, mais para mim do que para meus irmãos. Quando olho para cima, Oliver está me olhando com um olhar feroz, algo que eu nunca tinha visto antes, e estaria mentindo se dissesse que não me odeio naquele momento.

"Se ela morrer, então você também pode ser considerado morto." A raiva e a dor em sua voz me arrepiam até os ossos.

"Você sabe que eu não pretendia que nada disso acontecesse."

Oliver balança a cabeça, antes de se levantar, o som de sua cadeira raspando o chão. Banks nem me olha, obviamente, com nojo irracional. Oliver se aproxima do outro lado da copa. Suas mãos estão cerradas em punhos ao lado

do corpo e eu não ficaria surpreso se ele tentasse me dar um soco agora.

Não é como se eu não merecesse.

"Não importa se você pretendia que isso acontecesse, as consequências estão sobre seus ombros agora. Só quero que você saiba que se ela morrer, será parcialmente sua culpa. Se você acreditasse nela, ela estaria conosco agora... em segurança. Ela não mereceu o que você fez." A voz dele treme, o olhar endurece, e eu aceno com a cabeça reconhecendo suas palavras, porque, como sempre, ele está certo.

Oliver estava certo quando disse que não deveríamos ter feito. Ele estava certo quando disse que Harlow era mais importante do que qualquer rivalidade familiar.

Eu deveria ter ouvido e seguir meu coração, mas não o fiz e agora a única pessoa que não deveria ter pago o preço, pagou. Mas sou um Bishop e, acima de tudo, um homem, por isso farei o que for necessário para corrigir as coisas.

Harlow Lockwood será nossa novamente, e essa rivalidade familiar acaba agora.

Capítulo Um

Harlow

UM MÊS DEPOIS

Olhando para o edredom azul claro, tento montar o quebra-cabeça que reuniu minha vida novamente, mas toda vez que começo a pensar sobre isso ou qualquer outra coisa, nada aparece. Faz três dias desde que fui liberada do hospital. Eu moro nessa casa enorme que deveria ser minha... mas não parece.

Não há lembranças; feliz ou triste, não há nada - um mar escuro e interminável de espaço em branco. É tão estranho pensar que um dia você está inteira, sua vida cheia e vibrante, e no outro você é apenas uma concha do que costumava ser. Uma batida suave soa na porta do meu quarto e eu olho para cima, sabendo que é a mulher que se diz minha mãe.

“Sei que isso é muito para você absorver e tudo mais, mas seu pai quer que eu diga que Matt, seu noivo, chega amanhã. Sua aparência enquanto ele estiver aqui será muito apreciada. ”

Tento falar algo, mas as palavras simplesmente não saem. Todos os dias, desde que cheguei em casa, minha mãe ou meu pai estavam comigo, tentando me fazer lembrar de uma vida que eles dizem que eu desfrutava. Embora no fundo, nada disso parece certo; essa casa enorme, os

vestidos caros e as criadas para fazerem o que eu quiser. Não parece algo que eu gostaria, muito menos que gostei.

De fato, este lugar parece uma prisão, mas não entendo o porquê. Tenho certeza de que qualquer garota da minha idade gostaria de ter o mundo na ponta dos dedos, o que claramente eu tinha e ainda tenho, então por que parece que nenhuma dessas coisas importa para mim?

"Harlow!" Minha mãe fala alto, e eu saio do espaço em branco da minha mente.

"Sim. Estarei aqui." Digo a ela baixinho, sem saber como responder ou como teria respondido antes. Estou sendo eu mesma? Eu não sei. Ocorre-me então, onde mais eu estaria? Não tenho para onde ir, nenhum amigo, além de Shelby, que veio visitar algumas vezes, mas não ajudou. Um noivo que não me lembro e que ainda não conheci, porque ele não estava no país até agora.

O olhar gelado de minha mãe suaviza: "Você esteve no seu quarto quase o dia todo, talvez pudesse descer e jantar conosco? Eu mandei Margaret fazer o seu favorito: espaguete cozido." *Espaguete cozido*? Hmm, não faria mal ver se comer essa minha chamada refeição favorita despertasse uma lembrança.

"Claro, eu gostaria disso," digo a ela, quando saio da cama de dossel e ando pelo chão. Ela sorri, mas o sorriso não alcança seus olhos e parece forçado, até estranho, como se não fosse algo que ela costuma fazer.

Silenciosamente, andamos pelo corredor e depois descemos a grande escadaria antes de entrar na sala de jantar. Há um lustre pendurado em cima da mesa, dando à

sala uma sensação elegante. Meu pai já está sentado à mesa e nos dá um sorriso tenso quando entramos.

"É muito gentil da sua parte se juntar a nós para jantar, Harlow. Alguma de suas memórias voltou?" Ele pergunta, quase de uma maneira robótica. Puxo a cadeira ao seu lado e me sento, embora eu prefira o outro extremo da mesa.

Margaret, assim como outra empregada, traz o jantar, colocando os pratos na nossa frente como se fosse um restaurante, e não pudéssemos fazer nossos próprios pratos.

"Então, o que eu fazia por diversão? Eu ia a algum lugar? Saía para me divertir com alguém?" Eu deixo escapar, fazendo com que meus pais me olhem como se eu tivesse pedido que resolvessem um problema matemático. "O médico disse que eu deveria fazer as coisas que fiz antes para despertar minha memória, mas não sei exatamente o quê e fiquei meio entediada. Então, o que eu fazia?"

Papai coloca seus talheres de volta na mesa, olhando para minha mãe antes de se voltar para mim: "Ah, bem... você gostava de fazer compras e sair com Shelby. Você e Matt costumavam sair para namorar, mas uma vez que ele foi à França para administrar a filial francesa da empresa de seu pai, você conversava muito no telefone. "

Eu o encaro, pasma: "Isso... isso parece ótimo. Algo mais? Andar de bicicleta? Caminhada? Eu gostava de fazer lição de casa ou odiava? Shelby era minha única amiga ou havia outros?" Seu rosto parece ficar mais tenso a cada pergunta, uma veia na testa inchada sob a pressão.

Por que isso é tão difícil para eles falarem?

“É isso mesmo, você passou a maior parte do tempo com Shelby ou Matt depois de se formar no Ensino Médio. Como já dissemos, você queria ter um ano de folga antes de pensar na faculdade,” ele finalmente responde, parecendo zangado, mas como eu saberia, talvez esse seja o comportamento normal dele.

“Ok, talvez eu possa ir às compras amanhã de manhã antes de Matt chegar?” Eu pergunto porque, honestamente, não tenho certeza se preciso pedir ou não. Sou adulta, sim, mas me sinto mais uma criança agora. Uma criança perdida.

“Claro, por que não. Eu posso ir com você...”

“Você não precisa,” interrompo minha mãe antes que ela possa terminar. “Eu posso ir sozinha. Não quero sobrecarregar você mais do que já tenho.”

“Não sei se é uma boa ideia.” A voz do papai corta o ar, e olho para ele chocada.

O que isso significa?

Que eu não posso sair por conta própria? Como se ele pudesse ouvir meus pensamentos, ele pigarreia e diz: “O que eu quero dizer é que você ainda não conhece essa área e precisa se familiarizar com tudo novamente antes de sair para a cidade sozinha. Não é seguro. ”

Certo, isso faz sentido.

“Ficarei feliz em ir com você, querida,” mamãe fala. “Faz um tempo que não fazemos uma viagem de compras de mãe e filha."

“Perfeito, vamos juntas então,” digo, forçando um sorriso porque eu ainda não tenho certeza de como sorrir genuinamente.

◆◆◆

Na manhã seguinte, passamos de uma boutique sofisticada para a próxima. Minha mãe já comprou uma fortuna em roupas, enquanto eu só seguro uma bolsa com um pijama. Eu os escolhi no último lugar para mantê-la feliz. Esse é claramente o elemento dela, pois parece que ela está se divertindo completamente; sorrindo e experimentando roupas como se ela fosse uma boneca. Eu, por outro lado, estou entediada e fiquei irritada desde a loja número dois. Não consigo me imaginar aproveitando isso. Jogando dinheiro como se não fosse nada.

Eu me divirto mais vendo tinta secar.

“Ok, a última parada é da Macy, e depois vamos almoçar no pequeno restaurante italiano do outro lado da rua,” diz mamãe, totalmente alheia à minha falta de prazer. Eu me encolho com o pensamento de suportar mais três horas de compras esta tarde.

Entramos no carro estacionado em frente à boutique e o motorista nos leva à grande loja de departamentos, que fica a alguns quarteirões de distância, deixando-nos na entrada principal, como se fosse muito longe para atravessar o estacionamento ou algo assim. Tudo o que consigo pensar é que essa não sou eu, de jeito nenhum. Não parece certo. Não parece comigo. Talvez eu não saiba quem sou, ou tenha

alguma lembrança de quem eu já fui, mas no meu íntimo, sei que essa pessoa não sou eu.

Uma vez lá dentro, mamãe vai direto para os sapatos, me arrastando atrás. Com as mãos penduradas ao lado do corpo, eu a vejo experimentar cerca de vinte pares diferentes antes de irmos para a seção de vestidos da loja.

Como se ela finalmente notasse que estou ali, seu olhar percorre minhas mãos vazias: “Você ainda não comprou nada, precisa comprar algo aqui. Algo agradável de usar esta tarde, quando Matt aparecer. Que tal isso?” Ela sugere, entregando-me um vestido de verão sem alças com cerejas.

“Talvez,” digo a ela enquanto inspeciono o vestido. Não é terrível, talvez um pouco mais curto do que eu gosto, mas ainda pode ser usado.

“Bem, vá em frente, siga para os provadores e veja se serve,” ela ordena, seus olhos nem ao menos encontram os meus, mas vagam pelas prateleiras. “Oh, olhe para este aqui...” ela para e se afasta, agindo como uma criança distraída por um brinquedo novo e brilhante.

De pé ali, eu a encaro por um longo momento, com o vestido nas mãos, antes de decidir experimentá-lo. Conseguindo um provador vazio, coloco o vestido no cabide e começo a tirar minha camisa. O tecido mal passa pela minha cabeça quando a porta se abre de repente. Um grito se aloja na minha garganta e, antes que passe pelos meus lábios, o homem que invadiu o pequeno espaço usa a mão para cobrir minha boca. Olhando em seus olhos azuis, sinto essa estranha onda de *déjà vu* me ultrapassar.

“Shh, Harlow, não grite, por favor. Estou tentando entrar em contato com você há semanas. Você tem que me

ouvir," implora o homem estranho, mas muito atraente. Balançando a cabeça, sinto qualquer coisa, menos o medo da pessoa na minha frente, o que não faz sentido, é quase como... se eu o conhecesse.

"Por favor, Harlow, só um minuto e depois vou embora, prometo que não estou aqui para machucá-la." Minha testa franze em confusão. Ele parece sincero e honestamente meio desesperado, e não sei o que fazer. Se eu devo gritar e afastá-lo ou deixá-lo se explicar.

"Vou puxar minha mão, por favor, não grite." Aqueles grandes olhos azuis penetrantes seguram os meus, e algo me obriga a acenar com a cabeça. Deixo o estranho saber que não vou gritar, mesmo sabendo que devo.

Lentamente, ele afasta a mão e eu respiro fundo um pouco de oxigênio fresco, deixando-o penetrar nos meus pulmões. Com ele vem seu perfume inebriante; gotas de chuva e sândalo, como a floresta depois de uma tempestade. Um caleidoscópio de borboletas parece voar no meu estômago naquele momento. Quem quer que seja esse homem, eu o conheço, e meu corpo também.

"Harlow, você não pertence aqui, eu sei que provavelmente não faz sentido, mas você precisa acreditar que seus pais estão mentindo para você. Você não estava feliz aqui. É tudo mentira. Você me entende?"

Eu o encaro, ouvindo cada palavra e tentando entender cada uma delas. Quem é esse cara, e por que ele está dizendo todas essas coisas? Como ele conhece meus pais? Como ele sabe que eu não estava feliz aqui? Tenho muitas perguntas, mas não há respostas, pelo menos não ao meu alcance.

“Meus irmãos e eu acreditamos que você está em perigo aqui. Eu quero ajudá-la, por favor, deixe-me ajudá-la?”

“Eu... eu não sei quem você é...”

O homem sorri timidamente: “Sullivan Bishop, e nós temos um passado. Algumas coisas que eu gostaria que você se lembrasse e outras que espero que você nunca faça.”

Intrigada, pergunto: “O que isso significa?”

Suspirando, ele diz: “Nada, agora. Não estou aqui para meus próprios desejos. Eu vim porque estou preocupado com você. Você quase morreu, Harlow.” A voz dele falha no final, mostrando a emoção crua que ele sente.

“Não estou em perigo,” respondo sem hesitar. “Eu sofri um acidente de carro.”

“Você não entende,” rosna Sullivan, pressionando os punhos cerrados nos lábios. “O que você lembra? Qualquer coisa?”

Balanço a cabeça, ficando cada vez mais confusa. O ar se aquece entre nós, e tudo o que posso sentir e cheirar no espaço confinado é ele. É irritante e reconfortante ao mesmo tempo.

“Harlow, querida, como o vestido se encaixa? Deixe-me ver.” A voz da minha mãe filtra pela porta fechada. Antes que eu possa abrir a boca, Sullivan pressiona um dedo nos meus lábios.

O pânico preenche todas as fendas do rosto de Sullivan, e ele me agarra gentilmente pelos ombros, inclinando-se para mim, seu hálito quente acariciando meu ouvido: “Ela

não sabe que estou aqui," ele sussurra para que apenas eu o ouça. Concordo, deixando que ele saiba que entendo. Ele me solta e dá um pequeno passo para trás. Ele está confiando em mim e no fundo eu sei que não posso decepcioná-lo.

"Não coube. Estou prestes a sair," eu digo pela porta fechada. Só então percebo que eu havia tirado minha camisa e estava aqui parada com nada além do meu sutiã e calça jeans o tempo todo. O calor rasteja no meu peito e nas bochechas, e Sullivan agacha pegando a camisa que eu deixei cair quando ele invadiu o provador. Ele me entrega, e eu pego, agradecendo, antes de voltar a vesti-la.

Ele nem olhou para o meu peito, apenas meus olhos e rosto.

"Eu realmente queria ver você nele. Não importa, você tem muitos vestidos em casa. Precisamos ir se quisermos estar em casa quando Matt e seu pai chegarem lá.

"Estou indo, só um segundo..." respondo. O olhar de Sullivan se torna assassino, mas ele não fala mais nada. Quero perguntar o que minha mãe disse que o irrita tanto, mas não faço. Observo enquanto ele se pressiona até a parede para que eu possa abrir a porta sem que ele seja visto. Pego o vestido, que nunca saiu do cabide e saio do provador como se nada tivesse acontecido.

"Você está bem?" Mamãe pergunta, olhando para o celular, os olhos vagando pelo meu rosto. "Você parece um pouco perturbada."

"Uhh," eu limpo minha garganta, "Estou bem, apenas pronta para ir para casa."

Ela me olha como se estivesse tentando determinar se digo a verdade ou não, e começo a suar, minha barriga apertando, torcendo e girando.

"Tudo bem, vamos almoçar, então podemos ir para casa e nos refrescar."

"Ótimo." Coloco um sorriso no rosto e saímos da loja, mas a cada passo que dou, não posso deixar de me perguntar quem é Sullivan Bishop, e por que ele acha que estou em perigo, especialmente na presença de minha própria família.

Tento esquecê-lo e de toda a conversa do provador, mas não consigo. Quando chegamos em casa, minha cabeça está prestes a explodir por tentar descobrir do que ele falava.

"Vou pendurar esses vestidos novos," diz minha mãe, subindo as escadas.

"Mãe?" Eu chamo atrás dela, fazendo-a parar e olhar para mim, sorrindo. "Quem é Sullivan Bishop?"

Como se eu tivesse trazido uma lembrança terrível, o rosto dela cai e as sobrancelhas se juntam. "Onde você ouviu esse nome?"

Oh merda, eu não pensei nisso.

"Eu-eu... lembrei disso," eu minto.

"Apenas o nome?" Mamãe pergunta nervosamente.

"Sim, eu conheço essa pessoa? Quem é ele?

"Oh, Deus, Harlow. Sullivan é uma pessoa terrível, ele aterrorizou você durante todo o Ensino Médio. Te intimidou e virou todos os seus amigos contra você. Shelby, abençoado

seja seu coração, foi a única pessoa que ficou com você." Bem, isso explica porque não tenho outros amigos, eu acho.

"Os pais dele não são melhores. Eles tentam arruinar nossos negócios há anos. Essas não são as lembranças que eu queria que você se lembrasse, querida. Sullivan Bishop é alguém de quem você quer ficar longe, o mais longe possível. Ele é um mestre manipulador, e por qualquer motivo doentio, sempre te odiou e tentou tudo ao seu alcance para machucá-la.

Me odiava? Não sei por que essas palavras doem tanto, mas há uma angústia distinta no meu peito. Por que ele me odiaria? Por que alguém me odiaria?

"Harlow, se ele chegar perto de você, eu quero que você nos conte, ok?" Ela questiona, mas quase soa como um aviso.

"Você está me ouvindo, Harlow?"

Piscando com o transe, digo: "Sim, claro." Embora seja mentira. Sullivan Bishop já se aproximou de mim e, por algum motivo estranho, sinto que há mais do que apenas ódio entre nós.

Capítulo Dois

Depois de olhar pelo meu armário o que parecia ser a maior parte da tarde, encontro um vestido de verão amarelo e combino-o com uma sandália de plataforma que parece nunca ter sido usada. Uma vez vestida, me olho no espelho. Sinto como se estivesse usando uma máscara, me escondendo atrás dessas roupas e maquiagem.

Esta não é você, Harlow, quem quer que seja.

O toque da campainha, embora fraco, encontra meus ouvidos. Matt e seu pai devem estar aqui. Aplico uma pequena quantidade de protetor labial antes de me virar e sair do meu quarto. Eu me pergunto como é Matt. Nós nos conhecemos desde que éramos crianças? Meu pai nunca me explicou realmente como nosso relacionamento havia acontecido, e parece que sempre que faço perguntas, não recebo nada em troca, nem respostas, apenas mais confusão.

Se eu não soubesse melhor, pensaria que meus pais escondem alguma coisa, mas é isso, tudo parece como um segredo, escondido sob um véu, é assim que se sente quando você nem consegue lembrar da sua cor favorita é ou da sua comida preferida.

Respiro fundo enquanto desço as escadas, cada passo em direção à sala de jantar, me deixa mais e mais nervosa. Conheço esse *Matt*, com quem devo me casar, muito menos do que conheço meus próprios pais, e quase não os conheço.

Isso não poderia ser mais desconfortável. Desde que acordei no hospital, sinto que estou constantemente incomodada. Sem saber as coisas que deveria, sempre me sentindo para trás e deixada de fora de todas as conversas.

Tudo o que faço são as coisas que meus pais me dizem para fazer, e fica claro que eles estão apenas me dizendo o que querem que eu saiba. O que me leva a pensar... e se aquele cara, Sullivan, estivesse certo? E se eu não pertenço a este lugar, e nunca fui feliz aqui? E se eu não estava feliz aqui, onde eu era feliz? Eu estava feliz? Preciso de mais respostas.

As questões que rodam na minha cabeça começam a causar uma pulsação atrás dos meus olhos que me deixa tonta quando chego ao pé da escada.

"Harlow," minha mãe me chama quando entra no vestíbulo, um olhar chocado nos olhos, como se estivesse surpresa ao ver que eu realmente desci sozinha ou me vesti. Poderia ser um dos dois, suponho.

"Você... você está linda, já faz um tempo desde que eu a vi de vestido." Os olhos dela se enchem de alegria, um sorriso contagiante subindo pelos lábios.

"Obrigada." Eu sorrio de volta, escorregando um pouco quando ela pega minha mão e me puxa em direção à sala de jantar.

"O pai de Matt, Richard, é um amigo íntimo da família. Você e Matt basicamente cresceram juntos. Ele é apenas dois anos mais velho que você. Nós costumávamos passar o verão juntos nos Hamptons." Posso ouvir a tristeza ultrapassando sua voz enquanto ela fala. "De qualquer forma, Matt será o cavalheiro perfeito, e ele sabe que você ainda está

trabalhando em suas memórias, então prometeu dar-lhe espaço e ter muita paciência."

Quase bufo, ele prometeu me dar espaço e ter paciência? Ela fala como se ele fosse meu dono, como se o que ele dissesse fosse um sacrifício? Não somos casados e, aos meus olhos, nem sequer estamos noivos até me lembrar do noivado. Não posso estar com um homem que nem conheço nem me lembro. Ele precisa esperar até que eu faça, ou ele tem que fazer com que me apaixone novamente.

Três vozes profundas se filtram através das paredes e conversam sobre um jogo de futebol ou algum tipo de esporte, eu realmente não me importo. Cessa assim que entramos na sala. Como um cachorro treinado, Matt se levanta e caminha até mim e, pela primeira vez, olho para um par de olhos castanhos profundos que pertencem ao homem pelo qual devo estar loucamente apaixonada. Então, por que não sinto nada? Eu senti uma conexão com Sullivan, e nós deveríamos nos odiar.

"Oi, Harlow. Me desculpe, eu não estava aqui para vê-la no hospital, e nem quando você voltou para casa," ele sorri, e embora tenha um sorriso doce com dentes brancos perfeitamente retos espreitando por seus lábios rosados, nada sobre ele parece amigável ou gentil. Sim, Matt é bonito com uma mandíbula angular e bochechas perfeitamente esculpidas, e ele é alto com cabelos pelos quais você poderia passar os dedos, mas nada nele me atrai.

Parece que vejo a versão genérica do que realmente gostaria.

"Oi, Matt. Sinto muito por não me lembrar de você ou do nosso noivado," dou-lhe um sorriso tímido porque,

honestamente, sinto muito. Quero lembrar, provavelmente, tanto quanto todos nesta sala querem que eu lembre.

"Tudo bem, sempre podemos criar novas memórias. Nosso relacionamento era principalmente de longa distância. Havíamos concordado em nos casar quando voltasse para casa, mas acho que isso não acontecerá agora." Ele se inclina e dá um beijo na minha bochecha, me assustando.

Por um momento, esqueço que não estamos sozinhos na sala, até que ele se afasta, puxando o assento para mim. Pego o local diretamente ao lado de minha mãe e deixo Matt puxar minha cadeira.

O jantar passa no ritmo de um caracol e, enquanto a comida é deliciosa, meu apetite é inexistente. Quando Richard e meu pai se mudam para o escritório para discutir negócios, pretendo me separar e subir as escadas para me afogar em um livro. Quem quer que eu fosse antes, pelo menos, tem um excelente gosto em livros.

Empurrando-me da mesa, eu me preparo para levantar quando minha mãe coloca a mão no meu braço, seus olhos incisivos nos meus.

"Por que você e Matt não dão uma volta pela mansão?"

"Uhh..." Eu me afasto, meus olhos se voltando para Matt, que parece animar-se com a sugestão. "Claro, embora eu não tenha ideia de onde ficam as coisas... provavelmente vamos nos perder."

"Estive aqui tempo suficiente por nós dois," diz Matt, movendo-se na minha direção. Minha mãe sorri obviamente satisfeita consigo mesma. Tanta coisa para escapar deste vestido e sapatos para meu pijama, cama e um bom livro.

Parece que estou dando uma volta pela casa que não lembro com um homem que não conheço. Parece o começo de um filme serial killer.

Matt pega minha mão pegajosa na dele e nos guia para fora da sala de jantar, me puxando em direção a um par de portas francesas da cozinha, que levam para fora. Mordiscando meu lábio inferior, me pergunto apreensivamente se devo permitir que ele segure minha mão ou me afasto. Eu certamente não sinto vontade de segurar a sua mão.

Antes que eu perceba, chegamos ao jardim, uma enorme fonte de água está no centro e, por um momento, estou hipnotizada, em transe pela profunda beleza diante de mim.

Matt solta minha mão, a perda de contato me surpreendendo.

“Eu esperava que, aparecendo aqui hoje à noite, eu transasse.”

Puta merda, esse cara não acabou de dizer isso? Devo ter ouvido mal, certo? Minha boca se abre e eu cruzo os braços sobre o peito, chamas de fogo furioso piscando na minha barriga. Quero dar um tapa nele, chutá-lo nas bolas e gritar com ele, mas não faço.

“Ok, acho que é um não,” diz ele rindo e pela primeira vez, eu o vejo sorrir, realmente sorrir. Matt suspira e afunda em um dos bancos de mármore com vista para o jardim. Observo enquanto ele bate no banco ao lado dele, obviamente sinalizando para eu me sentar, mas a última coisa que quero é estar ao seu lado agora.

Na verdade, consigo pensar em algumas outras centenas de coisas que prefiro fazer.

Frustrado com a minha falta de movimento, ele rosna: “Jesus, Harlow, foi uma piada. Eu sei que suas memórias se foram, mas não achei que seu senso de humor também.”

“Não parecia uma piada,” eu zombo.

Ele revira os olhos e tira um maço de cigarros do bolso: “Seja como for, seu senso de humor obviamente é péssimo, a propósito.”

“Talvez você simplesmente não seja bom em contar piadas,” inclino a cabeça para o lado, observando enquanto ele acende a ponta do cigarro, uma cereja brilhante aparecendo no final. Sugando uma respiração profunda de nicotina, Matt retém o ar dentro dos pulmões por um momento antes de soltá-lo, uma coluna de fumaça serpenteando pelo nariz e no ar frio da noite.

“Você sentiu minha falta?” Ele pergunta, seus olhos perfurando os meus antes que eu quebre a conexão e desvie o olhar.

“Não, eu não estava mentindo quando disse que não lembrava de você.”

“Posso ajudá-la a lembrar...” sua voz diminui. “Quero dizer, se você quiser que eu ajude.” Eu sei que deveria empurrar meu pé na bunda desse cara agora, mas a curiosidade supera minha necessidade de machucá-lo.

“Nós já... você sabe?” Minhas bochechas começam a arder quando a pergunta sai da minha boca.

“Fodemos?” Matt assobia no ar. “Não, você nunca me deixou entrar nessa sua calcinha de algodão.” Ele dá outra tragada no cigarro, exalando a fumaça, antes de esfregar a ponta no sapato. Seu insulto não passa despercebido. Está claro que eu era uma boa garota antes de tudo isso acontecer, ou pelo menos um pouco, se eu segurei minha virgindade.

“Por que diabos estamos noivos, então?”

Matt sorri novamente, e juro que o marrom em seus olhos fica mais escuro: “Porque faz sentido. Será bom para as nossas famílias e para os negócios. Então vamos apenas acabar com isso. Você concordou em se casar comigo em um ponto, essa é a verdade, e acho que ainda deveríamos, não precisamos estar apaixonados para que isso funcione. Também não precisamos nos odiar. Pode ser um benefício mútuo para nós dois, então vamos apenas ser adultos e fazer o que é melhor para todos.”

Eu fico sem palavras com a sua admissão. É muita informação, e eu preciso de um minuto para entender tudo o que ele acaba de dizer. Mesmo que sua confissão doa, de certa forma, também é honesta, e depois de sentir que meus pais escondem coisas de mim, eu aprecio essa honestidade. Ainda assim, ouvir que concordei em me casar por outras razões que não seja o amor faz meu peito doer.

Eu era realmente esse tipo de pessoa?

“Como nos beneficiaria esse casamento?” Pergunto depois de reunir meus pensamentos.

Matt encolhe os ombros: “Principalmente porque nossos pais fazem muitos negócios juntos e planejam fundir suas empresas após o casamento. Isso mostraria aos membros do

conselho que esse ainda seria um *negócio de família*, o que seu pai sempre alegou ser. Além disso, meu pai quer que eu assuma a empresa daqui a alguns anos, e posso ter um lado meio selvagem agora. Mulheres e festas a noite toda. É uma espécie de desligamento para alguns investidores, que quando se casam e se *estabelecem*, acalmam suas mentes."

"Então, o que você está dizendo é que estamos nos casando para um show, a fim de melhorar a imagem de nossas famílias?"

"Não precisa ser assim. Quer dizer, eu gosto de você... você é realmente bonita," ele diz, seus olhos examinando brevemente meu corpo.

"Ah... obrigada." Acho que ele disse isso para me elogiar, mas parece mais um insulto. Minha aparência é tudo que ele gosta? É nisso que ele baseia minha pessoa?

"Nós podemos ter uma boa vida juntos, e eu cuidarei de você. Quero dizer, sou um idiota, mas protejo o que é meu."

"Não sei. Não me lembro de você nem de ninguém. Não sei o que é real e o que não é."

Matt assente como se entendesse: "Vejo que isso é algo em que você precisa pensar. Se puder me fazer um pequeno favor e não contar a seus pais que eu contei a verdade sobre nós, eu agradeceria. Pediram-me para dizer que estávamos apaixonados e toda essa merda. Apenas uma precaução no caso de nos casarmos. Não quero irritar os sogros logo de cara."

"Não direi a eles, e obrigada por ser honesto comigo. Eu realmente aprecio isso."

“Não tem problema, aqui está o meu número. Ligue-me se quiser conversar mais.” Matt me entrega um cartão de visita. Eu o pego e seguro-o firmemente como se fosse uma tábua de salvação. Sinto que precisarei da honestidade dele no futuro.

Virando-me para sair, algo me ocorre, tenho mais uma pergunta queimando no fundo da minha mente e quero apenas uma resposta honesta.

“Posso perguntar-lhe outra coisa e você será sincero?”

Matt me olha, seu rosto em branco: “Pergunte, querida.”

“Você conhece Sullivan Bishop?”

Com a menção do nome, o rosto de Matt se contrai como se ele apenas sentisse o cheiro de algo desagradável. Ele se inclina para a frente no banco, olhando-me: “Conheço bem os Bishops, e você também. Sua família e os Bishops são inimigos desde sempre, desde que me lembro. É engraçado você perguntar isso porque você e Sullivan têm história.”

Meus olhos se arregalam e me pergunto por um momento se é por isso que me senti tão conectada a ele. Como se Matt pudesse ver as rodas dentro da minha cabeça girando, ele continua: “Não é esse tipo de história. Acho que você prefere se matar a foder com ele. Vocês dois se odiavam desde crianças, e no último ano você plantou drogas no bolso dele em uma festa. O prenderam e ele foi expulso da escola. Escreveram um artigo no jornal sobre o nome da família Bishop em todos os lugares. Sullivan perdeu a bolsa para jogar futebol, mas a família perdeu muito mais do que isso. Desde então, desapareceram da cidade!"

“Eu... eu destruí a vida de alguém?” Eu pisco, sem acreditar no que ele diz. Por que eu faria algo assim? O que me fez odiar tanto essa família?

“Você está tão surpresa?” As sobrancelhas de Matt franzem com confusão. “Sei que você não se lembra de nada, mas tenho certeza de que ainda pode dizer quem você é por dentro, certo? Além disso, não é como se eles não merecessem. Seu pai tem motivos para fazer as coisas que faz. ”

Há um roer no meu estômago, algo que me diz que se eu olhar profundamente no meu interior, não vou gostar da pessoa que encontrar, aquela que eu era antes do acidente. Não quero ser ela... Eu não quero fazer o que meu pai me fez fazer.

“Eu não me importo com o raciocínio dele, essa não sou eu. Isso não pode ser. Não quero machucar pessoas, merecedoras ou não.” Matt passa a mão pelo rosto e solta um suspiro frustrado.

“O estrago já está feito, princesa. Sullivan Bishop está em busca de vingança há muito tempo, então não se surpreenda se ele vier atrás de você.”

“O que isso significa?” Pergunto porque não entendo. Eu não entendo nada, e a frustração sobre isso cresce dentro de mim, as raízes afundando cada vez mais. É como se todo mundo falasse em línguas, um idioma que eu conheço, mas não entendo mais.

Matt se levanta do banco e caminha em minha direção, ele para a poucos metros de distância, deixando espaço suficiente entre nossos corpos, para que eu não me sinta sufocada por sua presença. Ainda assim, seu corpo se eleva

sobre o meu, e não gosto disso. Não gosto da fragilidade que sinto. Há uma doçura em seu perfume, e faz cócegas nas minhas narinas. Seus dedos levantam meu queixo, forçando-me a olhar em seus olhos enquanto ele fala.

"Isso significa que se ele ou seus irmãos foderem com você, haverá consequências. Seu pai acabou de recuperá-la, e duvido que ele deixe que algo aconteça com você novamente."

Quando Matt me solta, sinto-me compelida a perguntar o que ele quer dizer com meu pai me recuperar? Ele está se referindo ao acidente? Ou é outra coisa? Matt não me dá a chance de digerir completamente meus pensamentos antes que ele segure minha mão, me puxando de volta pelo caminho que viemos.

"É hora da princesa ir para a cama."

"Eu sou uma adulta, não tenho seis anos de idade, e eu não sou uma princesa, pare de me chamar assim," eu rosno baixinho enquanto ele me leva de volta para casa.

Matt para quando chegamos à grande escadaria, com um sorriso nos lábios: "Você pode ser uma adulta, mas é frágil, como o mais bonito pedaço de vidro do mar, e agora precisa descansar. Você ainda está se recuperando e, se não se cuidar, nunca se recuperará totalmente e se lembrará da vida que viveu."

Acho que não posso discutir com ele agora. Estou exausta, as dores de cabeça têm sido mais constantes que o normal. É como se minhas memórias estivessem tentando voltar, pressionando a barreira que meu cérebro colocou. Eu quero lembrar, não, eu preciso lembrar. Preciso de todas as

peças do quebra-cabeça que faltam para que eu descubra o que diabos está acontecendo.

"Eu quero beijar você, Harlow," ele murmura, e antes que eu possa contestar, ele se inclina e me segura suavemente pela parte de trás da cabeça, seus dedos passando pelo meu cabelo. Seus lábios descem roçando os meus da maneira mais fraca, mas ainda é suficiente para enviar um choque elétrico através do meu corpo que acende algo dentro do meu cérebro.

Uma memória, um pensamento... a barreira que separa os dois espaços, meu passado e meu presente, quebra um pouco e eu empurro a fenda agarrando o pensamento com as duas mãos, deixando-o me arrastar para a escuridão.

"Ok... Um beijo... Um beijo seria bom, quero dizer," eu sussurro um pouco antes que ele tire uma mecha de cabelo do meu rosto. Seu polegar roça minha bochecha deixando minha pele formigando sob seu toque. Ele se inclina, olhos arregalados, como se não quisesse perder a chance de ver meu rosto quando nossos lábios se tocarem.

Então nossos lábios se tocam, pressionando juntos e meus olhos se fecham por conta própria. Formigamentos de calor ondulam através de mim. Tudo ao nosso redor desaparece como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo. Tudo o que sinto são seus lábios macios e cheios contra os meus. O beijo é suave, comovente, e eu me inclino para ele enquanto nossos lábios se derretem.

Eu me dedico um segundo para esquecer tudo, a razão pela qual estou aqui e a razão pela qual devo odiá-lo. Borboletas tremulam dentro do meu estômago, causando um tremor profundo no meu núcleo. Um calor penetra nos meus

ossos, derretendo-me como uma casquinha de sorvete sentada ao sol da tarde.

Quero me perder nesse sentimento, não sinto mais nada além dele, mas a voz do meu pai toca nos meus ouvidos naquele momento. Preciso lembrar o que a família dele fez, a dor que eles causaram.

Com o coração pesado e a mão instável, pego o pequeno saco plástico do bolso e o coloco no dele antes de me afastar, quebrando o beijo.

Por mais que eu tente segurar essa memória, ela desliza entre meus dedos como pequenos pedaços de areia, o beijo com Matt termina também e me pergunto o que diabos aconteceu.

"Vejo você mais tarde, e como eu disse... me ligue se precisar de alguma coisa." Matt passa o polegar pela minha bochecha e tira algumas mechas que quase caem no meu rosto.

Felizmente, eu me pego contra o parapeito e subo as escadas, quase correndo em direção ao meu quarto. Quando chego lá, estou ofegante, com o peito subindo e descendo rapidamente, e me pergunto se terei um ataque de ansiedade.

Deslizando para dentro do quarto, fecho a porta atrás de mim e viro a fechadura no lugar. Então deslizo pela porta, minha bunda batendo no chão com um baque forte. Definitivamente, era uma lembrança do meu passado, e obviamente estava com Sullivan, e provou meu maior medo. Eu o odiava, mas não o suficiente para não ceder à tentação de beijá-lo, e se essa não é a parte mais assustadora, não sei o que é.

Se Sullivan deveria ser um inimigo, se fôssemos destinados a nos odiar, se eu machuquei sua família e ele, então por que diabos nos beijávamos? E por que ele me encontrou e disse que quer me ajudar? Nada disso faz sentido e, por mais que eu queira respostas, sei que não receberei nenhuma a menos que me aprofunde mais, a menos que as descubra por mim mesma. Levantando-me do chão, me preparo para dormir, colocando meu pijama e lavando meu rosto.

Quando minha cabeça bate no travesseiro, estou parcialmente dormindo. Minha mente está voltada para alguém com quem eu não deveria ter nada a ver.

Capítulo Três

Como todas as manhãs, nas últimas semanas, acordo confusa. Leva um tempo para me controlar e entender qualquer coisa logo de manhã. Estou sempre procurando pelo quarto algo familiar... algo que me faça lembrar desse lugar, mas isso nunca acontece.

Todo dia que acordo aqui, me sinto como visitante, hóspede em um hotel cinco estrelas. Ainda de pijama, eu ando pelo meu quarto, com o repentino desejo de encontrar algo, qualquer coisa que eu olhe e pelo menos pareça familiar.

Andando até a minha estante de livros, deixo meus dedos percorrerem o montante de exemplares, existem inúmeras obras, algumas das quais li e amei, mas nada parece reconhecível. Puxando o livro mais próximo, procuro entre todas as páginas, procurando por algo, qualquer coisa, mas nada aparece. Faço isso com cada um dos exemplares, mas o resultado é o mesmo.

Frustrada, vou para a minha mesa e começo a vasculhar todas as gavetas, cadernos velhos e estojos de lápis, mas, novamente, nada digno de investigação. Vasculho o resto do quarto meticulosamente, antes de ir para o meu armário, tocando cada peça de roupa, cada par de sapatos e acessórios dentro do grande espaço. *Nada.* Sempre nada.

Lágrimas picam meus olhos, a frustração fervendo no meu interior. Tudo o que quero é um pensamento, uma

memória, boa ou ruim, não importa. Eu só preciso de algo para me manter sã. Deus, por favor, me dê algo para me mostrar que não estou ficando louca.

Com a cabeça baixa, saio do closet, mas quando atravesso o limiar, vejo algo pelo canto do olho. Uma mochila. Está jogada descuidadamente no canto ao lado da porta. Está escondida à vista de todos, e me pergunto por que nunca tinha notado isso antes.

Inclinando-me, pego a velha mochila gasta. Não se parece em nada com as roupas e bolsas que adornam os cabides no meu armário. Parece... *eu*. Urgentemente, vou para minha cama e a abro, derramando o conteúdo sobre o edredom.

Livros, papéis, pastas e canetas soltas caem aleatoriamente na minha cama. Essa deve ser minha mochila do Ensino Médio. À primeira vista, nada fora do comum me impressiona, e começo a me sentir deprimida novamente, mas quando começo a guardar todo o conteúdo de volta, algo sai de um dos livros e cai no chão aos meus pés.

Meu olhar dispara para o cartão de identificação de estudante laminado retangular. Sei que é meu porque há uma foto minha e meu nome está impresso no canto superior direito, abaixo das palavras: *Universidade de Bayshore.*

Pegando-o, eu inspeciono mais. Escrito ao lado da minha foto está meu nome, meu aniversário e meu número de identificação de estudante. Percebo então que essa não é minha mochila do Ensino Médio. É da faculdade, mas se eu não estava na faculdade, por que tenho uma carteira de estudante? Virando-me, sento-me na beira do colchão.

Virando o cartão, há um endereço, número de telefone e link do site.

Meus olhos disparam para o elegante dispositivo celular na minha mesa de cabeceira. Desde que cheguei em casa, já vi várias vezes. Não há nada nele. Eu olhei através dele, ele contém alguns números, mas é só. É praticamente novo em folha e duvido que já tenha sido usado.

Agarrando-o, decido fazer uma ligação para a Universidade apenas para ter certeza de que eu estava frequentando a faculdade lá. Meus dedos tremem enquanto eu disco o número, meu coração batendo violentamente no peito. Se eu realmente ia para a faculdade lá, então por que estou em casa agora? Por que meus pais não me disseram?

Afastando os pensamentos por um momento, pressiono a tecla verde de chamada e o som do telefone tocando enche meus ouvidos.

“Admissões da Universidade Bayshore, como posso ajudá-lo?” Uma mulher cumprimenta alegremente.

“Oi, sim, eu queria saber se você tem uma aluna chamada Harlow Lockwood?”

“Oi, e com quem estou falando?”

“Harlow Lockwood.”

“Umm,” ela faz uma pausa, obviamente confusa.

“É uma longa história, mas posso confirmar minha data de nascimento e possível número de identificação, se isso ajudar alguma coisa?” O clique dos dedos em um teclado preenche o alto-falante do meu telefone.

“Isso seria bom. Pode falar quando estiver pronta. ”

Recito as informações no cartão e, em segundos, ela confirma o que eu suspeitava.

“Ok, Harlow, posso confirmar que você era uma estudante aqui. Parece que você ainda está inscrita, mas está em licença. Há mais alguma coisa que você queira saber?”

Licença?

“Não, obrigada.” Desligo o telefone pegando o começo de algo como se ela me desejasse um bom dia, sabendo muito bem que isso não vai acontecer.

Meu palpite estava certo, meus pais mentem para mim e definitivamente escondem algumas coisas. A questão é, por quê? Qualquer que seja o raciocínio deles, é melhor que seja bom, porque não vou mais ficar parada e ser enganada.

Com meu cartão de identificação em mãos, saio do quarto e desço o corredor em direção ao escritório de meu pai. Preciso de algumas respostas e é para agora. Quando me aproximo da porta, percebo que está aberta, a voz do papai sendo filtrada por dentro. Ele está ao telefone ou falando diretamente com alguém. Como estou descalça, sou capaz de me aproximar sem fazer barulho, na porta, espio pela fenda o escritório.

Pelo que posso ver, ele está sozinho, ninguém mais está ali com ele. Felizmente, ele se virou para a janela, de costas para mim.

“Eu disse que te encontraria hoje à noite no hotel...”

A pessoa na outra linha deve dizer algo porque um momento depois ele responde com: “Sim, espere aí, nua na cama, como sempre, e por favor da próxima vez não ligue para o meu escritório. Qualquer um poderia atender. Tenho que voltar ao trabalho, vejo você mais tarde, querida.”

Piscando, tento absorver o que acabo de ouvir. Meu pai está... ele está tendo um caso? Com certeza soa assim. Sei que eu deveria estar com raiva, talvez até triste, mas é quase como se eu não tivesse emoção em relação a isso. É como... se eu não ligasse. O que é estranho, porque eu definitivamente deveria me importar.

Impacientemente, espero mais um minuto antes de entrar no escritório. Não quero que ele saiba que ouvi a conversa. Empurrando para o fundo da minha mente, eu me concentro na raiva fervendo em minhas veias por ele mentir sobre a faculdade. Se ele mentiu sobre isso, o que mais ele mentiu?

Certa de que já passou tempo suficiente, entro no escritório sem bater. A cabeça do meu pai se levanta dos papéis em que ele está me olhando agora.

“Harlow?” Choque preenche seus traços. Por que ele está tão surpreso em me ver? Não me demoro nesse pensamento, pois há outros assuntos urgentes.

“Por que você mentiu para mim sobre a faculdade?” Eu berro, indo direto ao ponto. Andando até sua mesa, jogo o cartão de identificação nela e ele desliza pela madeira polida, parando bem na frente de meu pai. Como se tivesse tudo planejado, seus lábios se separam e ele me olha com a vergonha cintilando em seus olhos.

“Harlow, você não entende. Estou tentando te proteger.”

“Me proteger? De quê? Receber uma educação?”

“De se machucar. Você não estava segura lá. Alguém tentou te matar duas vezes!” Ele rosna: “Você é uma Lockwood e, como seu pai, é meu trabalho protegê-la.”

“Me proteger da verdade? Se realmente havia alguém tentando me matar, por que não me contou? Por que me esconder essa informação?”

“O que você quer que eu diga, Harlow?” Ele joga as mãos no ar, a frustração penetrando no espaço entre nós. “Não havia como você se curar se te colocássemos sob mais estresse. Trouxe você para casa e não contei as coisas porque queria ajudá-la a se curar mais rápido, e não teria você a quilômetros de distância de sua família, apenas para alguém conseguir matá-la.

Meu coração afunda no meu estômago. “Sinto-me presa aqui. Se eu estava na faculdade, é onde deveria estar agora. É por isso que não lembro de nada..." Minha voz diminui: “Não lembro de nada porque não estava aqui. Este lugar não é mais minha casa. O médico disse que eu deveria estar onde estava antes do acidente, mas não estou.”

Algo que se assemelha à raiva inflama em seu olhar: “Isso é mentira, e você sabe disso. Esta é a sua casa, e sempre será. Você viveu aqui a vida inteira, por que diria uma coisa dessas?”

Na verdade, eu não sei, tudo o que sei é que se me sentisse em casa, se fosse onde eu pertencia, então certamente me lembraria a mais simples das coisas. Como andar pela casa sem me perder.

“Eu quero voltar para a faculdade, e mesmo se você não quiser, ainda vou.”

“E quem você acha que vai pagar por isso, mocinha?” Ele cospe, e eu tenho a súbita vontade de bater o pé. Ele me tratar como criança me faz querer agir como uma.

“Você vai,” eu respondo para ele. “Porque se você não fizer, vou contar à mamãe sobre o seu caso.” Papai me olha como se eu tivesse lhe dado um tapa. Um breve silêncio se instala entre nós, e posso ver a incerteza em seus olhos, ele está tentando descobrir o que dizer a seguir.

“Como você descobriu isso?” Ele finalmente diz, sua voz estranhamente calma.

“Acabei de ouvi-lo no telefone antes de entrar.” Não vejo sentido em mentir, agora tenho munição e vou usá-la.

“Não é o que você pensa...” Ele começa, mas eu interrompo.

“Não me importo com quem você está ou o que faz. Tudo o que eu quero é voltar para Bayshore. Eu não pertenço a este lugar.”

“Você pertence, mas eu não estava mentindo sobre estar preocupado com você. Alguém está tentando machucá-la e não posso protegê-la daqui. Então, se você for, vou enviar dois de meus homens com você.”

“Dois homens?” Estou perplexa e tenho certeza de que meu rosto mostra isso. “O quê? Como guarda-costas?"

“Sim, exatamente. Você deve pensar que sou estúpido se você acha que estou te enviando para lá desprotegida.”

Irritada e querendo pôr um fim à conversa, reviro os olhos: “Tudo bem, envie quem você quiser, desde que fique fora do meu caminho.” Eu me viro e vou para a porta quando ele me chama, me fazendo parar no meio do caminho.

“Harlow, como qualquer família, tivemos alguns desentendimentos no passado. Não somos perfeitos, mas você deve acreditar quando digo que realmente me importo com você e não quero que nada lhe aconteça.” A sinceridade na sua voz é inconfundível, mas ainda assim, não posso perdoá-lo completamente por mentir. Se ele mentiu uma vez, provavelmente já mentiu antes.

Eu olho para ele, sentindo um oceano de espaço entre nós. “Você não mente para as pessoas de quem gosta,” digo, e saio do escritório sem olhar para trás. Quando fecho a porta, sorrio, porque pela primeira vez desde que cheguei, sinto que posso ter uma ideia da minha vida.

Capítulo Quatro

Com minha mochila gasta pendurada no ombro, atravesso o campus pela primeira vez. Bem, a primeira vez que me lembro. Não tenho certeza se sou eu ou os dois caras volumosos me seguindo, mas todo mundo olha na minha direção com curiosidade. De qualquer maneira, eu me sinto um pouco como um espetáculo à parte, com todo mundo me olhando assim.

Tento ignorar todos os olhos em mim enquanto entro na sala de aula. Felizmente, meus dois capangas, Ernie e Bert, como eu gosto de chamá-los, esperam do lado de fora da porta. Sento-me na parte de trás e pego meu livro. É no meio do semestre e não tenho chance de passar nesta ou em qualquer outra aula, mas não é por isso que estou aqui.

Folheando meu livro, espero o professor começar a aula quando alguém limpa a garganta na minha frente, chamando minha atenção. Levanto os olhos do meu livro e, por um segundo, acho que estou olhando nos olhos de Sullivan Bishop... mas pisco e percebo que não é ele.

É apenas alguém que se parece muito com ele, o mesmo cabelo castanho-avermelhado, o mesmo tom de olhos azuis e até mesmo algo sobre seu sorriso suave é familiar.

As semelhanças entre os dois são surpreendentes.

“Harlow,” meu nome sai de seus lábios como se ele tivesse dito isso um milhão de vezes antes. “Estávamos

realmente preocupados com você," continua ele, sentando-se ao meu lado.

"Eu te conheço?"

Ele assente, seu sorriso se alargando. "Eu sou Banks," ele se apresenta, estendendo a mão.

"Eu sou Harlow, mas acho que você já sabe." Levanto meu braço, estendendo a mão para apertar a sua. No momento em que nós tocamos, parece que um raio dispara através do meu corpo direto para o meu cérebro ...

"Shh, princesa. Nós não dissemos que você poderia falar. Fique de boca fechada, caso contrário, encontraremos um uso melhor para ela..." Claro como o dia, a voz de Banks soa nos meus ouvidos. Outro trecho de memória começa a invadir minha mente. *Minhas costas pressionam seu peito enquanto ele sussurra a ameaça na concha do meu ouvido.* O pânico surge dentro de mim como um vulcão, e empurro a memória para longe. Não quero lembrar disso.

Afasto minha mão, como se o toque dele queimasse minha pele. No mesmo movimento, eu me levanto. O som da cadeira caindo atrás de mim faz todas as cabeças da classe se virarem na minha direção.

"O que há de errado?" Pergunta Banks, com o rosto cheio de preocupação, enquanto eu recolho todas as minhas coisas e enfio na minha mochila.

"Eu... eu tenho que ir, aula errada..." murmuro. Agarrando minha mochila, saio correndo da sala, meu coração batendo forte como uma britadeira contra meu peito.

Escapando da sala, corro pelos dois caras que estão de guarda na porta sem olhar para trás.

“Ei onde você está indo? Aconteceu alguma coisa?” Um dos guardas me chama.

“Eu só quero voltar para o dormitório.” Não me incomodo de explicar mais. De qualquer forma, não é da conta deles. Sei que eles vão me seguir, mas realmente não me importo. Abafo outros ruídos ao meu redor e ando rapidamente pelo campus e de volta ao meu dormitório.

Quando entro no quarto, fico desapontada ao encontrar Shelby ao lado de sua cama, uma pilha de roupa à sua frente. Eu esperava estar sozinha.

Ela está no meio de dobrar as roupas e arregala os olhos quando me vê.

“Ei, você voltou cedo?” Ela cumprimenta, e quando não respondo imediatamente, e em vez disso vou até minha cama, ela pergunta: “Você está bem?”

“Sim, simplesmente não aguentei mais um segundo da aula,” murmuro jogando minha mochila no chão antes de me jogar no colchão de solteiro.

“E por que foi isso?” Ela pergunta.

Estou prestes a começar a contar sobre Banks e o trecho de memória que lembrei, mas sinto essa agitação no estômago que me diz para não fazer. Algo no fundo da minha mente diz para guardar isso para mim até que eu conheça toda a história, então, em vez disso, decido mentir.

Gemendo, eu digo: “Eu simplesmente não entendi nada do que o professor estava dizendo. É inútil, não lembro de nada.” A mentira desliza facilmente da minha língua, alguém poderia pensar que minto o tempo todo, e talvez tenha feito antes.

“Eu não sei por que você vai mesmo. Quer dizer, eu sei o porquê, mas você pode fazer outras coisas por aqui para despertar sua memória. A faculdade não é só aulas.”

“Então, o que mais? O que mais posso fazer para ajudar?”

“Eu já disse a você,” ela revira os olhos. “Fomos a festas antes. Devemos ir a festas agora, isso pode ajudá-la a se lembrar de algo, e se não, talvez ajude a conhecer pessoas.”

Lembro-me dela me dizendo essas coisas, mas sinceramente, não sei. Não quero ir a festas, e é difícil acreditar que eu gostei de ir antes. Mas Shelby não tem motivos para mentir, então isso tem que ser um pouco verdadeiro. Olhando para o rosto dela, vejo a emoção crescendo em seus olhos, como se ela soubesse que estou prestes a desistir e concordar em ir com ela.

Um segundo depois, digo as palavras: “Ok, eu vou com você.”

E ela começa a rir, batendo no colchão ao meu lado.

“Sim! Isto será muito divertido. Juro, Harlow, que você adorava se vestir e sair. Mal posso esperar para ajudá-la a escolher suas roupas.” Ela passa os braços ao meu redor e me abraça com força: “Senti sua falta, Harlow, realmente senti, e estou tão feliz que você esteja bem.”

◆◆◆

Demora um pouco para sair do dormitório sem que meus *guarda-costas* descubram. Felizmente, a universidade disse que eles não podem ficar dentro dos dormitórios, então, depois de um tempo, eles partem para fora, e é quando Shelby e eu fazemos a nossa fuga.

Quando chegamos à casa da fraternidade, o lugar está lotado, até o jardim da frente está cheio de pessoas. O interior é ainda pior e, quando chegamos à cozinha, estou pronta para me virar e voltar para fora. Shelby mantém minha mão firme como se soubesse que eu vou sair a qualquer momento. Enquanto olho ao redor do ambiente, tento ver se algo sobre este lugar ou as pessoas sacodem uma emoção ou mesmo uma lembrança, sinto olhos em mim.

Do outro lado da sala, alguém está olhando para mim. Eu sei isso. Sinto o calor desse olhar subindo pelas minhas costas. Virando a cabeça naquela direção, deparo-me com esferas castanho chocolate.

No mar sem fim das pessoas, não deveria ser tão surpreendente fazer contato visual com *alguém*, mas não é apenas alguém, os olhos dessa pessoa são como chocolate derretido e cheios de preocupação. Eles me cativam, agarram-se a mim e se recusam a deixar ir. Quebrando o contato visual, deixo meu olhar percorrer o corpo do estranho, percebendo que ele se parece com Sullivan e Banks.

Inclinando-me para Shelby, pergunto: “Quem é?”

“O quê?” Seus olhos seguem minha linha de visão.

“Aquele cara parado no canto mais distante da sala com os braços cruzados sobre o peito, quem é ele?” Pergunto novamente.

O rosto de Shelby azeda: “Oliver Bishop. Não nos associamos a *eles*, Harlow. Eles são lixo.” *Eles*. Isso me faz pensar no que Matt disse: “*Sullivan e seus irmãos*,” suponho que isso explique por que todos são parecidos. Sullivan, Banks e Oliver devem ser irmãos. Irmãos que eu deveria ficar longe.

“Todo mundo fica me avisando para longe deles,” eu mordo meu lábio inferior, a memória de antes entrando na minha mente mais uma vez. Banks disse nós naquela memória... seus irmãos estavam com ele naquela noite? Todos me ameaçaram? Mesmo que eu tentasse esquecê-lo mais cedo, agora eu gostaria de ter me agarrado a ele, talvez me lembrasse da coisa toda.

Ainda mordendo meu lábio, sinto-me compelida a olhar de volta para o indescritível Oliver, mas ao fazê-lo, percebo que ele não está mais lá. Meu coração pula como uma pedra na água.

Onde ele foi? A primeira pergunta surge na minha cabeça e a segunda é: por que eu me importo? Uma música pop é filtrada pelos alto-falantes, e Shelby grita de emoção, com os olhos cintilando nas luzes brilhantes.

“Oh meu Deus, eu amo essa música,” ela grita, ignorando a minha pergunta ou não tendo ouvido nada. Quando ela balança a cabeça para a música, cantando a letra, ela me puxa, até chegarmos ao balcão que está cheio de copos e garrafas de licor. Há um barril de cerveja centrado

no que seria a área do recanto do café da manhã com cerca de cinco caras de fraternidade ao redor. Todos eles riem de algo que um dos caras diz, me distraindo momentaneamente.

Isso até eu sentir um calor subindo pelas minhas costas, parece que o sol está batendo em mim; solto a mão de Shelby e giro, para encontrar Oliver a poucos metros de distância, um sorriso fantasma[1] contra seus lábios.

De perto, ele parece ainda mais bonito, como uma versão mais antiga de Banks e Sullivan. Cada um dos irmãos me lembra aqueles soldados romanos do século XV, todos musculosos e bonitos, perdendo apenas suas togas, espada e escudo.

Seus rostos angelicais, com mandíbulas afiadas e maçãs do rosto altas. Seus dentes perfeitamente lisos, brancos e os cabelos penteados com perfeição, como se tivessem acabado de sair da capa de um romance. Ninguém deve ser capaz de parecer tão bom quanto os três, e ainda assim eles parecem.

“Não, acho que não,” Shelby interrompe, mas Oliver revira os olhos, ignorando-a e diminuindo a distância entre nós em um único passo.

“Ela pode falar com quem ela quiser, você não é a sua guardiã.” As palavras de Oliver são dirigidas a Shelby, mas ele não desvia o olhar de mim quando as diz.

“Você é um problema, Oliver, e Harlow não precisa de problemas,” rosna Shelby, “vai embora.”

[1] Sorriso fantasma é quando a pessoa está triste, mas algo acontece que a faz sorrir um pouco.

“Eu... Eu conheço você...” Pisco lentamente, falando mais comigo do que com ele. Inalando devagar, o aroma picante de frutas cítricas e de chuva enchem minhas narinas, me acalmando quase que instantaneamente.

“Sim, você me conhece,” ele sorri. O seu sorriso me faz querer sorrir, e eu realmente não entendo o porquê. “Por quê você está aqui? Você odeia festas.”

“Não seja ridículo, Oliver, e não diga a Harlow o que ela gosta e o que não gosta,” Shelby o critica como uma mamãe urso que protege seus filhotes. “Vamos, Harlow, vamos lá fora,” ela agarra meu braço e começa a me puxar em direção à porta dos fundos antes que eu possa protestar. Um olhar sombrio cruza o rosto de Oliver, mas ele não faz um esforço para detê-la. Nem um segundo depois, estou entrando no ar fresco da noite, um arrepio percorrendo minha espinha.

“Ugh, aqueles meninos Bishops são tão irritantes.” Shelby revira os olhos. “Fique aqui, eu vou entrar e fazer uma bebida para você, e sério, fique longe deles, eles não são nada além de problemas, além de que você deveria odiá-los.”

“Deveria odiá-los?” Mas Shelby não me responde e, em vez disso, volta por onde viemos. Eu fico ali por um minuto ou dois sozinha, e quando ela volta com dois copos vermelhos nas mãos, eu sorrio.

“Aqui, beba isso, solte-se e aproveite a noite.” Pego o copo da mão dela e tomo um grande gole, deixando o líquido frutado acalmar meus nervos.

“Mhh, isso é muito bom,” eu admito.

“Claro que sim, é o seu favorito,” Shelby pisca, e bebo novamente, engolindo metade do líquido sem pensar.

Conversamos um pouco, rimos e dançamos, e antes que eu perceba, meu copo está vazio e estou me sentindo muito melhor. Como se o álcool deixasse a amnésica em mim tentar lembrar de alguma coisa e entender tudo, sinto-me um pouco mais calma, mais à vontade e, de repente, quero outra bebida.

"O que é isso? Eu quero mais um pouco," digo a Shelby.

"Vou pegar um pouco, fique aqui, namorada," ela ri, claramente um pouco embriagada. Eu a vejo voltar para casa antes de olhar ao redor do quintal. Há uma tonelada de pessoas do lado de fora, a maioria delas brincando de beber. Alguns casais dançam na grama, a atmosfera aqui fora parece mais fria do que dentro.

Examinando a multidão, espero encontrar Oliver novamente, mas não importa o quanto pareça, não o vejo em lugar algum, é quase como se ele tivesse desaparecido.

"Harlow?" Uma voz desconhecida me chama, assustando-me e eu me viro mais rápido do que o necessário, ficando cara a cara com um rapaz que eu não conheço. Ele segura um copo vermelho na mão e estende para mim: "Shelby me pediu para dar isso a você. Ela disse que já volta."

"Ah, tudo bem..." pego o copo da mão dele e o vejo se virar e andar para o outro lado. *Esquisito*. Não pensando muito, tomo um gole da minha nova bebida e olho em volta procurando pela Shelby.

Onde diabos ela está?

Dou alguns passos em direção à porta que leva de volta para casa quando alguém fica na minha frente, me cortando e me fazendo parar ou bater de frente com ele.

“Ei, Sexy, feliz em vê-la de pé novamente,” diz o cara que me interrompeu. Ele parece vagamente familiar, mas não sei dizer por quê. Acho que ele estava sentado à mesa lá dentro mais cedo. Talvez eu já o conhecesse antes, de qualquer forma, eu não gosto dele. Não só por ele me chamar de sexy, mas há algo mais que eu não gosto. Algo que me deixa doente.

“Obrigada,” é tudo o que digo quando passo por ele, tentando entrar.

Sua mão serpenteia no último minuto, e ele envolve os dedos em torno de um dos meus pulsos, me puxando de volta. “Não tão rápido, ainda não terminei de falar,” ele insulta.

Agora que ele está perto, sinto o cheiro do álcool que sai da sua boca, fazendo meu nariz enrugar com aversão. Ele cheira a uma destilaria. “Meus amigos e eu queremos que você volte ao nosso lugar. Somos três, três grandes paus, do jeito que você gosta,” ele ri, olhando por cima do ombro, para o que eu suponho que sejam seus amigos.

Sua declaração me deixa enjoada, meu estômago revirando, bile subindo pela minha garganta.

Ele fala como se isso fosse algo que eu gostasse ou fiz antes.

De jeito nenhum eu teria tido um trio, certo?

“Deixe-me ir,” eu rosno em seu rosto, arrancando meu braço de suas mãos. Dou alguns passos instáveis para trás. “Não me toque de novo, idiota.”

Ele segura as mãos no ar como se estivesse se rendendo, mas algo me diz que se não estivéssemos em uma festa com um monte de gente nos observando, essa situação teria terminado muito diferente. Virando-me, afasto-me dele e vou para a multidão, subitamente me sentindo mais segura lá. Tomo outro gole da minha bebida, esperando que o líquido frio esfrie meu sangue quente. Esse cara é um idiota, um imbecil.

Por um momento, fecho os olhos e esqueço o mundo ao meu redor. Eu quase rio alto. Estou tentando esquecer quando tudo o que tenho feito nas últimas semanas é tentar lembrar. Inspirando profundamente, meus olhos se abrem novamente. Eu me sinto diferente. Há uma sensação estranha no meu estômago que parece se espalhar pelos meus membros em um ritmo rápido. Dando alguns passos, noto como minhas pernas estão bambas e instáveis, como uma jovem corça recém-nascida.

Eu bebi tanto álcool?

As pessoas correm na minha direção quando volto para dentro ou estou correndo para elas? Minha percepção está errada. Sinto minha mente ficando mais nublada a cada segundo. A cada passo que dou, fico mais confusa, mais insegura, menos coerente.

Que diabos?

Olho para cima para ver se ainda estou na direção certa, mas não consigo mais sair pela porta, tudo o que vejo são pessoas dançando, conversando e bebendo. O mundo continua ao meu redor enquanto minha capacidade de concentração se esvai lentamente, e não há nada que eu possa fazer sobre isso.

“Mudou de ideia, Sexy?” A voz arrepiante do cara anterior chega aos meus ouvidos, enquanto dedos úmidos circulam meu pulso, me afastando da pista de dança. Quero gritar, mas nada sai. Quero lutar com ele, mas meus membros não se mexem. O pânico inunda minhas veias, e tudo em que consigo pensar é quão estúpida eu sou por vir aqui.

Capítulo Cinco

Em algum lugar em meu estado de pânico e mente confusa, dedos carnudos são substituídos por mãos macias. O cheiro de suor e álcool é substituído pelo perfume limpo de frutas cítricas e chuva. O terror que sinto por dentro é substituído por uma eterna calma.

Sem saber como ou por que, sei que estou segura.

“Nunca mais toque nela...” Uma voz familiar rosna, o som vibrando através de mim enquanto meu ouvido pressiona contra um peito quente e firme.

“Nós estávamos apenas nos divertindo, Oliver. Não fique tão chateado.”

“Você tem sorte de ter pessoas aqui, se fôssemos apenas você e eu, seu queixo estaria quebrado agora,” Oliver ameaça o monstro. “Talvez alguns dedos também...”

Ele não diz mais nada, apenas passa o braço em volta de mim e começa a me levar a algum lugar. Minhas pernas mal funcionam, e eu sei que ele meio que me carrega. Em um ponto, ele apenas me pega quando meus movimentos se tornam mais lentos.

A música e o barulho da festa desaparecem até ficar quase completamente silencioso ao nosso redor. A única coisa que resta é o ritmo constante do coração pulsante de Oliver.

Não sei bem como cheguei lá, mas na próxima vez que abro os olhos, estou no banco de trás de um carro. Meu corpo parece pesado e inútil, meus membros fracos como se tivessem pedras amarradas nas extremidades deles. Quando tento me sentar para olhar em volta, percebo que não estou sozinha. Oliver está comigo, e estou deitada no colo dele, seu braço segurando minha cabeça.

"Olá," ele sussurra, seus dedos roçando meu rosto, fazendo minha pele formigar e algo no fundo da minha mente brilhar com vida.

"Você quer que a gente te faça sentir bem?" Posso ouvir a voz de Oliver no meu ouvido, mas não tenho certeza se isso é real ou uma lembrança.

Ele passa a mão pelas minhas coxas. Meu coração começa a bater rapidamente, o desejo agrupando profundamente no meu interior.

"Sim," eu digo sem fôlego, minha língua disparando sobre o meu lábio inferior para molhá-lo.

"Eu quero tocar em você," Oliver ronrona.

"Você está me tocando," eu provoco, mesmo sabendo exatamente o que ele quer dizer.

Sorrindo, ele usa a mão para afastar minhas pernas.

"Eu quero tocar você aqui," ele murmura e deixa o polegar fantasma sobre minha calcinha que cobre minha buceta. Pegando a dica, eu estendo minhas pernas ainda mais. Ele pega o convite e passa os dedos sobre o tecido antes de enfiar o polegar na cintura da minha bermuda e começar a puxá-la para baixo...

“Você está bem, Harlow?” Oliver pergunta, me arrastando de volta à realidade. “Você está com uma respiração engraçada... por favor, diga que está bem.”

“Estou bem,” eu digo, minha voz sai estranha e quebrada, mas pelo menos entendo as palavras. Tentando manter meus olhos abertos, quero olhar para o rosto dele, mas minha visão está embaçada e não consigo distinguir todos os seus traços. Então eu fecho meus olhos e tento me lembrar dele, mas quando o faço, não é o Oliver que vejo... é Banks.

“Você quer que a gente faça você gozar?” Pergunta Banks, sua voz estranhamente profunda quando ele se afasta apenas o suficiente para falar.

Estou tão confusa... Banks está aqui? Não... acho que estou sonhando ou lembrando de algo. Incapaz de me apegar à realidade, deixo minha mente me puxar para baixo, me atraindo cada vez mais fundo.

“Sim, por favor,” as palavras saem em um suspiro porque, assim que as falo, Oliver desliza um de seus dedos grossos na minha entrada.

“Porra, Banks, ela está apertada como o inferno.” A voz de Oliver está tensa, os músculos do pescoço apertados. Parece que ele está pronto para explodir.

Lentamente, as peças do quebra-cabeça se encaixam, pintando uma imagem maior na minha cabeça. Eu estava com os dois, Oliver e Banks; deitada no colo deles, enquanto ambos me tocavam... e eu gostei. Eu queria, e até pedi.

Tento abrir os olhos mais uma vez e perguntar a Oliver o que aconteceu entre nós, mas minhas pálpebras estão

muito pesadas, minha cabeça muito confusa. Sinto sua mão segurando minha bochecha, seu polegar correndo sobre minha pele suavemente, e me conforto com isso. Seu toque é terno, gentil e, antes que eu perceba, caio no sono.

A próxima vez que abro os olhos, a neblina que circunda minha cabeça se eleva um pouco. Minha mente está mais clara, meus pensamentos mais nítidos. Ainda estou no banco de trás de um carro e Oliver ainda me segura em seu colo, embora seus olhos estejam fechados agora, sua cabeça inclinada para trás apoiada no encosto.

Por um longo tempo, eu fico lá, olhando para o rosto adormecido. Está completamente escuro lá fora, mas há um poste de rua não muito longe, que brilha luz suficiente no carro para me deixar ver como ele está calmo. Tão angelical que não quero acordá-lo, mas também quero falar com ele. Preciso falar com ele.

“Oliver,” eu sussurro chamando por ele. Mexendo-se levemente, seus olhos se abrem e, como dois ímãs juntos, nossos olhares colidem.

“Ei, você. Está se sentindo melhor?” Sua voz sonolenta é aspera, mas a mão que segura minha cabeça é quente e gentil.

“Sim... eu não sei o que aconteceu, acho que bebi demais,” admito. Só então me lembro do canalha que passou a mão em mim. “Obrigada por me ajudar com esse cara mais cedo.”

“Não há necessidade de me agradecer.” A voz de Oliver cai, e eu tremo involuntariamente na profundidade dela. “Somos amigos, e é isso que os amigos fazem, eles se protegem.”

Eu não entendo por que, se todo mundo me diz para ficar longe deles, o porquê de ele me proteger ou até dizer que somos amigos. Ainda estou sonhando?

"Somos amigos?" Eu pergunto, sentando-me e lentamente me virando para encará-lo. "Todo mundo fica me dizendo para ficar longe de você e seus irmãos, porque vocês estão tentando me machucar."

"Somos amigos." Ele responde, com a voz cortada. "E machucá-la é a última coisa que qualquer um de nós quer fazer." A sinceridade de sua voz faz com que um calor lento se desfaça através da minha barriga.

"Nós... éramos *mais* do que amigos?" Eu gaguejo sobre as palavras, fazendo a pergunta. Realmente quero saber a resposta? Todas essas memórias e pensamentos, as coisas que aquele cara me disse antes sobre querer três... paus. É quase como se ele estivesse implicando que eu estava dormindo com os três.

"É complicado... saiba que nos preocupamos com você e que estamos tentando cuidar de você. Ninguém vai machucá-la, nunca mais."

"E quando você diz *nós* quer dizer, Banks e Sullivan? "

"Sim, todos nós nos importamos com você." Seus olhos se afastam e ele olha pela janela para a a escuridão da noite. Há uma longa pausa antes que ele fale novamente, e é quase como se Oliver estivesse reunindo seus próprios pensamentos. "Eu deveria levá-la de volta ao seu dormitório, agora que você está se sentindo melhor."

Estou prestes a contestar, mas ele já está do lado de fora, me deixando sozinha no banco de trás. Oliver entra na

frente e liga o carro, o motor rugindo para a vida e preenchendo o espaço silencioso.

Durante todo o percurso de volta aos dormitórios, ele fica quieto e eu também, sem saber o que dizer ou fazer. Eu deveria fazer mais perguntas, investigá-lo e aos seus irmãos ainda mais, mas assim que abro a boca para começar a falar, paramos na frente dos dormitórios. Os dois guardas que meu pai enviou comigo andam até o carro logo que Oliver estaciona, quase como se esperassem que estivéssemos aqui.

Um deles abre a porta, com um olhar sombrio em seu rosto. “Harlow, você deveria ter ficado no seu dormitório. Isso foi muito perigoso, e por causa do seu comportamento imprudente, temos que relatar isso ao seu pai.”

“Oh não, nada disso...” Eu digo sarcasticamente, soltando um suspiro exagerado e revirando os olhos. “Você percebe que sou adulta, certo? Que estou na faculdade e que realmente não sou obrigada a obedecê-lo?”

“Seu pai só quer que você esteja segura.” Então ele continua falando, quase como se estivesse tentando convencer todos ao meu redor que as intenções são puras, mas nem todo mundo sabe o que eu faço ou os sentimentos que estou experimentando.

“Boa noite, Harlow,” Oliver chama do banco da frente antes de eu sair do carro, obviamente tendo ouvido toda a conversa.

“Boa noite,” respondo e fecho a porta atrás de mim. Assim que eu faço, ele acelera. Acho que Oliver mal podia esperar para sair daqui. Dando de ombros, volto para o dormitório, ignorando os dois guarda-costas que me seguem

até chegar à porta. Escapando para dentro, subo as escadas, parando quando chego à porta do meu quarto.

Percebo então que nunca encontrei Shelby, e o pensamento dela sozinha naquela festa é inquietante. Talvez eu possa voltar e buscá-la? Não, estou exausta demais para isso. Estou a segundos de um colapso quando a porta do quarto se abre, e Shelby aparece com seus braços finos me envolvendo e me puxando para o peito. Estou brevemente ciente dela me puxando para dentro do quarto e fechando a porta atrás de nós.

“Oh meu Deus! Eu estava preocupada, Harlow. Fui te procurar, e alguém disse que viu você sair com Oliver. O que aconteceu? Ele te machucou?” O pânico em seu rosto faz meus joelhos dobrarem. Todo esse tempo eu estava preocupada com ela, enquanto ela estava aqui me procurando.

“Ele não me machucou,” murmuro enquanto ela me ajuda a ir para minha cama. Há um latejar atrás dos meus olhos que faz parecer que fui espancada na cabeça meia dúzia de vezes com um tijolo.

“Ele me salvou,” acrescento.

“Salvou você?” Shelby diz, completamente confusa.

“Sim, um cara estava ficando abusado comigo, e Oliver disse para ele ir embora. Então, ele me ajudou a ir até o carro dele e depois adormeci por um tempo. Quando acordei, me senti melhor.”

Shelby parece, bem, como se estivesse prestes a ficar doente. “Oliver não te protegeu, Harlow, ele te emboscou. O tempo todo que estive lá dentro, foi porque ele se recusou a

me deixar sair. Fui fazer uma bebida para você, e ele bloqueou minha saída quando tentei voltar para fora. Então ele colocou algo na bebida que eu fiz e deu para um cara para ele levar para você, dizendo que eu mandei, mas eu nunca faria isso." A vergonha enche seus olhos. "Ele drogou você, Harlow! Ele não estava tentando salvá-la, estava tentando usá-la, machucá-la, e não é a primeira vez que esse tipo de coisa acontece. Acho que é hora de contar toda a verdade."

"Que verdade? Do que diabos você está falando?"

Shelby se senta no colchão ao meu lado. "Eu queria te contar, mas seus pais pensaram que seria muito estressante, então tentei não dizer nada, mas você precisa saber sobre os Bishops por sua própria conta e, aparentemente, agora por sua segurança também.

Meu estômago cai e eu a encaro, esperando que ela comece a falar.

"Antes do acidente, os Bishops a seguiram até Bayshore. Eles queriam vingança, e tenho certeza, mas não tenho provas, de que foi um deles que bateu em você com o carro. Isso não me surpreenderia. Eles tentaram te matar uma vez antes, empurrando você de um barco em que estávamos festejando. Você quase se afogou!"

"Por quê? Por que eles fariam isso? Por que a polícia não sabe sobre essas coisas?"

Shelby zomba: "Eles não são estúpidos, cobriram seus rastros, mas se você está procurando por provas de que eles tentaram machucá-la, posso lhe dar muito disso e mais algumas."

“Prova? Que prova?” Meu peito dói só de pensar em Oliver tentando me machucar. Ele foi tão legal antes... tão gentil e bondoso, e senti-me segura com ele. Posso realmente ser tão ruim em julgar o caráter das pessoas?

Shelby agarra minha mão, uma carranca ultrapassa seus lábios. “Eles não tentaram machucá-la fisicamente. Intimidaram-na o tempo todo que você esteve aqui. Você pode perguntar a qualquer aluno da universidade. A maioria deles sabe ou já viu em primeira mão. Os Bishops espalharam boatos a seu respeito, dizendo que você dormiu com um monte de caras e, pior ainda, disseram às pessoas que você gosta de sexo a três, sexo excêntrico e que você era pateticamente apaixonada por eles porque eles a rejeitaram.”

Shelby balança a cabeça e puxa o telefone procurando algo no Facebook. “Como se isso não bastasse, eles até criaram um banner e penduraram no campus com o seu número.” Ela me entrega o telefone. Algumas fotos foram tiradas do perfil de uma garota chamada Tiffany. A primeira é dela sentada no colo de Oliver mordiscando seu pescoço. O ciúme inunda meu sistema, e não sei o que fazer com isso. Não tenho direito a ele e, aparentemente, nunca o fiz, então por que diabos me sinto assim?

Rolar as fotos para baixo só piora. Mais dela e Oliver, outras dela com Banks. Depois Banks com outra garota. Sullivan também está em algumas imagens. Todas elas me fazem sentir da mesma maneira. Ciumenta e traída, nenhum desses sentimentos é justificado ou explicável.

Então encontro uma foto que ela falou. Tiffany, duas outras garotas e os irmãos Bishop estão de pé diante de uma faixa, posando com ela e rindo. Lê-se: **Harlow precisa de mais paus - envie fotos, se você está a fim de fazer SEXO!**

Um número, que suponho que costumava ser meu, está escrito na frase.

"Foi terrível. Seu telefone não parava de tocar, você teve que obter um novo número. Caras a assediavam quando você atravessava o campus. Não sei por que foram tão cruéis com você."

Não entendo. Eu posso sentir meu coração lutando para bater. Parece que fui destruída e estou lutando para me manter inteira.

"Sinto muito, Harlow. Eu tentei que parassem, mas era praticamente a faculdade toda contra nós duas. Então o acidente aconteceu, e eu estava tão preocupada com você." Os olhos dela brilham com lágrimas não derramadas.

"Obrigada por ser uma grande amiga, Shelby, você sempre ficou do meu lado... através de tudo, mesmo quando eu não lembrava quem você era," forço um sorriso porque, sinceramente, sinto vontade de chorar agora. Não sei por que, mas sei. É como se o próprio pensamento deles fazendo essas coisas destruísse as imagens perfeitas que tenho deles em minha mente.

"Bem, para que servem os amigos, se não para proteger aqueles com quem se preocupam. Você teria feito o mesmo por mim. Agora vamos tentar dormir um pouco antes do sol nascer."

Concordo com a cabeça, enquanto Shelby se levanta e começa a colocar seu pijama. Nem me incomodo. Tudo o que faço é tirar meus sapatos e jeans skinny antes de me enrolar na minha cama. Quando as luzes estão apagadas e o quarto está coberto de silêncio, espero o sono chegar, mas nunca acontece; em vez disso, me vejo olhando para o teto,

perguntando-me por que os irmãos Bishop eram tão maus comigo, e se eles me intimidaram, por que me sinto tão conectada a eles? Por que machuca fisicamente pensar que eles estão com outra pessoa?

Capítulo Seis

Faz dois dias desde a festa, mas a dor no meu peito pelo que Shelby compartilhou não para de pulsar. Parece um hematoma que é continuamente estimulado, nunca tendo a chance de curar. Felizmente, eu não vi nenhum dos irmãos Bishop, e estou mais do que bem com isso. Não tenho muita certeza de como abordá-los agora que sei a verdade. Inferno, eu realmente não entendo tudo isso.

Minhas emoções são uma montanha-russa, para cima e para baixo a cada curva, depois um *loop* como o golpe final. Eu quero odiar os três, mas no fundo há uma centelha de dúvida de que eu poderia odiá-los. Se pudesse recuperar minha estúpida memória, talvez pudesse finalmente entender tudo.

Entrando na sala de aula, lembro-me das palavras de Shelby: *"Eles te seguiram até aqui para se vingar."* Essas palavras sozinhas, juntamente com as que Matt me disse: *"Acho que você prefere se matar do que foder com ele."*

Depois, há as fotos no telefone... as coisas que eles fizeram. Tudo aponta para o que todo mundo me diz... nós não passamos de inimigos, *rivais*.

Afastando os pensamentos, encontro um assento em uma das mesas vazias na parte de trás da aula de Química. Já existem pequenas estações de laboratório montadas no centro de cada mesa, e a aparência delas me deixa nervosa. Não tenho ideia do que fazer, espero que quem decida se sentar ao meu lado saiba o que fazer.

Uma garota de aparência pequena, com cabelos castanhos curtos, aparece do nada, deslizando no assento ao meu lado. Ela sorri alegremente e, enquanto eu a encaro, talvez um pouco demais, não posso deixar de pensar que ela se parece com uma versão adulta de Sininho.

“Oi, Harlow. Eu sou Caroline.”

Ela deve me conhecer.

“Oi,” tento sorrir de volta, mas não faz sentido. Há muita coisa acontecendo dentro da minha cabeça e, sinceramente, não estou feliz o suficiente agora para reunir o menor dos sorrisos, e fingir simplesmente não é mais opção.

“Acho que nos conhecíamos, e é assim que você sabe meu nome?” Tento não parecer irritada, porque realmente não estou, mas essa perda de memória está começando a pesar em mim, entre outras coisas.

“Sim, somos amigas, ou pelo menos espero que ainda sejamos,” ela levanta uma sobrancelha como se estivesse esperando uma resposta.

“Talvez... acho que temos que começar tudo de novo. Meu cérebro parece um pouco como ovos mexidos agora.”

“Estou pronta para isso,” ela sorri e estende a mão.

“Oi, eu sou Caroline, é um prazer conhecê-la.”

Segurando sua mão, dou um aperto suave. “É um prazer conhecê-la, Caroline.”

“Estou tão feliz que você está bem, menos os problemas de memória e tudo.” Ela sorri novamente, e me pergunto como ela faz isso, parece ser feliz o tempo todo.

“Oi, Harlow,” outra garota diz, enquanto caminha até a nossa mesa. Olhando para ela, percebo que é a tal Tiffany das fotos que Shelby me mostrou na outra noite. Meu humor afunda ainda mais.

Não preciso desse lembrete de como fui tratada e de como os Bishops me ofenderam. Sem cumprimentá-la, pego meu livro e o abro, fingindo encontrar uma página imaginária que estou procurando. Qualquer coisa é mais interessante neste momento do que reviver o inferno de algo que não me lembro.

“Qual é o problema? É boa demais para dizer *oi* agora?” Tiffany bufa, encostando-se à mesa, as pulseiras em seu pulso batendo forte contra a madeira. “Parece que você se lembra de mim muito bem. Então, acho que a coisa toda de perder a memória é apenas uma farsa para chamar a atenção? Você acha que é assim que os Bishops a notam?”

“Não fale com ela,” retruca Caroline.

“Bem, olhe para você, crescendo uma espinha dorsal de merda.” Os músculos da minha mandíbula se contraem, meus dentes rangem com tanta força que consigo ouvir o som deles colidindo nos meus ouvidos.

“Ela não quer falar com você,” Caroline torce o nariz, “e honestamente, você nem merece estar na presença dela. Você não passa de uma grande valentona.”

Tiffany estreita os olhos e se inclina ainda mais sobre a mesa, e penso em empurrar seus braços para trás e vê-la cair de cara contra a superfície de madeira.

"Isso é engraçado, como se os irmãos Bishop não tivessem nada a ver com isso? Quem você acha que me disse para fazer isso? Você acha que o banner foi ideia minha? Pense de novo."

"Tenho certeza de que você se convenceu disso," Caroline olha furiosa, com os olhos ardendo como lava derretida. "Que você não tenha aproveitado nem um segundo."

Zombando, Tiffany responde de volta: "Como se ela não gostasse de toda a atenção, pena que não foi suficiente para manter o interesse dos Bishops. No final do dia, eles vêm para a minha cama."

"Tiffany, por favor, encontre um assento." O professor grita da frente da sala de aula, sua voz ecoando pelo espaço, chamando atenção excessiva para nós três.

"Você tem sorte, vocês duas," Tiffany praticamente cospe as palavras, antes de virar os pés para encontrar um lugar vazio. Assim que ela se vai, eu quase derreto na minha cadeira.

Bem, isso não foi agradável.

O professor nos diz para abrir nossos livros à página 75 e começa a falar sobre algo da aula da semana passada. Tento me concentrar no quadro e nas notas, mas toda vez que olho para o quadro, vejo a cabeça loira estúpida de Tiffany.

Caroline se inclina e sussurra: “Sinto muito que você tenha visto isso, e que conversamos como se você não estivesse aqui. Ela só me deixa com tanta raiva. Sempre representando a vítima.” O fogo ainda brilha nos olhos dela, e sei que suas intenções são puras. Caroline só está tentando ser uma amiga.

O resto da aula passa num piscar de olhos, ou seja, quando esqueço a vaca loira sentada a alguns metros de distância. Com a lembrança dela desaparecendo, realmente começo a me divertir. Isso até o momento da experiência prática.

Nervosa, olho para Caroline: “Você sabe alguma coisa sobre esse assunto de Química?”

“Você está olhando para uma aluna nota A,” ela pisca, e eu a vejo acender o queimador antes de reorganizar todos os copos e testar os tubos de ensaio. “Apenas sente-se e fique bonita, e me deixe fazer todas as coisas difíceis,” ela ri e estala os nós dos dedos.

Ela começa a misturar alguns dos líquidos e os coloca sobre a chama, enquanto eu assisto meio curiosa e um pouco desconfiada do que pode acontecer a seguir. Quando o líquido começa a ferver, ela abaixa o botão do queimador, mas a chama fica maior em vez de menor. Os sinais de socorro começam a disparar em meu cérebro como sinais de trânsito vermelhos brilhantes.

“Mhh, isso é estranho,” sua testa enruga e suas palavras devem ser altas o suficiente para que o professor ouça, porque eu o vejo se aproximar pelo canto do olho: “Acho que esse queimador pode estar quebrado.”

O professor Keller caminha até nossa mesa e olha mais de perto, quando ele toca a maçaneta, a chama dispara como se ele a tivesse aumentado completamente. A chama é tão grande que posso sentir o calor dela no meu rosto. Por instinto, Caroline e eu nos afastamos da mesa, enquanto o professor Keller tenta desligar o queimador. Assim que ele toca no interruptor, a coisa toda explode em seu rosto. Um grito fica preso na minha garganta quando a sala de aula inteira começa a se transformar em caos.

Tudo acontece tão rápido que meu cérebro mal consegue acompanhar. O rosto do professor Keller está gravemente queimado e, embora eu queira ajudá-lo, não sei como. Estou em choque demais para saber alguma coisa agora. Caroline agarra meu braço e me afasta ainda mais, enquanto um cara ajuda o professor a se sentar em uma cadeira próxima. Pessoas ao nosso redor saem da classe e outras duas estão ao telefone com serviços de emergência.

Alguns outros professores entram na sala nos dizendo para sair. Caroline nunca deixa o meu lado quando saímos do prédio. Onde um grupo de pessoas se reuniu muitas garotas estão chorando, e até os caras parecem estar prestes a entrar em colapso.

Quando olho para Caroline, percebo que ela está com o telefone mandando mensagem para alguém. Pergunto-me brevemente se devo mandar mensagem para alguém, preciso informar Shelby que estou bem? Meu pensamento é interrompido quando a ambulância e as sirenes da polícia se aproximam em alta velocidade.

“Vamos sair do caminho,” diz Caroline e começa a me puxar para longe. Eu a sigo sem pensar até o lado do prédio.

“Você não acha que eles gostariam de conversar conosco? Talvez devêssemos voltar,” aponto, quando já estamos na esquina. Caroline para e me encara, uma expressão ilegível no rosto.

“Harlow, ouça, você precisa acreditar quando digo que sou sua amiga. Pode não ter começado assim, e sinto muito por isso, mas agora sou sua amiga e estou fazendo isso para ajudá-la.”

“Está fazendo o quê para me ajudar?” Mal termino as palavras antes que alguém me agarre por trás. Uma mão bate na minha boca, abafando meu grito. Um par de braços musculosos circunda minha cintura e me puxa para um peito firme enquanto sou arrastada para trás.

Meus olhos procuram Caroline, e vejo o rosto dela antes de me virar. Está em branco como se ela tentasse ignorar minha luta e não quisesse reconhecer meu medo. No meio da minha fúria, meu instinto de luta entra em ação e começo a chutar minhas pernas e agitar meus braços, mas não adianta, estou basicamente imobilizada. Lágrimas habitam meus olhos e caem pelas minhas bochechas.

Quando percebo que meu agressor me puxa em direção a um caminhão velho, pressiono meus calcanhares no chão, mas ele apenas me pega e me leva até ele. A porta do motorista se abre e um segundo cara sai. Assim que ele aparece, meu coração para. *Banks.*

Banks abre a porta dos fundos para que quem esteja atrás de mim possa me empurrar. Suponho que seja Sullivan ou Oliver quem me segura firme. Meu peito aperta e mais lágrimas escapam dos meus olhos, deixando minha visão embaçada.

“Não chore, nós não vamos machucá-la,” a voz suave de Oliver faz cócegas no meu ouvido, confirmando minha suspeita. Eu esperava que ele me empurrasse pelas costas, mas, em vez disso, Oliver me segura enquanto entra no banco de trás. Banks fecha a porta e sobe no banco da frente. Assim que ele faz, nós aceleramos.

O mundo parece girar ao meu redor. Estou sentada no colo de Oliver, a mão dele ainda cobrindo minha boca e o outro braço é como uma barra de ferro no meu peito.

Só então percebo o perigo em que estou. Estou sendo sequestrada. Eles estão me levando para Deus sabe onde, com a intenção de fazer quem sabe o quê.

Todo cenário ruim passa pela minha cabeça. Medo e terror se espalham no meu interior, fazendo meu corpo inteiro tremer de medo.

“Shh, está tudo bem,” Oliver tenta me acalmar, sua voz baixa e reconfortante. Não posso deixar de me perguntar se este é um jogo doentio para ele. Oliver não pode realmente esperar que eu acredite nele. Claro, ele não sabe o que eu sei agora. “Vou tirar minha mão. Prefiro que você não grite.”

Preferiria? Que otário.

Lentamente, ele remove a mão da minha boca e eu respiro profundamente. Não grito, principalmente porque realmente não faz sentido. Estamos em um caminhão dirigindo pela estrada.

Quem vai me ouvir?

Cavando fundo, encontro forças para falar, para revidar. “Para onde estão me levando? O que vão fazer?”

“Eu já disse a você, somos amigos e estamos tentando ajudá-la.”

“Não somos amigos,” rosno, tentando lutar contra seus braços musculosos. “E você me machucou. Eu sei o que você fez. Shelby me contou tudo. Não faz sentido tentar esconder.”

“E o que é isso?” Ele pergunta, um pouco divertido.

“Eu sei que você me drogou outro dia naquela festa.”

“Não sei por que ela diria isso, mas posso garantir que não fui eu. Qual seria o meu motivo para fazer isso?”

“Eu não sei, por que você não me diz? Ela me disse que você não a deixou voltar para fora e mandou um cara aleatório me trazer uma bebida batizada.”

“Primeiro de tudo, por que eu te drogaria e depois me sentaria em um carro com você por três horas até você ficar sóbria, só para levá-la para casa? Segundo, se eu realmente fiz isso, por que Shelby não chamou a polícia?”

Suas palavras me fazem parar de lutar.

Por que ele faria e por que ela não chamou a polícia?

Não faz sentido. Shelby deveria ser minha amiga. Ela deveria me ajudar, não me machucar. Por que ela faria uma coisa dessas? Banks faz uma curva acentuada, fazendo-nos deslizar pelo assento de couro. O movimento interrompe meus pensamentos.

O ar sai dos meus pulmões quando quase bato na janela. O impacto seria na minha cabeça se não fosse pelos braços fortes de Oliver ao meu redor.

É então que percebo que ainda estou sentada no colo dele. Empurrando-o, saio de seu colo, sento-me ao lado dele e tento reunir meus pensamentos.

Estou confusa, muito além de confusa.

“Não sei... mas sei o que vi. Ela me mostrou fotos suas e da Tiffany. Sei que você me aterrorizou na faculdade, que pendurou um banner com o meu número e espalhou boatos sobre mim.”

O rosto de Oliver cai com a menção dessas coisas, e sei que elas são verdadeiras.

“Eu não vou mentir, Harlow. Todas essas coisas são verdadeiras, mas isso foi antes...” Sua voz diminui, e parece que ele sente vergonha.

Suas palavras doem mais do que previ. Eu já sabia a verdade, mas parte de mim esperava que não fosse verdadeiro, que talvez Oliver negasse ou tivesse uma explicação para suas ações, mas ele não faz. Desapontamento e ciúme se instalam profundamente no meu interior.

“Por que eu acreditaria em qualquer coisa que você diz agora? Você acabou de admitir me intimidar. Fez minha vida um inferno, e agora, de repente, quer me ajudar?” Eu zombo, eles não podem esperar que eu acredite nessa história de merda.

Oliver parece desprezado, mas não derrotado. “Você também não é inocente. Sim, meus irmãos e eu fizemos algumas coisas, mas você fez algo tão ruim quanto. Queríamos arruinar sua vida porque você arruinou as nossas quando plantou drogas no bolso do Sullivan.”

Banks aproveita esse momento para dizer algo pela primeira vez: “O que você fez dois anos atrás afetou toda a nossa família. Os negócios de nosso pai faliram, tivemos que nos mudar e começar tudo de novo. Então, sim, queríamos vingança. Mas nunca machucamos você fisicamente... *nunca.*” Por alguma razão estúpida, olho para o banco da frente, meus olhos encontrando Banks no espelho retrovisor.

“Tudo o que você acabou de dizer apenas prova que você deve me odiar e que eu não devo confiar em você.”

Oliver suspira alto e esfrega as mãos pelo rosto em frustração: “Você só precisa confiar em nós, eu acho.”

“Estamos quase chegando,” Banks fala, e me pergunto onde diabos *estamos indo*. Olhando pela janela, está claro que deixamos a cidade, considerando todas as árvores. Banks sai da estrada e segue para uma estrada menor. Depois de mais alguns quilômetros, ele desce uma estrada de terra e meu pânico começa.

“Para onde estamos indo?” Eu pergunto, fazendo o meu melhor para manter minha voz firme.

“Compramos uma cabana aqui para fugir da faculdade quando queremos. Nós vamos ficar lá por alguns dias até que possamos descobrir quem está tentando machucá-la.

“Ninguém está tentando me machucar, e se estiverem, é melhor eu voltar aos dormitórios com os guardas estando segura do que jamais estarei aqui com qualquer um de vocês.” No final do dia, os Bishops e eu sempre seremos rivais, e nada do que eles me digam jamais mudará isso.

“Claro, você pode pensar em tudo o que quiser, mas não ficará fora de vista até decidirmos que é seguro,” assobia Banks.

Cruzando os braços sobre o peito, olho pela janela, observando enquanto dirigimos cada vez mais fundo pelo deserto.

“Você pode me dizer o que quiser, nunca vou acreditar em nada.” As palavras saem mais fortes do que eu previa, mesmo que pareça que sou um pedaço de pedra em ruínas à beira de um penhasco.

Oliver fala desta vez: “Tudo bem. Talvez você não acredite em nós, mas não pode negar a verdade quando está bem na sua frente agora, pode?”

“Eu acredito quando vejo, e me sequestrar não parece ser muito bom para você.” Não ouso olhar para ele, porque no fundo eu sei que Oliver está certo. No fundo, não há como desviar o olhar da verdade. Agora, a verdadeira questão é... qual é a verdade toda?

Capítulo Sete

Paramos em uma cabana no meio do nada. Provavelmente, estamos a quilômetros de distância de qualquer outra casa e, embora eu não saiba para onde correr, não vou deixar que me levem para dentro da cabana.

Banks desliga o motor e abro a porta ao mesmo tempo. Antes que percebam o que estou fazendo, corro para longe do carro, deixando a cabana e eles para trás.

“Harlow, pare!” Oliver me chama, mas não escuto ou me viro. Empurrando minhas pernas para ir o mais rápido possível, corro como o vento. Árvores passam por mim enquanto meus pés batem no chão macio da floresta. Não ouço ninguém me seguindo e estou confusa por isso.

Então, do nada, um corpo me encontra, braços circulando minha cintura enquanto sou derrubada no chão coberto de terra. Estou prestes a cair com o rosto na terra, mas no meio do vôo meu agressor nos vira, então ele cai no chão com força, comigo em cima dele.

Ainda assim, o impacto é forte o suficiente para tirar o meu fôlego. Fechando os olhos, ofego por ar, enquanto meu coração bate anormalmente rápido no peito.

Alguém grunhe pesadamente atrás de mim, mas seu aperto ao meu redor permanece o mesmo. “Merda... isso doeu. Você está bem?” Sullivan geme no meu ouvido.

“Deixe-me ir e ficarei melhor,” retruco. Em vez de me soltar, ele rola para que possamos nos levantar juntos. Mantendo uma mão firmemente no meu braço, ele me leva de volta para a cabana da qual acabei de fugir.

Oliver e Banks estão de pé na porta, ambos com os braços cruzados sobre o peito, me dando um olhar de desaprovação. Oliver realmente balança a cabeça quando passo por ele, e tenho o desejo de chutar sua perna.

“Não me olhe como se você fosse meu pai, e eu estivesse perdido o toque de recolher. Você me sequestrou, realmente acha que eu não tentaria fugir?”

“Você é um pé no saco,” murmura Banks baixinho em algum lugar atrás de mim.

Eu ignoro o comentário dele.

Atravessando a varanda, entro na pequena cabana, que é basicamente uma sala grande. Meus olhos disparam, há uma cozinha compacta, uma área de estar com uma tela plana, uma poltrona reclinável, um sofá e em ângulo no canto há uma cama king-size. Existe apenas uma outra porta além da porta da frente, e acho que leva a um banheiro.

Não. *Inferno.* Não!

“Eu não vou ficar aqui,” eu grito. “Leve-me de volta para o campus, agora,” eu exijo, mas quando me viro, fico cara a cara com os três rapazes.

Acho que eles estão me dando um nível diferente de olhar sério.

“Não,” Oliver dá um passo à frente, forçando-me a dar um passo para trás. "Pare de lutar contra nós.”

“Nunca,” eu torço meu lábio. Dando outro passo para trás, quase tropeço nos meus próprios pés. Sullivan vem em meu socorro mais uma vez, sua mão segurando meu bíceps suavemente. O calor do seu toque queima minha pele, e em vez de querer me afastar, desejo me inclinar para o seu toque e deixá-lo envolver os dois braços em volta de mim.

“Bem, isso está indo bem,” Banks suspira, fechando a porta e girando a fechadura. O barulho chama minha atenção. Merda, estou presa dentro desta cabana com os três, sem saída. O medo desliza por minhas veias, mas há algo mais que reside logo abaixo da superfície. Está quente e faz meu estômago revirar. Não entendo isso e nem quero. Esses homens são meus inimigos, nada mais.

Com a mão ainda em volta do meu braço, Sullivan se vira para seus irmãos. “Você explicou a Harlow por que ela está aqui?”

Oliver joga as mãos no ar, seu rosto bonito cheio de frustração. “Dissemos que ela estava em perigo, do que não explicamos. Não importa agora, porque ela não vai acreditar em nada que dissermos. A Shelby fez uma lavagem cerebral séria. Nada do que falarmos vai funcionar.”

“Ok, vamos apenas sentar e respirar,” sugere Sullivan, me levando para a sala. Nos sentamos, e Banks e Oliver seguem o exemplo. Oliver senta ao meu lado, deixando-me entre ele e Sullivan, enquanto Banks se senta na poltrona.

Um longo e tenso momento de silêncio enche a sala, e tudo em que consigo pensar é no que eles farão a seguir. *Quanto tempo podem me manter aqui?* Quanto tempo demora

para alguém perceber que estou desaparecida? Eles realmente não me machucaram e já tiveram muitas oportunidades, então talvez estejam dizendo a verdade, pelo menos sobre isso.

"Hipoteticamente falando... digamos que acredito em vocês... que vocês querem me ajudar e me manter a salvo de alguma ameaça desconhecida. Por quê? Você já admitiu me odiar em um ponto. Por que não odeia mais? O que mudou isso?"

"Bem," Banks ri e eu juro que ele fica ainda mais bonito. "*Você.* Você meio que mudou tudo por conta própria. Não mentimos quando dissemos que estávamos em busca de vingança. Acho que nunca consideramos esse ódio transformado em outra coisa, algo que começou a parecer em nada com ódio. Cada um de nós passou muito tempo com você, e eu acho que você nos conquistou em mais de uma maneira." Um sorriso travesso aparece em seus lábios, e isso me diz que ele está falando sobre algo além da amizade.

"Oliver disse que éramos *apenas* amigos."

"Não acho que *amigos* façam o que fizemos," Banks ri.

Meus olhos disparam entre os três. Eles não podem realmente dizer o que eu acho que estão dizendo, podem?

"Eu..." Minhas bochechas esquentam e uma pedra do tamanho do Texas começa a se formar na minha garganta. Aquele cara da festa disse que eu gostava de sexo a três. Supondo que o que Banks diz seja verdade, então aquele idiota estava certo?

"Eu... eu dormi com vocês três?" Encolho-me ao fazer a pergunta, embora haja uma pequena faísca, uma pequena

chama de curiosidade que pisca dentro de mim. Envergonhada, enterro meu rosto nas mãos. Isso é errado, tão errado.

“Você não dormiu com nós três. Apenas com Sullivan.” Oliver fala por entre os dentes, seu tom cheio de veneno, significando sua aversão ao assunto. Soltando as mãos do meu rosto, viro-me para enfrentar Sullivan.

Vergonha e culpa se misturam dentro de seus olhos azuis oceânicos e sei imediatamente que há mais nessa história do que o que estão me dizendo.

“Conte-me. O que aconteceu?”

“Acho que agora não é o momento certo para conversar sobre isso,” interrompe Sullivan antes que alguém possa dizer alguma coisa.

“Por que não?” Oliver assobia como uma cobra, e o olhar de Sullivan se torna aço, sua mandíbula apertando tão forte que você pode cortar vidro na borda dela.

“Você sabe o porquê!” Ele grita.

“Sim, porque isso o pintaria sob uma luz de merda, e Deus não permita que isso aconteça,” rosna Oliver, e eu noto que ele está vibrando de raiva, todo o corpo tenso. “Vou sair antes que eu faça algo estúpido.”

Oliver tenta se levantar, mas agarro seu braço, puxando-o para trás. “Não vá.” Não sei o que me obriga a dizer isso e com o sentimento por trás disso, mas assim que as palavras saem, Oliver relaxa ao meu lado. “Por favor, me diga o que aconteceu... tudo. O bom e o mau. Quero me lembrar, mas não posso, então preciso que vocês me digam.”

“Te seguimos até Bayshore, queríamos mexer com você, tentar sabotar seu ano letivo, talvez até fazer com que te expulsassem,” Oliver começa a explicar. “Nós seguimos você por aí, espalhamos rumores...” Sua voz diminui, vergonha enchendo seus olhos com a memória.

“Então chegamos perto, muito perto,” continua Banks. “Na verdade, nós a conhecemos e estávamos trabalhando para perdoá-la, mas você nos traiu de novo... ou assim pensávamos.”

“Você negou que tenha nos enganado *novamente*,” diz Sullivan como se estivesse perdido em pensamentos, “No fim, Banks e Oliver acreditaram em você, mas eu não... eu estava tão envolvido com a minha própria raiva, e com a sensação de que tínhamos lhe dado a faca para nos esfaquear novamente, que eu secretamente nos filmei fazendo sexo.”

Meus olhos se arregalam com a sua confissão, meu coração quase pulando do peito.

Nos filmou fazendo sexo?

Minha boca se abre e não sei se estou com raiva, chocada ou envergonhada.

“Por quê? Por que você faria isso?"

Sullivan pisca, seus olhos encontrando os meus. “Eu estava com raiva, pensei que você tinha feito com que me apaixonasse como parte de uma conspiração contra nós. Não tinha ideia de que você era tão inocente. Eu ia publicar o vídeo para todos verem e mostrar como a puta suja que eu pensava que você era, mas não o fiz. Juro que ninguém nunca viu. Eu soube no instante em que vi o sangue em suas coxas que fui eu quem a machucou. Ambos os nossos pais

queriam garantir que continuássemos inimigos, e eu tinha engolido essa besteira. Eles me manipularam." Balançando a cabeça, ele desvia o olhar, como se não aguentasse mais me olhar.

"Você ainda o tem? O vídeo..."

Sullivan se vira, seus olhos se voltando para os meus. "Por quê?"

"Você tem ou não?" Pergunto novamente. O ar fica mais denso quando todos os olhos se movem para Sullivan.

Seu rosto empalidece um pouco, e então ele diz: "Eu juro que ninguém viu além de mim."

"Mas você ainda o tem?" Eu insisto.

"Sim," ele finalmente admite. "Sim, eu ainda tenho."

"Jesus, cara, você não excluiu?" Oliver se agita, e eu juro que ele está apenas procurando um motivo para espancar o irmão. Por outro lado, estou interessada em assisti-lo.

"Eu não posso acreditar que você realmente é um idiota," diz Banks, tão decepcionado com seu irmão quanto Oliver. "Eu deveria chutar você nas bolas agora."

"Eu quero ver isso. Quero ver o vídeo." Nem penso nas repercussões ou em como isso vai me fazer sentir depois. Tudo o que quero é assisti-lo, porque talvez, apenas quem sabe, reviver o meu passado me faça lembrar completamente. Sullivan pega o telefone e o busca, parando assim que encontra o vídeo.

Lentamente, ele me entrega, vergonha e culpa, entre uma série de outras emoções pintando seus traços. Ignorando como isso me faz sentir, pego o telefone e, sem hesitar, aperto play.

O vídeo começa, Sullivan e eu estamos em um quarto, já deitados na cama, nus. Seu corpo cobre a maior parte do meu, mas ainda me sinto estranha com Oliver ao meu lado, que pode ver claramente a tela.

"Você quer que eu te foda duro e rápido ou lento e gentil?" A voz de Sullivan vem pelo alto-falante e minha respiração engata. Ele parece diferente, seu tom misturado com luxúria, sua voz mais profunda, alcançando as pequenas fendas da minha alma.

"*Devagar, por favor,"* minha voz sai forte, e eu assisto atentamente enquanto ele começa a se mover, seus quadris empurrando para frente com determinação. Os músculos de suas costas ondulam e ele parece estar em uma missão de prazer. Enquanto assisto, o rubor sobe pelo meu pescoço e bochechas, quando formigamentos de calor se espalham por todo o meu núcleo.

"Você gostaria que nós três estivéssemos com você agora? Que tivéssemos que nos revezar com você? Te fazendo gozar repetidamente?" Puta merda! Eu quase largo o telefone. Por que ele me perguntou isso? Engolindo alto, olho para Oliver e Banks, ambos olhando diretamente através de mim.

"*Sim,"* eu respondo, parecendo sem fôlego. "*Eu gostaria disso..."*

Ao ouvir minha resposta, eu largo o telefone. Ele sai das minhas mãos trêmulas e cai no chão de madeira pousando

com um barulho alto. Sons de gemidos enchem a sala antes que Sullivan possa pegar o telefone do chão e desligar a gravação.

Minhas bochechas pegam fogo e minha cabeça parece que está prestes a explodir em chamas. Basicamente me assisti em um vídeo pornô enquanto três caras me observavam. Embora embaraçoso, era necessário, porque me mostrava que eles não estavam mentindo. Eu fiz sexo com Sullivan, não com os três, mas queria dormir com todos, isso era óbvio, o que quase me diz que todos significam algo para mim.

"Então..." Banks limpa a garganta. "Isso ajudou a estimular sua memória?"

Alguém, por favor, me mate agora. Ou pelo menos deixe-me desaparecer um pouco.

"Você não precisa se sentir envergonhada, Harlow," diz Oliver. "Nós três sabíamos no que estávamos nos metendo. Tínhamos conversado bastante sobre isso quando as coisas começaram a mudar entre nós. Nós queremos você tanto quanto você nos quer. "

"Queria, você quer dizer?" Eu o corrijo, porém, todos sabemos que estou mentindo. Mesmo que não me lembre deles completamente, de certa forma, meu corpo é atraído para cada um à sua maneira, cada um pegando algo diferente de mim e me devolvendo um pedacinho de si.

"Pare de negar. Sabemos que você nos quer, e você sabe que nós queremos você. Danos suficientes já foram causados, tempo suficiente foi desperdiçado e eu não quero jogar mais." Banks afirma.

“Não é tão fácil para mim. Meu corpo lembra de você, mas meu cérebro não. Estou com medo, ok? Como posso confiar em alguém ou em qualquer coisa, quando não posso confiar em meu próprio cérebro?”

“Você pode confiar em nós,” assegura Sullivan, sua mão alcançando a minha.

“As lesões cerebrais demoram um tempo para sarar, e às vezes as memórias nunca voltam, mas isso não significa que vamos apenas ir embora ou deixar que algo aconteça com você.” Os dedos de Sullivan se entrelaçam com os meus e pela primeira vez hoje me sinto segura.

“Por que não pegamos algo para comer e conversamos sobre o que aconteceu hoje?” Oliver sugere, e todos concordam.

Eles devem ter planejado isso, porque a geladeira e a despensa estão cheias de comida. Sullivan esquenta algumas refeições prontas de supermercado, e todos nos sentamos à pequena mesa de jantar. Os caras enfiam a comida na boca a um ritmo alarmante, enquanto eu dou pequenas mordidas, tentando decidir se estou com fome ou não.

Olhando entre os três, começo a conversar. “Éramos apenas Caroline e eu na mesa. Então, se alguém manipulou o aquecedor, isso aconteceu antes de entrarmos na aula. A única outra pessoa que veio à nossa mesa foi... *Tiffany.*” Eu realmente tento dizer o nome dela em uma voz normal, mas a aversão por ela reflete claramente no meu tom. “Ela me disse que vocês tinham uma coisa...”

Banks ri: “É claro que ela fez. Você não tem nenhum motivo para ficar enciumada. Nós a usamos para deixá-la com ciúmes, nada além disso.”

“Você dormiu com ela?” Não sei o que me obriga a perguntar, mas preciso saber.

“Não, nenhum de nós dormiu com ela ou com suas amigas,” interrompe Sullivan. Por tudo isso, eu sei que devo estar mais apreensiva ou me preocupar com o que está acontecendo, mas não estou. Os irmãos são as únicas pessoas que foram honestas comigo. Eles são as únicas pessoas que fizeram um esforço para me contar sobre meu passado, *nosso* passado.

“Bem, acho que isso me faz sentir um pouco melhor,” digo as palavras em voz alta, mas não pretendia.

“Sentimos tanto sua falta e chutamos a bunda de Sullivan por você. Depois do que ele fez, ele teve sorte de não o renegarmos,” afirma Oliver, antes de rir e o som passa por mim. É tão profundo e quente, e eu só quero dizer a ele para continuar falando e rindo, mas isso seria estranho, certo? Baixando o olhar para a minha comida, empurro os pedaços com o garfo.

Impressiona-me por estar aqui, todas as peças empilhadas dentro da minha cabeça, me levando a esse exato momento. Meu pai disse que estou em perigo, e agora os irmãos me dizem a mesma coisa. Mas de quem eu estou em perigo?

“Quem iria querer me machucar?”

“Honestamente, não sabemos. Primeiro, foram as...” As palavras de Banks param quando uma batida suave soa

contra a porta. Todos os três irmãos trocam um olhar como se estivessem conversando apenas com os olhos. Oliver se afasta da mesa e vai para a porta, deixando entrar quem está do outro lado. Imediatamente, começo a me sentir nervosa, largando o garfo no prato.

"Como estão as coisas? Ela está bem?"

Caroline? Empurro-me da cadeira, quase enviando a coisa para o chão. Ela está parada na porta, o rosto enrugado e a culpa piscando nos olhos.

"Harlow, desculpe," ela fala, assim que cruza o limiar. No fundo, eu sei que deveria estar brava com ela por ajudar a me trazer até aqui, mas não estou. Não posso estar. Parece que os irmãos Bishop e Caroline são as únicas pessoas me dizendo a verdade, ou realmente qualquer coisa agora.

"Não se preocupe. Está tudo bem." Asseguro-lhe com um sorriso suave. Ela assente como se estivesse aceitando minha palavra, e Oliver fecha a porta, com todos nós dentro.

"Qual é o problema, prima?" Questiona Banks.

Prima? Eu olho, pensando que talvez eu o tenha ouvido mal. Sullivan pega minha expressão facial confusa e interrompe antes que Caroline possa começar a falar.

"Caroline é nossa prima," anuncia ele, e eu o encaro sem entender. Penso em dizer '*de maneira alguma, realmente,*' mas sinto que o sarcasmo não é necessário neste momento.

"Você não contou a ela ainda?" Caroline sussurra, dando uma cotovelada em Oliver.

“Em que momento você gostaria que eu contasse? Tentar mantê-la nesta cabana já deu bastante trabalho.” Oliver brinca antes de me dar um sorriso arrojado, os efeitos desse sorriso enviam uma onda de calor até os dedos dos meus pés.

Caroline encolhe os ombros: “Acho que isso não importa. Que bom que você a tirou de lá. Eu não sei o que diabos está acontecendo. Não havia nenhuma evidência de nada, nenhum jogo sujo, eles alegam que foi o aquecedor que funcionou mal, mas todos sabemos que isso seria coincidência demais.”

A maneira como ela diz, com tanta convicção, me assusta um pouco.

“Nós vamos descobrir. Não se preocupe, Harlow,” Sullivan fala.

“Quer algo para comer, prima?” Banks oferece e Caroline assente furiosamente.

“Estou morrendo de fome... deixe-me comer um pouco,” aponta Caroline para o bolo de carne. Percebo que há apenas quatro cadeiras, e todas estão ocupadas, então me levanto para sentar no sofá.

“Terminei de comer, você pode ter minha cadeira,” eu digo, mas quando tento passar por Banks, ele estende a mão e me agarra pelo quadril, me puxando para seu colo.

“Não seja ridícula. Você pode sentar comigo,” ele sorri, enquanto minha bunda faz contato com a sua perna. Eu deveria me afastar, mas sentar no colo dele parece normal, e é ainda melhor ter seu braço em volta da minha cintura, me segurando firmemente contra ele.

Jesus. Tem que haver algo errado comigo.

Caroline come e fala um pouco mais antes de se despedir. Quando ela sai, fico me sentindo ansiosa e insegura.

Uma cabana. Três irmãos, e eu.

Capítulo Oito

Os caras conversam entre si por um tempo, e então todos nos mudamos para a sala e assistimos um pouco de TV. A sala parece tão pequena com todos nós quatro, e juro que a temperatura também aumenta. Encolhida entre Banks e Sullivan no sofá, meus olhos começam a ficar pesados de exaustão.

"Pronta para ir para a cama?" Oliver pergunta, obviamente vendo meus olhos caídos. Observo a cama solitária no quarto. "Dormir, nada mais," ele esclarece, vendo minha apreensão.

"Todos nós vamos dormir em uma cama?"

"Não, vamos fazer Sullivan dormir no sofá. É uma cama king-size, caberá três de nós, para que você, Oliver e eu possamos dormir juntos nela. A menos que você não esteja bem com isso?"

"Não... tudo bem." Meus olhos voltam para a cama. É enorme, e não seria justo fazê-los dormir no chão enquanto eu fico com aquela cama enorme só para mim. "Você está certo, é grande o suficiente para nós três."

Banks sorri, e tenho esse desejo estúpido de traçar seus lábios com os meus. Pergunto-me que gosto ele tem. Se é tão intoxicante para o meu paladar como para os meus outros sentidos?

Sullivan me dá uma camisa grande e short para vestir, e eu me troco no banheiro. Tenho a sensação mais estranha no meu estômago ao fazer isso. É uma mistura de emoção e injustiça. *Estou prestes a dormir em uma cama com dois rapazes, e um terceiro no mesmo quarto.* Todos os caras que admiti querer dormir. Não sei ao certo o que isso diz sobre mim.

Afastando a sensação, saio do banheiro e percebo que eles já ficaram confortáveis. Sullivan está esparramado no sofá, com as mãos atrás da cabeça, sem camisa e o corpo perfeitamente esculpido em exibição. Molhando os lábios com a língua, tento desviar o olhar, mas é tão difícil. Seu abdômen e peitoral acenam para mim.

Encontrando alguma força interna, afasto meu olhar e murmuro uma boa noite em voz baixa. Oliver e Banks estão na cama, deitados de ambos os lados sem camisa, como o irmão, e me deixando muito espaço no centro.

Amado bebê Jesus.

Meus ovários estão ficando loucos, e o calor que senti uma vez antes pulsa baixo em meu abdômen. Do pé da cama, rastejo-me no meu local designado e deslizo sob as cobertas. Oliver rola então, um de seus grossos braços musculosos me envolvendo, me puxando para seu peito.

"Se isso te incomoda, me diga, mas eu quero você por perto. Só para te abraçar, nada mais." Oliver sussurra na concha da minha orelha, e eu tremo com a respiração quente patinando na minha pele fria. Eu posso sentir a dureza de seu corpo moldando contra o meu como dois pedaços de barro se unindo.

Enfiada firmemente ao lado dele, inspiro o perfume limpo de sabão e água da chuva. Isso me acalma e me faz sentir quente e aconchegante. Banks se move contra o colchão antes de rolar para me encarar. Como seus irmãos, ele parece um deus grego, lavrado em pedra, seu corpo perfeitamente esculpido, sua mandíbula tensa e seus cabelos despenteados. Nossos olhos colidem então, e nas profundezas de seu olhar, vejo um furacão de emoções girando.

Com uma mão gentil, ele a estende e tira alguns fios de cabelo do meu rosto.

"Nunca pensei que veríamos você novamente." A admissão de Banks me surpreende muito. Ele aparece como o piadista do grupo, mas agora parece qualquer coisa, menos brincalhão. Na verdade, ele está sério, tão sério que é quase assustador.

"Bem, estou aqui agora." As palavras mal passam dos meus lábios. Parece que estou presa entre fogo e gelo, meu corpo sendo puxado em duas direções diferentes.

"Sim. Sim, você está." Ele sorri, seu polegar flutuando sobre o meu lábio inferior. Seus olhos seguem o movimento, a cor deles escurecendo, luxúria e desejo girando e girando.

Me beije. Eu grito internamente, porém, não sei por quê. A atração que tenho por esses caras é magnética e, mesmo que meu cérebro não se lembre por que eles são importantes, meu corpo e meu coração sabem.

"Boa noite, Harlow," ele sussurra um segundo depois, afastando a mão, derramando um balde de água gelada por todo o meu desejo com a perda de contato. Seus olhos se

fecham e ele descansa a mão no colchão no pequeno espaço entre nós.

"Bons sonhos, Harlow." Oliver acaricia meu cabelo, e eu sinto suas palavras nos meus ossos. A sala fica quieta e parece que levo uma eternidade para fechar meus próprios olhos. Depois de um tempo, o calor em minhas veias diminui, e a exaustão vence, me puxando profundamente para a escuridão. Com todos os três irmãos na sala, nada pode me tocar, me machucar, e deixo isso afundar profundamente em minha mente enquanto eu durmo.

Estou de pé no convés de um barco. Minhas mãos estão no parapeito quando um vento forte sopra no meu cabelo. Está frio, muito frio, e eu mordo meu lábio para reprimir o soluço ameaçando rasgar da minha garganta. Minhas emoções estão fora de controle, em curto-circuito. Do nada, um forte empurrão atrás de mim me faz perder o controle, o metal frio desaparecendo debaixo dos meus dedos. Em segundos, voo pelo ar frio da noite, meu corpo esperando a dor chegar.

Um grito estridente arranca do meu peito, passando pelos meus lábios um momento antes do meu corpo atingir o mar implacável. A dor ondula através de mim no impacto, petrificando meus ossos enquanto uma escuridão aterrorizante me engole inteira. Afundando como uma pedra no fundo do mar. O pânico agarra todas as células do meu corpo, roubando meu cérebro de qualquer pensamento, exceto um. Sobrevivência.

É preciso tudo dentro de mim para afastar a sensação de mil agulhas formigando na minha pele que a água gelada me deixa. Meus pulmões queimam, pedindo, implorando por ar, mas não tenho nenhum para lhes dar. Fechando os olhos,

supero a rigidez em meus membros e começo a chutar minhas pernas com tudo o que me resta. Eu não vou morrer sem lutar.

Nado na escuridão e em direção à superfície, dando tudo de mim, mas não é suficiente. A corrente é muito forte, a água muito escura. Eu sou muito fraca.

O mar está me engolindo inteira... e tudo o que resta é a morte.

Finalmente chegou para mim... finalmente chegou minha hora.

O ar enche meus pulmões, e meus olhos se abrem quando tateio ao meu redor para me recompor. *Onde estou? O que está acontecendo?* Por um momento, estou suspensa no tempo, sem saber de tudo ao meu redor. O suor escorre pelo lado do meu rosto e o som do meu coração bate nos meus ouvidos. Algo se move ao meu lado, e eu olho, lentamente voltando aos meus sentidos.

"Foi apenas um pesadelo, está tudo bem, você está bem," acalma Oliver. Minha garganta aperta, palavras se recusando a sair naquele momento. Eu não estou bem, pois estava morrendo, me afogando, sozinha na escuridão. O mar me engolindo inteira.

Tremores de medo ondulam através de mim quando me lembro do sonho como se realmente tivesse acontecido, e então eu percebo... aconteceu. Quase me afoguei. Alguém me empurrou de um barco. Alguém me quer morta, e não sei o porquê. O medo aumenta e eu me pego rolando e enterrando meu rosto no peito nu de Oliver. Inalando seu perfume masculino, tento afastar as preocupações.

“Shh, eu nunca vou deixar nada acontecer com você novamente,” Oliver murmura, seus lábios contra a minha testa. Meu corpo inteiro treme agora, mas acredito nele. A mão pendurada sobre mim esfrega suavemente para cima e para baixo nas minhas costas, o movimento me puxando do medo nebuloso que me rodeia. A cada golpe de sua mão, sinto menos medo e mais excitação. Um fogo acendendo profundamente dentro do meu interior.

Inclinando a cabeça para trás, olho para Oliver, seu rosto está enrugado pelo sono, mas seus olhos são magníficos, profundos e escuros, como chocolate derretido.

“Você está bem?” A voz abafada de Banks soa atrás de mim. Os lençóis farfalham e então eu o sinto mais perto, seu corpo duro roçando no meu. Oliver move a mão e Banks se aproxima ainda mais, até que fico entre ele e Oliver.

“Eu quase morri. No meu sonho, eu estava morrendo, e ninguém me salvou, e a água estava correndo,” choramingo, incapaz de segurar por mais um segundo. Oliver acaricia meu rosto com a mão, seu polegar roçando no meu lábio, enquanto seus olhos se fixam nos meus.

“Pulei na água naquela noite para te salvar. Não havia como eu deixar você se afogar. Você não estava sozinha, Harlow, e nunca mais estará.”

Ele me salvou? Ele pulou na água e me salvou? Antes que eu possa entender completamente o significado da afirmação, seus lábios estão nos meus. Estou vagamente ciente dos dedos de Banks afundando possessivamente no meu quadril, puxando minhas costas para a dureza dele. Com os lábios de Oliver nos meus, Banks afasta os cabelos do meu pescoço e apimenta minha pele com beijos.

Instantaneamente meu corpo derrete e meu interior se transforma em lava derretida.

Oliver embala meu rosto em suas mãos e continua seu ataque aos meus lábios, me beijando como um homem faminto. Ele bebe dos meus lábios como se eu fosse um doce néctar, sua língua deslizando na minha boca e acariciando a minha. O menor dos choramingos desliza pela minha boca enquanto o aperto que Banks tem sobre mim cresce mais, seus dedos cravando na carne macia. Oliver engole meu gemido, mas não antes que Banks possa ouvi-lo. Mais uma vez, ele aperta a carne, amassando-a na mão, seus dedos brincando com a cintura do meu short.

Oh, inferno! Quero seus dedos em mim, *não*, eu preciso deles. Preciso que a dor entre minhas coxas seja elevada antes de eu entrar em combustão.

Quebrando o beijo, eu respiro preciosamente um oxigênio antes de sussurrar: “Quero fazer com vocês o que fiz com Sullivan.” Falo com os dois e, no entanto, não consigo ver o rosto de Banks. Nesse momento, o rosnado profundo que sai da boca dele e contra a minha pele me diz que ele aprova.

“Você não precisa. Não é disso que se trata. Sim, queremos você, mas é mais profundo do que isso. É muito mais do que sexo, Harlow.”

Não consigo entender as palavras dele agora, não com os lábios de Banks na minha pele, e Oliver ao meu lado, seus lábios inchados e olhos selvagens de necessidade. Ele diz uma coisa, mas seu corpo reage de outra maneira, a grande protuberância pressionando contra a minha coxa o denunciando. Ele quer isso tanto quanto eu, e preciso provar para ele.

“Sei que não é sobre sexo, mas eu quero vocês dois. Parece que estou queimando por dentro. Não entendo a necessidade, ou por quê, tudo o que sei é que tenho essa conexão com cada um de vocês e quero fortalecê-la. Dói-me estar tão perto e não ter as mesmas coisas com vocês dois do que tive com Sullivan. Quero que essa conexão cresça.”

“Com sexo ou sem sexo, estamos conectados. Isso nunca vai mudar,” sussurra Banks contra a minha pele, sua voz profunda e esfumaçada.

“Por favor,” imploro uma última vez e, como se a palavra sozinha tivesse poder, a decisão de Oliver é tomada. Se afastando, ele retira o short. Banks faz o mesmo e, juntos, me ajudam a tirar minhas próprias roupas. Rolando-me de costas, Oliver lentamente tira minha camisa, enquanto seu irmão faz o mesmo com o meu short. Não demoram muito e, antes que eu perceba, estou completamente nua, não apenas no sentido físico, mas também emocional. Parece que estou dando a cada um deles um pedaço do meu coração que bate irregular.

Banks se inclina para frente, pressionando seus lábios nos meus, seu beijo é mais quente, mais profundo, mais selvagem do que o de Oliver e ele me marca com os lábios, deixando-me queimando. Sinto Oliver se movendo contra os lençóis, e então seus dedos deslizam suavemente sobre minha barriga, movendo-se mais e mais. Minhas pernas se separam sozinhas e tremo de antecipação.

“Seu corpo é um templo, Harlow, e merece ser adorado,” Oliver sussurra, seu tom grave indo direto para o epicentro do meu núcleo. Eu quero responder, mas não posso. Meus lábios estão moldados aos de Banks e a possessividade de

seu beijo me diz que ele não me deixará ir, não importa o quê.

"Vou provar você, lamber e chupar, mordiscar e devorar cada centímetro de sua buceta."

Oh Deus, sim, por favor, sim. Meus dedos apertam os lençóis, e meu coração galopa quando sinto a primeira lambida da língua de Oliver.

Banks quebra o beijo, e um gemido baixo escapa dos meus lábios. "Tão fodidamente bonita e perfeita. Você foi feita para nós, seu corpo, seu coração e sua alma," ele assobia, suas mãos encontrando os meus seios. Ele amassa a carne, rolando meus mamilos intumescidos entre dois dedos. Com os olhos arregalados, vejo seus globos azuis cristalinos, ficando encantada por eles. Eu arqueio em seu toque enquanto, ao mesmo tempo, levanto meus quadris, precisando de mais, muito mais.

"Ávida. Uma garota tão gananciosa." Oliver ri contra minhas dobras, e como se ele tivesse uma linha direta com a minha mente, começa a me devorar, enfiando o nariz no meu clitóris, movendo-se em minha entrada. Dentro e fora, dentro e fora, sua língua girando em círculos.

"Posso ver como você está molhada, o quanto você nos quer. Goze por toda a língua do meu irmão para que possamos reivindicá-la..." Banks comanda com voz rouca, e eu juro que sua voz tem algum tipo de feitiço sobre mim. O calor na minha barriga se espalha, e quando Oliver me lambe mais rápido, alternando entre lamber e chupar, vejo-me sendo puxada cada vez mais perto para a borda do penhasco.

Dois dedos entram em mim sem aviso, me espalhando. Espero que tenha alguma dor, mas não há, de fato, nada

além de prazer. Faísca, acendendo meu orgasmo como um foguete que vai em direção à lua. Mais um puxão do meu mamilo e mais dois mergulhos dentro do meu núcleo e estou voando pelo ar, meu corpo inteiro queimando, e como uma estrela cadente, eu queimo pelo céu noturno.

Um suspiro fica preso na minha garganta quando caio no nada, meus olhos se fecham e minhas unhas afundam em carne que eu nem sabia que estava segurando. Oliver rosna profundamente entre minhas coxas enquanto lambe meu gozo. Abro os olhos e encontro Banks me encarando, com um olhar possessivo que me diz que esta noite significa tudo para ele. Oliver se afasta, e eu fico cambaleando, mil emoções diferentes formigando na superfície.

"Role para o seu lado," diz ele, gentilmente me cutucando. Faço o que ele pede, retomando a mesma posição em que estávamos antes. Oliver está na minha frente e Banks logo atrás. A única diferença agora... é que estamos todos nus.

Sinto o comprimento duro de Banks pressionando minha bunda enquanto ele beija meu ombro nu, antes de roçar minha orelha com os dentes: "Esta noite, vamos fazer amor lentamente com você. Mostraremos o quanto nos importamos com você e como realmente somos um. Você pertence a nós e nunca mais precisa ficar sozinha."

Engolindo, empurro todos e quaisquer pensamentos para longe. Aconteça o que acontecer amanhã, lidarei com minhas emoções e pensamentos. Tudo isso pode esperar. Caindo na sensação de nada, e focando nos dois, eu gemo quando Banks mais uma vez começa a me beijar, seus lábios sugando a carne macia debaixo da minha orelha.

Oliver levanta minha perna e a coloca sobre a dele, abrindo meu centro para ele. Ele me puxa para seu corpo, seu pau roçando contra meu clitóris sensível enquanto ele se alinha com a minha entrada. Um suspiro suave preenche o ar quando Oliver desliza para dentro, me esticando lentamente, tão lentamente, que acho que posso morrer.

Banks geme em meu ouvido como se ele fosse o único a deslizar em meu interior. Suas mãos percorrem cada centímetro de pele, meu peito, pescoço e quadris, enquanto seu irmão se move dentro de mim, cada vez mais fundo, até que não sinto nada além dele. O ar sai dos meus pulmões e meu corpo mais uma vez parece que está queimando. Uma vez que ele percorreu todo caminho, Oliver me dá um momento para ajustar ao seu tamanho.

Sinto-me tão cheia, mas também satisfeita, como se fosse exatamente isso que eu precisava. Pela primeira vez, não me preocupo com minhas memórias retornando. Não me sinto quebrada ou perdida. Toda a confusão em minha mente se foi, sendo substituída pelos sentimentos que Oliver e Banks estão me dando. Não há necessidade de me preocupar porque, nesta sala, tenho tudo o que sempre desejarei ou precisarei.

Oliver sai quase todo o caminho, apenas para empurrar de volta para dentro. Seu movimento faz com que minhas costas pressionem mais firmemente contra Banks. Cada terminação nervosa no meu corpo começa a formigar, precisando de mais, e como se Banks entendesse essa necessidade, ele começa a me tocar de novo, passando os dedos por minhas costas, ombros, braços e descansando contra minha bunda. Pergunto-me se ele quer reivindicar essa parte também.

“Sei que você está pensando sobre isso. Sobre me deixar pegar sua bunda virgem, e eu vou, mas não hoje à noite...” *Oh Senhor!* O rosnado que ele emite poderia acordar os mortos, e quando seus dentes afundam no meu ombro, um espasmo de prazer irradia do meu núcleo e me faz apertar ao redor do comprimento de Oliver, que me segura com força, seus dedos cravando na minha pele enquanto ele olha para mim com tanta necessidade e adoração que eu poderia chorar. Seu corpo tensiona, seus músculos tremendo a cada impulso, me dizendo o quanto ele quer e precisa disso.

“Sonhei com esta noite, em ter você pela primeira vez, em gozar dentro de você.” Seus olhos são selvagens e cheios de vida. É arriscado, eu sei, mas estou tomando pílula, e sei que eles nunca me colocariam em perigo.

“Sim,” eu ofego, sentindo a construção distinta de prazer enchendo minhas veias. A ideia de ele gozar dentro de mim só me excita mais. Banks puxa meus mamilos duros e mói seu pau contra minha bunda, fazendo Oliver bater em algo mais profundo no meu íntimo. Não consigo me conter, não há como segurar o prazer que vem ondulando pelo meu corpo.

“Eu vou gozar dentro de você...” Oliver geme e eu aceno, enquanto o prazer me ultrapassa. Meu corpo inteiro treme e meu peito sobe e desce como se eu estivesse em um triatlo. Como um elástico puxado com muita força, eu rompo, um prazer eufórico inunda todas as células do meu corpo, e meu canal aperta o eixo de Oliver com uma força, recusando-se a soltá-lo.

Oliver continua a empurrar através do meu orgasmo, seus dentes cerrados e seu aperto firme, até que ele encontra sua própria liberação apenas um momento depois, seu pau

inchando antes que sua semente quente e pegajosa me encha.

Oliver fica dentro de mim por mais um momento, seu pau suavizando. Nós dois estamos ofegantes, incapazes de recuperar o fôlego, mas ele não se importa, e nem eu. Seus lábios encontram os meus novamente. Ele me beija com nada além de paixão crua, e eu gemo em sua boca.

Não me canso dele... *deles*.

Nossos lábios ainda estão se tocando quando ele puxa para fora. Assim que ele faz, Banks aperta no meu quadril, e ele me puxa para sua virilha. Seu pau desliza entre minhas dobras por trás com facilidade, revestido com a liberação de seu irmão e a minha.

"Porra, Harlow... não sei se consigo ir devagar," admite Banks, com o hálito quente contra o meu ombro. "Te quero tanto, e há tanto tempo que não faço sexo desde a primeira noite em que nos beijamos. Eu parei depois daquela noite, completamente hipnotizado por você."

"Leve-me como quiser," as palavras saem em uma expiração.

Lento, rápido, isso não importa. Tudo que eu quero é ele dentro de mim.

"Senhor, me ajude, você torna tão difícil ser um cavalheiro quando diz coisas assim." Sem aviso, ele desliza dentro de mim, afundando com facilidade, a cabeça do seu pau encontrando o final do meu colo do útero. Mais uma vez, estou cheia, tão cheia, mas, como meu corpo deveria, ele se ajusta ao comprimento de Banks da mesma forma que ao de Oliver.

O prazer me domina quando Banks me fode, literalmente me fode, seus impulsos tão duros quanto seus beijos e seu amor.

Oliver abaixa a cabeça, pegando meu mamilo na boca e entre os dentes. Gentilmente ele morde, e um raio de prazer passa por mim, fazendo meus dedos do pé enrolarem. Um gemido alto enche a sala, *meu* gemido.

Por uma fração de segundo, acho que devo ficar quieta, mas não consigo encontrar uma boa razão para isso. Estamos no meio do nada, quem vai me ouvir? *Sullivan?* Já fiz sexo com ele, e ele sabe que eu quero seus irmãos tanto quanto a ele. Se ele acordar, tenho certeza de que não se importará, isto é, se ainda não estiver acordado.

"Porra, você é tão apertada e perfeita. Você me arruinou para qualquer uma, é isso, Harlow." Banks resmunga cada palavra, e parece que ele mal aguenta. Seu aperto aumenta, sua força machuca, e eu quero cair profundamente em seu toque. Quero deixá-lo me engolir inteira.

"Posso ouvir como você está molhada, o som de todos os nossos sucos se juntando. Está quente pra caralho, a coisa mais quente que eu já vi ou ouvi." Oliver declara, seus lábios pressionando beijos quentes no meu peito. Oh Deus! Está acontecendo de novo. Não sei como, mas é ... o prazer está aumentando, e desta vez quase dói. Parece que está sendo arrancado de mim.

"Goze comigo... eu preciso gozar..." Banks está desequilibrado, selvagem, um animal que está apostando sua reivindicação no meu coração.

"Sim... sim..." Eu gemo, ofegando tanto que posso desmaiar. O prazer floresce dentro de mim como uma flor

que se abre pela primeira vez. Oliver chupa meu peito com tanta força que há uma ponta de dor no prazer. Usando a outra mão, ele amassa a carne sensível, caminhando na linha entre prazer e dor.

Os dedos de Banks cavam a pele ao redor dos meus quadris enquanto ele se agarra a mim com toda sua força, como se estivesse com medo de que eu desapareça. Ele empurra uma e outra vez, e parece que ele se aprofunda a cada vez, certificando-me de que nunca esquecerei como é tê-lo dentro de mim.

"Estou gozando," mal consigo falar antes de explodir como uma bomba. O orgasmo é tão poderoso que vejo estrelas diante dos meus olhos, todos os músculos do meu corpo convulsionam, cada célula do meu ser está em chamas e, por um momento, não sei onde estou, tudo que sei é um prazer inflexível.

Banks grunhe e para depois de um último impulso poderoso. Meus lábios inchados se separam, e um suspiro se libera de dentro do meu peito quando sinto o calor de sua liberação inundar meu canal. Com o rosto enterrado no meu cabelo, nós dois caímos como penas flutuantes, do alto.

A cabeça de Oliver está aninhada no meu peito enquanto a sala fica quieta. Gemidos e suspiros lentamente se transformam em respiração uniforme. Banks ainda está dentro de mim e ele não se mexe para sair. Todos nós apenas deitamos lá, nossos corpos entrelaçados.

"Você está bem?" Oliver pergunta, salpicando beijos suaves contra a minha pele.

"Mais do que bem. Sinto-me inteira... como se estivéssemos unidos."

“É o que eu tenho lhe dito, não é?”

“Sim, e me desculpe por só agora perceber isso. ”

“Tudo bem, eu entendo. E vou te perdoar.” Quase consigo ver o sorriso no rosto de Banks nas minhas costas, o que me faz sorrir. Meus olhos estão pesados, e me sinto tão contente que poderia dormir assim, e talvez eu vá. Banks escorrega para fora de mim e os dois me envolvem em seus braços, criando um casulo. Minha respiração começa a se acalmar quando ouço alguém se mexendo, só então lembro por que deveria estar quieta.

Sullivan. “Vocês seriamente não prestam,” ele murmura baixinho. Banks e Oliver riem ao meu lado, a cama inteira vibrando com o riso deles, mas eu me sinto mal. Um segundo depois, ouço Sullivan levantar do sofá e o som da porta do banheiro se fechando. Considero brevemente levantar-me para encontrá-lo, dar-lhe algo também, mas decido que não. Sullivan me teve primeiro, e ele vai me receber de novo em breve.

Descubro então, como estou entre o sono e a vigília, que não importa se meu cérebro não consegue se lembrar deles, porque meu coração e meu corpo nunca esquecerão.

Capítulo Nove

Na manhã seguinte, espero que as coisas sejam um pouco estranhas, mas fico agradavelmente surpresa quando não estão. De fato, é exatamente o oposto. Tudo parece certo, como deveria ser. Estou deliciosamente dolorida e acabo passando bons trinta minutos no chuveiro, deixando a água quente bater nas minhas costas antes de sair e me vestir.

Quando volto para a sala de estar, Oliver está em pé na frente do fogão fazendo o café da manhã, enquanto Banks desaparece no banheiro. Sullivan está sentado no sofá, navegando pelos canais, então decido me juntar a ele. Sento-me ao seu lado, deixando alguns centímetros entre nós, mas ele balança a cabeça e agarra meu braço, me puxando para o lado dele.

“Eu acho que mereço um abraço, pelo menos,” Sullivan sorri, e eu sinto minhas bochechas esquentarem pensando na noite passada.

Encolhendo-me, murmuro: “Desculpe, você ficou de fora...”

“Não se desculpe,” ele interrompe. “Primeiro, eu mereci. Segundo, não te compartilhei com eles na primeira vez que tive você. Terceiro, isso é tudo sobre você... e você parece que se divertiu e gostou, e para mim é tudo o que importa.”

“Vocês crianças querem panquecas?” Oliver pergunta do fogão.

“Sim, estou morrendo de fome,” responde Sullivan. Só então, meu estômago ronca tão alto que eu sei que ele pode ouvi-lo e, com uma risada, ele acrescenta: “Harlow também.”

Alguns minutos depois, Banks sai do banheiro, recém-tomado banho e vestido para o dia, e todos nos sentamos à mesa para comer juntos.

“Então, o que vamos fazer agora?” Eu pergunto enquanto pego um pedaço de panqueca com o garfo. “Vamos apenas nos esconder aqui ou podemos voltar para as aulas hoje?”

“Precisamos descobrir quem está tentando machucá-la primeiro,” Oliver murmura enquanto enfia um pedaço de panqueca nos lábios.

“Não vamos descobrir isso aqui, vamos? Além disso, e se o queimador fosse um acidente real? Acidentes estranhos acontecem o tempo todo,” respondo, pegando meu copo de leite.

“E ser empurrada para fora do barco? Atropelada por um carro? E drogada em uma festa? Tudo isso é coincidência? Cada um deles é um acidente estranho?” Sullivan ressalta, e não posso discutir com isso. Um daqueles eu poderia considerar *acidente*, mas todos, certamente não. O que significa que preciso aceitar o fato de que alguém está tentando me matar.

“Já pegamos Shelby em uma mentira, talvez ela tenha algo a ver com isso?” Sugere Banks.

“Não sei...” Penso em todo o tempo que passei com ela nas últimas semanas. Nunca houve nada de errado. Shelby parece uma ótima amiga, meus pais parecem amá-la, e havia

fotos nossas no meu quarto, fotos em que eu parecia muito feliz.

“Por que minha melhor amiga me quer morta?”

“Não tenho certeza,” responde Banks. “Eu realmente não sei por que alguém iria querer você morta.”

“Você me odiou até certo ponto, então outras pessoas não podem fazer o mesmo?” Com a menção do nosso passado, o rosto de Banks se aperta e o músculo de sua mandíbula se contrai fazendo seu queixo pular.

“Eu não acho que nosso ódio tenha sido totalmente merecido, não por você, de qualquer maneira. Acredito que seu pai é o principal culpado... na verdade, todos os nossos pais. Antes do seu acidente, sempre falávamos o que nossos pais nos diziam sobre sua família, mas depois que contratamos nosso próprio investigador particular, descobrimos que, embora seu pai parecesse o principal instigador, nosso pai não era tão limpo quanto ele se fez parecer.”

“Você sabe por que nossos pais têm essa briga há tanto tempo?” Pelo que pude entender, essa rivalidade começou anos atrás por causa de alguns investimentos. Eles se culparam por tentar destruir os negócios um do outro, sabotar transações imobiliárias e tirar clientes de alto nível. Parecia horrível para todos os envolvidos.”

“Aqui está a coisa...” Oliver coloca outra panqueca no prato de Banks. “Sempre pensamos que era sobre negócios, foi o que nosso pai nos disse. Quando pedimos que o detetive particular investigasse seu pai, ele desenterrou algumas coisas sobre o passado dele... e de nossos pais.” Ele pega um

prato para si, se senta, e estou lá, esperando, com a respiração suspensa para que ele termine sua declaração.

"O que ele encontrou?" Eu pergunto, tentando não parecer muito ansiosa.

Sullivan responde quando Oliver começa a devorar suas panquecas. "Aparentemente, nossos pais se conhecem há muito mais tempo do que gostam de falar. Na verdade, eles cresceram juntos e, acredite ou não, até eram amigos. "

"Amigos?" A maneira como ouvi minha mãe falando sobre os Bishops torna difícil acreditar que havia algo além de ódio entre os dois, mas faz sentido. Para odiar alguém, eles devem ter prejudicado você de uma maneira que é mais profunda do que parece.

Colocando as mãos embaixo do queixo, pergunto, "O que aconteceu? O que os fez se tornarem inimigos?"

"Isso, nós não sabemos." Oliver responde dessa vez: "Mas vamos descobrir. Acabamos com essa história de sermos os fantoches de nossos pais e deixar que os seus controlem você."

Me controlar? Meu pai me pediu para plantar essas drogas nos bolsos de Sullivan? Ele estava me usando, ou escolhi fazer isso sozinha? Olhando para o quadro geral agora, sim, mas antes eu não sabia. Sei que meu pai está tendo um caso, mas isso significa que ele mentiu sobre todo o resto... ou que me quer morta? Não posso pensar que meu próprio pai me queira morta, mas não sei mais o que é verdade e o que é mentira. Até as poucas lembranças que retornaram a mim estão borradas... como se tivessem passado por um liquidificador.

“Sinto muito por tudo o que aconteceu entre nossas famílias. Não sei se me desculpei antes, mas...” Minha voz diminui quando me perco em pensamentos.

“Não se desculpe. Todos nós fizemos coisas que lamentamos, coisas que foram manipuladas por outrem. Não somos mais essas pessoas.” Sullivan acalma, e eu quero me inclinar em sua direção, deixá-lo me abraçar, mas em vez disso, estendo minha mão para ele. Ele pega, esfregando o polegar por cima, suavizando lentamente a dor no meu peito.

“Gostaria de poder me lembrar de tudo. Se pudesse, talvez fosse capaz de ajudar mais.”

Banks balança a cabeça: “Seria bom você se lembrar, mas você se lembrando não mudaria nada, eu acho. Você não viu quem a empurrou para fora do barco, e duvido que consiga lembrar quem te atropelou.”

“Sim, acho que você está certo. Sinto-me tão inútil,” murmuro.

“Tudo bem, as memórias voltarão eventualmente, ou talvez não. De qualquer forma, faremos novas para substituir as que você perdeu,” Oliver diz, seus lábios se transformando em um sorriso deslumbrante.

“E agora?” Pergunto.

“O mesmo detetive particular que contratamos na época está investigando o incidente da faculdade. Vamos esperar aqui por dois dias e, se ele não encontrar nada, iremos a partir daí. Não importa o quê, nossa maior prioridade é garantir que você esteja protegida.”

◆◆◆

Quando acordo no dia seguinte, todo mundo já está de pé, então tomo meu tempo rastejando para fora da cama. O cheiro de café e bacon permeia o ar, e meu estômago, é claro, tem que rosnar para que eu saiba que aprova.

"Olha quem finalmente acordou!" Oliver brinca, enquanto ele está ocupado na cozinha. Meus olhos prendem em Banks, que está sentado à mesa da sala de jantar, com os olhos colados no celular. Sullivan não está à vista, então suponho que ele esteja no banheiro ou talvez lá fora.

Como se soubesse que eu estava pensando nele, a porta do banheiro se abre e Sullivan aparece. Tento desviar meu olhar, mas qual é o objetivo? Em vez disso, deixo-me babar, meus olhos vagando sobre seu corpo recém-tomado banho e esculpido. Droga. Quase engulo minha língua, a mesma que eu gostaria de usar para lamber as gotas restantes de água de sua pele. Jesus! Preciso parar de pensar com a minha vagina. Mas é tão difícil quando, além da toalha fina pendurada nos quadris, ele está completamente nu.

Deveria desviar o olhar. Quando minhas bochechas começam a corar, eu desvio o olhar para o rosto dele.

Seu cabelo está molhado, fazendo com que a cor marrom avermelhada pareça quase preta, o que atrai o azul marinho dos olhos, fazendo com que pareçam mais brilhantes. Sabendo muito bem que estou lhe checando, Sullivan me dá um sorriso atrevido.

"Está vendo algo que você gosta?" Ele mexe as sobrancelhas grossas, e juro que meu rosto fica cinquenta

tons de vermelho. Eu não deveria ter vergonha, mas por algum motivo, ainda tenho. Quer dizer, eu dormi com cada um, por isso não tenho motivos para ruborizar simplesmente por olhá-los, mas não consigo me conter.

Banks ergue os olhos do telefone: “Sullivan, pare de tentar seduzir Harlow e vista algumas roupas malditas. Ninguém quer ver seu pau, incluindo ela.”

“Você tem certeza? Parece que Harlow quer ver meu pau, talvez até tocá-lo.”

Senhor, por favor, me salve.

“O que você acha, Srta. Lockwood? Você gostaria de tocá-lo?” Sullivan ri.

Balançando a cabeça envergonhada, levanto-me e vou para o banheiro quando uma lembrança surge na minha cabeça.

“Harlow, isso não está em negociação. Você é uma Lockwood e deve proteger esta família, seu nome e empresa. Se isso significa fazer algumas coisas para as pessoas que merecem, que assim seja. ”

Essa é a coisa. Eu não me importo mais se eles são culpados ou inocentes. Estou cansada de ser uma Lockwood, de cumprir as ordens do meu pai.

“Acabou. Não vou mais ser sua marionete. Encontre outra pessoa,” falo entre dentes, empurrando a cadeira para sair do escritório. Quero pensar por mim mesma e não posso fazer isso enquanto estiver presa sob o domínio do meu pai.

“Não é como se os Bishops fossem inocentes, Harlow. Eles trouxeram isso para si mesmos. ”

A raiva fervilha em minhas veias, quase chegando ao ponto de ebulição: “Sullivan não trouxe isso para si. Você me fez plantar essas drogas! Você me fez estragar a vida dele. Nunca deveria ter te escutado. Se é isso que significa ser uma Lockwood, então não quero mais fazer parte desta família!”

Um olhar de choque ultrapassa seus traços: “Você não está falando sério. ”

Curvando meu lábio, deixo toda raiva que sinto revestir minhas palavras: “estou. Acabou. Eu quero sair. Se você não me deixar ir, vou encontrar outro caminho. De um jeito ou de outro, essa farsa acabou.” Não me preocupo em olhar para ele enquanto saio de seu escritório. Fiz minha escolha porque, aos meus olhos, enquanto os Bishops não são inocentes, meu pai também não é.

Eu pisco a memória para longe. Meu pai me fez fazer isso. Não por minha própria escolha, e isso me acalma mais do que eu pensava. Eu não sabia o quanto não saber pesava sobre mim. Pensei que eu era uma pessoa terrível. Talvez não fosse tão ruim, afinal.

“Ei, você está bem?” A voz de Sullivan está coberta de preocupação, seu tom de provocação desapareceu. “Eu estava apenas brincando... vou vestir algumas roupas.”

“Não, não é isso.”

“O que há de errado?” Oliver deixa o que está fazendo na cozinha e caminha até a cama. Ele segura minha bochecha e examina meu rosto como se fosse encontrar alguma doença subjacente. “Você parece pálida.”

“Acabo de me lembrar de uma coisa... uma briga com meu pai. Deve ter sido antes de vir aqui. Eu disse a ele que havia terminado. E não queria mais ser uma Lockwood.” A sala fica silenciosa ao meu redor, os três irmãos me encarando. Uma sensação de mal estar se instalando em meu interior. “Você não acha que é... que por ele ser meu pai, será ele não me quer morta?” Eu pergunto, olhando nos olhos preocupados de Oliver.

“Eu não sei. Nada e ninguém está fora de questão neste momento.” Concordo com a cabeça. Acho que ele está certo, mesmo que meu íntimo me diga o contrário... não poderia ter sido meu próprio pai. Estamos caminhando por uma ladeira escorregadia e, se o ódio dele for tão profundo para os Bishops quanto eu sinto que é, então pode muito bem ter sido ele.

“Eu também me lembrei de outra coisa, que meu pai foi quem me fez plantar as drogas em você, Sullivan.”

“Nós já imaginávamos isso,” diz Sullivan, como se mesmo fazendo o que fiz, não estragasse todos os aspectos da sua vida. Pelo jeito que Matt falou, Sullivan tinha tudo, e então eu fui arrancando tudo debaixo de seus pés.

“Bem, você pode ter imaginado. Meio que pensei que eu era uma cadela antes do acidente, e até pensei que poderia ter sido minha ideia destruir sua vida. Portanto, é bom saber que pelo menos não foi minha ideia. Não fui eu quem quis fazer isso com você. Eu era apenas um peão, alimentada por mentiras e sendo obrigada a fazer coisas em homenagem ao nome Lockwood.”

“O que fizemos no passado, é passado agora. Não se culpe por nada. Eu te perdoei há muito tempo e fico feliz que você tenha me perdoado em troca,” diz ele, pegando minha

mão e, assim, me sinto muito melhor. Sim, nós dois cometemos erros, mas todo mundo faz, alguns apenas maiores que outros.

◆◆◆

No terceiro dia de nossa fuga na cabana, começo a ficar nervosa. Todos decidimos esperar até o final do dia para ver se o investigador particular poderia encontrar alguma coisa. Se ele aparecesse com nada, estaríamos voltando para Bayshore hoje à noite. As horas se prolongam, e Banks continua verificando seu telefone para ver se algo aparece.

"Vou correr," Oliver anuncia, levantando-se e caminhando até sua mochila. Ele vasculha e puxa um par de Nike desgastado. Ele os coloca e se dirige para a porta, fazendo uma breve pausa com a mão na maçaneta. "Não devo demorar muito, então se eu não voltar em uma hora, chame uma equipe de busca." Ele sorri e sai pela porta, fechando-a suavemente, deixando Banks, Sullivan e eu sozinhos.

Olho entre eles, e os dois estão me olhando com um calor nos olhos que eu conheço muito bem agora. Faz três dias desde que fiz sexo com Oliver e Banks, e desde então, tem sido cada vez mais difícil afastar meus desejos e necessidades por todos os três. Quero todos juntos, mas ainda não tenho certeza de que conseguiria lidar com isso.

"Eu vou tomar um banho." *Um frio.*

“Ok, você quer que eu entre junto?” Sullivan balança as sobrancelhas, seu sorriso indo direto para o meu âmago. Mordo o lábio inferior para reprimir um gemido. Se eu disser que sim, Banks ficará sozinho, e eu não posso fazer isso com ele.

De pé, eu rolo meu lábio inferior entre os dentes e olho para ele batendo meus cílios sedutoramente: “E se eu quisesse? Você viria?”

“Oh... eu mais do que viria. Eu viria[2] e você também.” Ele pisca, mas não perco o jeito que o seu olhar escurece com as minhas palavras.

“Se você o levar para o chuveiro, eu também vou,” informa Banks, também me dando um sorriso de derreter a calcinha, o que é bom, já que não estou usando nenhuma. Só tenho um par e, depois de lavá-lo uma vez, decidi apenas usar meu short.

Sullivan e Banks trocam um olhar, seus sorrisos se ampliando como se tivessem inventado algum plano secreto sobre o qual eu não sei nada. Levantando-se, eles andam em minha direção enquanto eu ando para trás. Não tenho medo deles, é o oposto. Estou empolgada, meu sangue zumbindo, meu corpo inteiro eletrificado, esperando que um deles faça um movimento e coloque as mãos em mim.

“Desde a outra noite, eu me pergunto como você ficaria com meu pau na sua boca.” Banks lambe seus lábios, e não consigo desviar os olhos do movimento de sua língua. Tudo o que consigo pensar é nessa língua, contra a minha pele, sacudindo contra o meu clitóris até explodir.

[2] No sentido de gozar

“E tudo o que consigo pensar é em como eu estava com ciúmes de meus irmãos terem um gosto de você, mas eu não,” Sullivan sorri, sua mão se movendo para a frente de sua bermuda larga. “Meu pau está duro há dias repetindo aquela noite na minha cabeça uma e outra vez. O jeito que você desmoronou quando eles a levaram ao orgasmo de novo e de novo. Seus suspiros e gemidos. Os doces sons que você fez estarão sempre incorporados em minha mente.”

Eu quase suspiro quando a parte de trás dos meus joelhos entra em contato com a cama e, felizmente, porque eles tremem tanto, tenho certeza que vou cair a qualquer segundo. Observo Sullivan rondar na minha direção de frente, enquanto Banks vem pelo lado. *Assim como um predador.*

Ambos alcançam a cama ao mesmo tempo, Sullivan pegando minha camisa e me livrando do tecido sem dizer uma palavra.

Em segundos, estou nua e nem tenho certeza de como aconteceu tão rápido. Tudo o que sei é que o ar frio é agradável contra a minha pele aquecida. Caio no edredom macio, enquanto os dois caras me olham selvagemente; como se eu fosse uma corça solitária vagando pela floresta e eles são dois lobos que não comem uma refeição há semanas.

“É a vez de vocês,” eu digo atrevidamente, olhando por cima de seus corpos ainda vestidos. Banks se move primeiro, tirando a camisa com facilidade e jogando-a no chão ao lado. Então ele puxa o short, sua ereção maciça saltando livre.

Puta merda, isso estava dentro de mim?

Não tive a chance de olhar antes quando tudo estava escuro, então agora estou olhando como se fosse uma barra

de ouro que foi colocada na minha frente. É grossa e com veias, a cabeça em forma de cogumelo parece macia e me pergunto como seria contra meus lábios.

Meu núcleo aperta com o mero pensamento. Eu o quero desesperadamente. Estou tão apaixonada por isso que mal noto Sullivan tirando a roupa. Banks enrola os dedos em torno do eixo grosso, dando um golpe duro. Meus mamilos intumescem, endurecendo instantaneamente, e sinto um jato de umidade entre minhas dobras. Isso é tão erótico. Eu, eles, nus. Observando-o com a mão em volta do seu pau é a cereja no topo de um bolo triplo de chocolate de três camadas, e sou eu quem segura o garfo.

"Você quer isso?" Pergunta Banks, com a voz baixa e grossa, tocando algo dentro de mim. Balançando a cabeça ansiosamente, mordo meu lábio inferior quando ele me faz a próxima pergunta: "Onde você quer?"

Respondendo a ele sem um pingo de hesitação, eu digo: "Na minha boca."

Banks sorri, e minha atenção se afasta dele quando meus olhos se voltam para Sullivan, que também está diante de mim, nu como o dia em que nasceu. Seu corpo é magnífico, e minha boca se abre quando meus olhos se movem sobre cada músculo perfeitamente esculpido. Ombros que são construídos e parecem feitos para segurar o mundo, abdominais de tanquinho, que me fazem querer lamber entre cada adorno.

Quero beijar e tocá-lo. Meu corpo inteiro dói por esses dois homens. Inclinando-se para a frente, Sullivan agarra meu queixo com dois dedos e me puxa em sua direção. Seus lábios pousam nos meus, o beijo é fogo, dentes e paixão que

tudo consome. Os lençóis farfalham ao meu lado, e sinto Banks se aproximando.

Seus dedos vem contra o meu ombro enquanto ele afasta os fios loiros sedosos. “Um dia, eu vou te foder com tanta força que você me sentirá em todas as células do seu corpo pelo resto da vida.”

Que afirmação ousada. Eu quero dizer a ele, mas tudo o que sai é um gemido gutural que é abafado pelos lábios de Sullivan enquanto ele morde meu lábio inferior, seus dentes passando sobre a carne macia. Banks aperta o lado da minha garganta e ombro com beijos quentes, chupando a pele com força antes de lamber a dor com a língua.

“Fique de quatro para mim, baby,” murmura Sullivan, seu peito subindo e descendo rapidamente. Demoro um momento para começar a me mover, minha cabeça ainda nas nuvens, mas quando chego à posição de mãos e joelhos, volto meu olhar para baixo. Ofegando alto quando percebo que minha excitação está pingando embaraçosamente nas minhas coxas.

“Porra, você está tão molhada. É tão emocionante saber que fazemos isso com você.” Sullivan passa a mão pela minha espinha e eu olho para Banks, que me observa, com os olhos encobertos e escuros. Ele se parece com o lobo mau e eu quero desesperadamente ser comida.

Ele se aproxima, usando uma mão para trazer seu pau aos meus lábios e a outra para inclinar meu queixo para cima. A cabeça aveludada e suave de seu pau roça nos meus lábios, exatamente quando Sullivan entra em mim com dois dedos. *Bom Deus!* Minha boca se abre, um gemido sem fôlego enche o ar enquanto um calor ondula em minhas veias. Coloco minha língua para fora, por cima da fenda e sob a

cabeça do pau de Banks, uma picada salgada explodindo contra a minha língua.

Os olhos de Banks parecem se arregalar quando faço isso uma e outra vez até que ele geme e estou montando a mão de Sullivan, balançando para frente e para trás contra seus dedos.

“Chupe seu pau, Harlow. Pegue-o nessa boca virgem e deixe-o entrar nela,” encoraja Sullivan, e não posso evitar. Eu faço o que ele ordena, sugando apenas a cabeça na minha boca. Banks solta seu pau e inclina a cabeça para trás, um gemido que soa mais como um grunhido rasgando seu peito musculoso.

Girando minha língua em volta da cabeça, tento me concentrar em agradar Banks, mas Sullivan torna quase impossível. Seus dedos trabalham em algum tipo de magia vodu na minha buceta. Em segundos, estou mais do que apenas ofegante. Estou apertando os dedos dele, buscando uma libertação que sei que apenas ele pode me dar.

Estou tão perto que um grito fica preso na minha garganta e meu peito aperta, minhas pernas começam a tremer e, quando estou prestes a explodir, ele remove os dedos. Eu choramingo ao redor do pau de Banks.

“Shhh, ele vai te fazer gozar...” Banks acalma, seu polegar roçando minha bochecha. Centímetro por centímetro, ele entra lentamente na minha boca enquanto Sullivan traz seu pau para a minha entrada, revestindo sua espessura com a minha excitação. Suas mãos encontram meus quadris, me segurando possessivamente enquanto ele me puxa para mais perto de sua virilha.

Quando Sullivan entra em mim, Banks tem todo o seu pau na minha boca, seus quadris empurrando suavemente. A ponta do seu comprimento atinge o fundo da minha garganta, e eu engasgo, mas isso não impede Banks ou mesmo Sullivan.

Na verdade, é como se o som os encorajasse porque Banks continua a empurrar na minha boca, sorrindo, seus olhos brilhando com a própria escuridão quando ele atinge o fundo da minha garganta, enquanto Sullivan começa a se mover mais rápido, as bolas batendo na minha bunda.

A sala se enche de nada além dos nossos gemidos e o barulho de sua pele contra a minha. Estou queimando, suor se forma contra minha testa e gemo ao redor do comprimento de Banks enquanto o aperto de Sullivan em meus quadris aumenta. Dedos cavando minha pele, sei que haverá contusões e quero que exista. Quero me lembrar disso, sentir o máximo que puder depois.

"Porra, você é tão apertada, tão quente..." Ele me invade, e é como se eu estivesse me equilibrando perfeitamente entre os dois, com cada impulso, eu chupo Banks com mais força, empurrando a nós três para mais perto da linha de chegada imaginária.

"Estou perto..." Banks assobia por entre os dentes, o rosto apertando. "Eu vou gozar na sua boca. Se você não quer que eu faça, precisa parar agora." Em resposta, eu chupo com mais força, e ele coloca os dedos nos meus cabelos, me incentivando a ir mais rápido. Baba escorre pelo meu queixo, enquanto deixo que ele use minha boca como seu irmão faz com a minha buceta.

"Você é perfeita, tão fodidamente perfeita, Harlow," Sullivan canta, enquanto ele se inclina para a frente e

pressiona um beijo quente no meu ombro. O pênis de Banks parece aumentar de tamanho e, com um grunhido, ele começa a gozar, seus dedos segurando minha cabeça no lugar enquanto o seu gozo enche minha boca. Engulo o máximo que posso, mas um pouco escapa da minha boca quando Banks puxa seu pau livre, a ponta deslizando sobre o meu lábio inferior.

Com meu queixo preso entre dois dedos, ele me força a olhar para ele: “É a sua vez, baby. Goze por todo o pau do meu irmão.”

“Sim...” Ofego, sentindo nada além de Sullivan quando ele entra em mim, uma e outra vez, me fodendo como uma fera devastada.

“Estou perto, tão perto...” Ele rosna.

“Eu também...” Respiro fundo, cada músculo do meu corpo apertando. Estou queimando mais do que o sol, meu corpo inteiro explodindo em uma bola de chamas quando finalmente chego ao meu orgasmo. Sullivan desmorona junto comigo, minhas paredes apertando-o com tanta força que quase dói.

“Puta merda! Jesus!” Nunca ouvi Sullivan parecer tão sem fôlego, como ele faz naquele momento. Banks solta meu queixo, e eu caio para a frente, sentindo a porra pegajosa de Sullivan cobrir o interior do meu ventre.

“Isso foi...” Eu inspiro no edredom.

“Incrível,” Banks brinca.

“Intenso,” acrescenta Sullivan.

“Todas as opções acima,” digo depois de um momento, minha respiração e batimentos cardíacos lentamente voltando ao normal.

“Acho que Oliver realmente vai se arrepender de ir nessa corrida,” Banks ri, o que me faz começar a rir também. Sullivan lentamente me puxa e pressiona um beijo suave na minha bochecha. Nesse momento, a porta da frente da cabana se abre e entra um Oliver suado.

“O que eu perdi?” Ele pergunta, seus olhos vendo a cena diante dele.

Banks se arrasta para fora da cama e coloca o short de volta: “Apenas a coisa mais sexy do mundo, mas vou ter certeza de contar tudo mais tarde.”

Oliver revira os olhos, mas não perco o olhar primitivo que ele me dá. Eventualmente, precisarei ter os três ao mesmo tempo e estou começando a pensar que posso ser forte o suficiente para isso.

Capítulo Dez

Oliver fica parado por algumas horas, claramente infeliz por perder a diversão. Sullivan e Banks fazem questão de provocá-lo incansavelmente também. Depois de tomar banho, volto e encontro Banks checando seu telefone novamente. Não demora para ele dar más notícias. Meus pais foram à polícia e fizeram um boletim de ocorrência de uma pessoa desaparecida porque não tinham notícias minhas, e os guardas que meu pai havia enviado, assim como Shelby, não me viam há três dias. Agora há policiais fazendo perguntas por todo o campus.

Acho que deveria começar a carregar meu telefone comigo. Só não via motivos até então, uma vez que não tenho ninguém para ligar ou recebo ligações.

“Queremos que você venha e fique conosco em nossa casa. Não é seguro para você ficar apenas nos dormitórios e, como não moramos no campus, se algo acontecer, vai demorar um pouco para chegarmos lá.”

“Ok, me deixe no campus primeiro. Vou conversar com a polícia e esclarecer isso. Então eu posso passar pelos dormitórios e pegar algumas roupas, e algumas outras coisas.”

“Não acho que seja uma boa ideia, podemos apenas passar pela delegacia a caminho de nossa casa,” diz Oliver.

“Eu realmente preciso ir para o dormitório e conseguir alguma coisa,” exijo. Só tenho duas pílulas

anticoncepcionais restantes. Preciso tomá-la continuamente ou terei problemas. Mais do que problemas, minha vida terminará.

Oliver e Sullivan trocam um olhar, e não tenho certeza do que eles estão discutindo em sua estranha comunicação entre irmãos, mas eu gostaria que me dissessem.

Tenho quase certeza de que eles vão dizer não, então me preparo para uma discussão, mas fico chocada quando Sullivan diz: “Tudo bem, você pode fazer o que precisa e ficaremos no campus nas proximidades.

“Obrigada,” eu murmuro, e Banks escolhe então colocar a mão na minha. Não posso evitar estar feliz por ter esses três homens ao meu lado.

Quando chegamos aos dormitórios um pouco mais tarde, dois carros da polícia estão estacionados bem na frente, mas não vejo os policiais até sair do carro. Antes que eu tenha chance de explicar, mais dois policiais vêm correndo em nossa direção, armas apontadas, gritando com todos nós para deitar no chão.

Estou tão chocada que não sei o que fazer, dizer ou pensar. Estou prestes a ir ao chão quando percebo que não é a mim que eles ordenaram, mas aos caras.

“O que... o que há de errado?” Pergunto a um dos policiais, que atualmente está colocando um par de algemas em Banks.

“Você está bem, senhorita? Eles te machucaram?”

“Por que eles me machucariam? Eles não fizeram nada. Por favor, pare,” imploro a ele.

“Seus pais nos disseram que três homens a sequestraram,” diz o policial. Preocupação e confusão se transformam em raiva e compreensão num piscar de olhos.

“Solte-os agora! Ninguém me sequestrou. Fui com eles por vontade própria e, por sinal, sou uma adulta que pode fazer suas próprias escolhas.”

Quase imediatamente eles são liberados e ficam ao meu lado. Banks esfrega os pulsos, dando uma olhada no policial, mas não diz nada.

“Você está bem?” Oliver pergunta, pegando minha mão na dele. Eu forço um sorriso tranquilizador e aceno.

“Gostaríamos de ter uma declaração, apenas para nossos registros,” me diz um dos policiais.

“O que há para dizer? Nada aconteceu. Fui a uma cabana com meus amigos por três dias, fim da declaração,” eu rosno.

Sei que não é culpa do policial, mas ele está aqui agora e meus pais não, então acho que ele só terá que lidar com a minha raiva.

“Ok, vamos deixar assim.” Os policiais se entreolham antes de voltarem para a rádio patrulha. Eu os vejo ir embora, incapaz de esconder o olhar de reprovação no meu rosto.

Quando estão fora de vista, volto minha atenção novamente para os caras. Todos os três olham para mim com nada além de preocupação e só então percebo que estou tremendo. Tenho esse desejo irresistível de abraçar a todos, e como Oliver é o mais próximo, eu o abraço primeiro. Ele me

segura perto por um momento antes de me soltar, para que eu possa abraçar Sullivan e Banks também.

“Eu só quero que tudo isso acabe,” digo finalmente.

“Será em breve. Nós descobriremos isso,” diz Sullivan, e isso quase soa como uma promessa.

“Ok... apenas esperem aqui. Subirei as escadas bem rápido e pegarei minhas coisas.”

“Eu irei com você,” anuncia Banks, e posso dizer pelo seu tom e pela tensão de seu corpo que ele não aceitará um não como resposta. Onde Oliver e Sullivan estão felizes por eu assumir a liderança, a preocupação de Banks substitui sua natureza descontraída. Oferecendo-lhe minha mão, ele a pega e entrelaça nossos dedos.

Entramos juntos de mãos dadas, e me ocorre então: ele está mesmo bem com esse tipo de demonstração de afeto? Não quero insistir nisso, seja o que for que todos somos, nenhum de nós já rotulou essa relação e não quero ser a primeira. Começo a puxar minha mão, querendo dar-lhe um pouco de espaço, mas nem movo minha mão um centímetro antes que ele aperte. Ele me olha com uma sobrancelha levantada e eu engulo. Tudo bem, então ele não se importa se alguém nos vê de mãos dadas.

Quando chegamos à porta do meu quarto, há música tocando através da madeira pesada, informando que Shelby está aqui.

“Shelby está aqui, você se importa de esperar no corredor? Quero falar com ela sozinha. Eu preciso saber por que ela mentiu sobre Oliver na festa.”

Banks não parece feliz, na verdade, parece que ele pode chutar a bunda de alguém a qualquer momento, mas ele concorda, no entanto, “estarei bem do outro lado desta porta, se você precisar de mim, e se você não sair em alguns minutos, eu chutarei a porra dessa coisa.”

Não consigo parar de revirar os olhos para suas tendências alfa. Nem se eu tentasse. “Mhh, que tal deixá-la destrancada e você pode abrir da maneira normal?”

Dando de ombros, ele diz: “Pode ser, se você quer tirar toda diversão.”

Ele solta a minha mão e eu respiro calmamente antes de pegar a maçaneta e girá-la, abrindo a porta. Mal cruzo o limiar quando vejo Shelby correndo pelo quarto, vindo direto para mim, como um touro furioso. Seu corpo colide com o meu, seus braços me rodeando, me envolvendo em um abraço apertado.

“Harlow, oh, meu Deus. Eu estava tão preocupada com você! Onde você estava e por que não tinha seu telefone? Eu não sabia o que fazer. Aqueles guardas estúpidos que seu pai enviou não foram embora, e eu não sabia onde você estava, e tentei te dar cobertura, mas...”

Shelby continua falando e falando, e de jeito nenhum vou conseguir uma palavra se não conseguir que ela respire e pare de falar.

“Está bem. Estou bem, viva e bem.”

Shelby se afasta, com os olhos cheios de lágrimas. “Eu estava tão preocupada. Você é minha melhor amiga e já teve muitas coisas acontecendo ultimamente. Não posso me arriscar a perder você de novo. ”

Suas palavras não fazem sentido, especialmente se foi ela quem colocou drogas na minha bebida, mas não posso ignorá-las.

Elas puxam meu coração, e acho que é porque eu não quero acreditar que um dos meus únicos amigos, minha melhor amiga, possa ser a única a me machucar.

“Shelby... eu preciso te perguntar uma coisa, e quero que você seja completamente honesta. Por que você mentiu sobre Oliver me drogar naquela festa?” Parece que a pausa mais longa da humanidade ocorre entre nós.

“O quê? Eu...” Por um momento, acho que ela vai negar. Talvez invente outra mentira, mas então, em vez de responder qualquer coisa, ela começa a chorar. Shelby cobre o rosto com as mãos, todo o corpo tremendo, porque ela está chorando muito, e tudo o que posso fazer é passar o braço em volta dela.

“Sinto muito, Harlow,” ela engasga entre soluços. “Sinto muito.”

“Apenas me diga o que aconteceu. Por que você mentiu?”

“Só estou tentando protegê-la, Harlow. Eu juro.” Isso parece um pouco absurdo, dado o que ela fez.

“Me drogando?”

“O quê? Não! Eu não te droguei. Não sei quem fez. Eu não estava mentindo quando disse que alguns caras me distraíram e me impediram de voltar para fora... simplesmente não era Oliver, e não vi ninguém colocar nada em sua bebida. ”

“Então por que você disse isso?”

“Para mantê-la longe deles. São pessoas más, Harlow. Você não acreditaria em mim, nunca acredita, mas é verdade! Eles te machucaram tanto. Eles tiveram toda a escola contra você. O banner... essa não foi a única coisa que fizeram, sabia? Eles te aterrorizaram, e então todas essas outras coisas aconteceram com você, e todos o tempo os Bishops estavam lá. Isso não é uma coincidência.

“Shelby, eu sei que você está tentando ser uma boa amiga, mas precisa confiar em mim. Não são os irmãos Bishops que estão atrás de mim. Sim, eles me intimidaram antes do acidente, mas não é mais assim, as coisas mudaram entre nós.”

“Tem mais, Harlow...” Shelby enxuga algumas lágrimas dos olhos, que agora estão inchados e vermelhos. “Os pais deles entraram em contato comigo um tempo atrás. Eles queriam que eu te espionasse. Eu não queria e disse que não, que nunca te trairia. Mas então me ameaçaram. Disseram-me que, se eu não lhes desse informações, machucariam minha família e, com tudo o que aconteceu com meu pai, não correria o risco de machucá-lo ou a minha mãe.” Por alguma razão, estou suando frio, precisando saber do que ela está falando. Por que eles iriam para Shelby?

“O que você quer dizer com *espionar?* Quando? O que queriam saber e o que você disse a eles?” Estou recorrendo a qualquer meio aqui, tentando encaixar todas as peças do quebra-cabeça. Há coisas que eu sei agora, e coisas que ainda não entendo ou até me lembro, mas tudo é tão confuso.

Shelby respira fundo. “Eles me contataram logo antes do incidente do barco. No começo, só queriam saber coisas

como se você estava vendo um dos filhos deles. Eu disse que não, é claro, já que vocês se odiavam. Então o acidente de carro aconteceu, e eles continuaram me contatando, querendo atualizações. Perguntaram se você recuperou a memória e coisas assim. Não sei o que eles querem, Harlow, mas estou preocupada com você. Não se pode confiar nos Bishops, quer dizer, eles me ameaçaram por informações a seu respeito. ”

Pela primeira vez em três dias, meu coração afunda. Não sei o que pensar ou sentir. Os irmãos estão mentindo? Eles sabem disso? Toda vez que parece que estou me dando bem, outra coisa acontece.

“Não sei o que está acontecendo entre você e eles, mas acredito que deve saber. Eu acho que é muito provável que eles tentem te machucar. Por que mais eles queriam saber sobre você e seus filhos? Nenhuma dessas coisas começou até depois que me abordaram.” *Deus, espero que não.* Tremores atormentam meu corpo com o pensamento.

Os pais dos irmãos não tentariam me matar por causa de uma rivalidade estúpida da família, tentariam? Há tantas peças faltando neste quebra-cabeça, e uma dor de cabeça está começando a se formar atrás dos meus olhos. Não consigo mais pensar nisso.

“Está bem. Acredito e confio em você. Você é realmente a única amiga que tenho aqui. Só queria que tivesse me dito antes. Estou com dificuldades para dizer quem é amigo e quem é o inimigo. ”

Shelby assente e dá um passo para trás, me dando uma chance de respirar. Imediatamente, começo a juntar minhas coisas; algumas mudas de roupa, minha escova de dentes, shorts para dormir e...

“Você viu minhas pílulas anticoncepcionais?” Pergunto a Shelby, depois de olhar para onde tenho certeza de que as havia colocado da última vez.

“Não, eu não as vi, e aonde você vai? Você acabou de voltar. Pensei que talvez pudéssemos ter uma noite de cinema e colocar os assuntos em dia, passar algum tempo juntas. Parece que nunca nos vemos mais.”

“Vamos, garota, não passamos juntas a semana inteira.” A voz de Shelby ecoa na minha cabeça, uma memória começando a vir à tona.

“Tudo bem, que tal assistir a um filme engraçado?” Eu realmente preciso de uma boa risada depois da semana que tive.

“Comédia Romântica?” Shelby diz.

“Tudo bem, desde que o personagem principal não se pareça com nenhum dos meus perseguidores.”

“Oh, Harlow... lamento muito que você esteja tendo dificuldades. Quer que eu chute a bunda deles? Porque eu vou!” Shelby joga o braço por cima do meu ombro, me puxando para o seu lado.

“Os Bishops estão realmente começando a me atingir. Não era isso que eu pensava que seria a vida universitária.” Inclino-me nela, deixando minha melhor amiga me confortar.

“Sempre estarei aqui para você. Nunca se esqueça.”

Meu coração se aquece com a lembrança. Shelby tem sido uma boa amiga... a melhor.

“Prometo que sairemos em breve, mas não hoje. Vou ficar com os caras.” Shelby suspira profundamente com a menção deles, mas não diz nada para me impedir. “Eu confio neles, e o que seus pais fizeram, eles não sabem.”

Shelby cruza as mãos no colo. “Ok, Harlow, mas tenha cuidado.”

“Eu vou,” digo a ela e continuo juntando minhas coisas. Finalmente encontro meu controle de natalidade em uma das minhas gavetas. Coloco na minha bolsa com o resto dos meus pertences. “Eu tenho meu telefone comigo desta vez. Vou mandar uma mensagem para você.”

Depois de um rápido abraço, vou para a porta. Saio e encontro Banks encostado na parede, seus lábios estão pressionados em uma linha tensa e seus olhos parecem um pouco mais escuros. Fecho a porta antes de perguntar:

“Você ouviu?”

‘Eu ouvi,” ele diz entre os dentes. Banks pega minha mão e começa a me puxar pelo corredor.

“O que você está pensando?” Suponho que ele ainda pense que Shelby está mentindo, especialmente agora que ela acusou os pais dele. É por isso que fico tão chocada quando ouço o que ele diz a seguir:

“Suspeitávamos que nossos pais tivessem um espião, alguém para ficar de olho em você, mesmo em nós, mas não sabíamos quem era, e definitivamente não sabíamos que eles iriam tão longe e recorreriam a ameaças. ”

“Você acha... que eles me querem morta?” Eu não sei muito sobre os pais dele ou o relacionamento que os irmãos

têm com eles, mas essa necessidade de ameaçar Shelby por informações ao meu respeito me aterroriza. Pelo canto do olho, vejo o rosto de Banks se transformar em dor. Ele parece zangado e frustrado, mas acima de tudo, decepcionado.

"Eu não posso imaginar isso. Simplesmente não posso. Eles são boas pessoas..." Sua voz diminui quando chegamos ao pé da escada. A porta da frente se abre e duas meninas entram. Acho que não as conheço, mas elas devem me conhecer, ou pelo menos ao Banks, porque ambas param para nos encarar. Um sorriso doentio se forma nos lábios de uma das meninas, seus olhos se estreitando.

"Você não pode usar os dormitórios como um lugar para se prostituir, sabe? Na verdade, algumas pessoas vêm a essa universidade para obter uma educação."

Ela não... sim, ela fez. Essa cadela acabou de me chamar de prostituta.

Eu pisco, literalmente chocada com a coragem dela. "Com licença?"

"Você me ouviu," ela responde, seus olhos refletindo nojo.

Sem nem perceber, minhas mãos fecham em punhos apertados. Eu quero dar um soco no rosto dela.

Banks balança a cabeça, os lábios levantando nos cantos.

"Ignore-as, elas estão com inveja por você ter conseguido pegar três dos caras mais gostosos de Bayshore." As meninas reviram os olhos e passam por nós como se nada tivesse acontecido.

“Você realmente ia dar um soco nelas?” Pergunta Banks, me dando um olhar peculiar.

Meus ombros se erguem em um encolher de ombros. “Não sei. Eu só queria fazê-las comer suas palavras.”

Quando voltamos para o carro, Sullivan e Oliver parecem tensos. “Por que demoraram tanto? Estávamos prestes a subir e começar a bater algumas cabeças,” Oliver repreende.

“Shelby disse que nossos pais a contataram para espionar Harlow,” anuncia Banks assim que estamos no carro com todas as portas fechadas.

“Filho da puta,” Sullivan rosna enquanto bate com o punho fechado contra o painel. “Não é surpresa, nem um pouco, mas estou chocado que eles foram para Shelby.”

Oliver sai do estacionamento e contamos o resto da história, incluindo o confronto com o esquadrão de putas no corredor.

“Vou conversar com mamãe e papai e ver se consigo entender isso. E sobre essas garotas elas não são ninguém.”

Tudo o que posso fazer é dar de ombros. Quero dizer que é fácil falar desse jeito quando eles não são chamados de prostitutas ou olhados com nojo. Como devo deixar de lado as coisas que as pessoas dizem e fazem?

Sei que não deveria me importar com o que as outras pessoas pensam... sei disso, mas não significa que posso simplesmente desligar meus sentimentos ou esquecer o que falam.

“Vou tentar, mas não é tão fácil.”

“Esqueça-as,” Banks me assegura com uma mão gentil, e algo me diz que será muito mais difícil do que simplesmente *esquecê-las*.

Capítulo Onze

Indo para a frente da classe, entrego meu trabalho ao professor Paulson, que me dá um breve aceno quando saio da sala. Oliver segue ao meu lado, nossos dedos entrelaçados quando entramos no corredor. Os irmãos entram em todas as minhas aulas, garantindo que eu esteja segura. Ajustando minha mochila, ando pelo longo corredor junto com Oliver. Eu ando talvez três metros quando uma mão pousa no meu ombro, interrompendo mais alguns passos.

Seriamente. Meio que espero que seja um dos guardas estúpidos, então quando eu me viro não há nada além de raiva mal contida pintada no meu rosto.

"Ei, pessoal..." Caroline cumprimenta e imediatamente minhas feições suavizam.

Não Bert ou Ernie, graças a Deus.

"Ei, desculpe, eu pensei que você era um dos guardas que meu pai mandou."

Oliver olha em volta de nós, examinando a área. "Agora que penso nisso, não os vemos há um tempo." Ele encolhe os ombros. "Espero que tenham sido demitidos. Quero dizer, eles fizeram um trabalho terrível. Nós te sequestramos em plena luz do dia, e eles nem conseguiam descobrir onde você estava," ele brinca, seus olhos brilhando de diversão.

"Eu definitivamente os demitiria se fosse seu pai," Caroline diz. "Eu só queria ver se você queria tomar um café

ou algo assim?" Meu estômago ronca em apreciação à sua oferta. Faz quase seis horas desde a última vez que comi alguma coisa, porque estupidamente escolhi pular o almoço e terminar meu trabalho.

"Certo. Terminei as aulas do dia e poderia ter um biscoito e um café agora."

Caroline me dá um sorriso enorme.

"Você está bem com isso?" Dirijo a pergunta para Oliver.

"Qualquer coisa que você quiser," ele pisca e pressiona um beijo suave na minha mão que faz meu estômago tremer. Nas palavras de Oliver, ela lidera o caminho, levando-nos a este pequeno café a alguns quarteirões da Biblioteca. Sentamo-nos em uma pequena mesa perto da janela, e eu observo enquanto Oliver caminha até o balcão e nos pede alguns cafés e doces. Nossos olhares se chocam quando ele me pega olhando para ele, e eu desvio o olhar, minhas bochechas corando instantaneamente.

Caroline ri baixinho e depois pergunta: "Como está indo? A última vez que conversei com Sullivan, ele me disse que você ficaria com eles por enquanto?" A pergunta dela tem imagens minhas enroladas na cama de Sullivan na noite passada, surgindo na minha cabeça.

"Está indo bem," eu sorrio. "Na verdade, tem sido ótimo." Já sei que estou ficando vermelha, com meus pensamentos indecentes e tudo, mas não é como se eu tivesse algo a esconder, principalmente, de Caroline.

"Isso é bom, e como foram as aulas? Eu sei que o boato começou de novo, como tenho certeza que você já ouviu falar."

“Alguém disse alguma coisa?” A voz de Oliver corta o ar, enquanto ele coloca duas xícaras na nossa frente.

“Sim,” Caroline faz beicinho, “Tiffany e sua estúpida gangue de bonecas barbie estão espalhando rumores sobre Harlow novamente.”

O olhar de Oliver se torna assassino: “Estou tão cansado delas espalhando mentiras sobre você.” Ele senta ao meu lado e parece um leão faminto, pronto para derrubar sua presa. Colocando minha mão contra sua coxa, dou-lhe um aperto tranquilizador.

“Isso não me incomoda,” eu minto. “Elas podem dizer o que quiserem. A única pessoa que sabe a verdade sou eu.”

Os olhos de Oliver se afastam para algo atrás de mim. Um momento depois, um grupo de rapazes entra na cafeteria, suas risadas altas e conversas preenchendo o espaço silencioso. Bebendo meu café, tento ignorá-los, mas parece cada vez mais alto.

“Cara, esse é Oliver Bishop, e *Harlow,* você sabe, aquela que gosta de dois paus ao mesmo tempo,” um deles ri, e eu posso ver a raiva saindo de Oliver como um rio.

“Está tudo bem,” eu sussurro, mesmo que não esteja. Não é bom que eles digam coisas tão ruins ou que falem de mim de uma maneira tão degradante como se eu nem estivesse aqui.

“Não, não está,” Oliver rosna, sua perna saltando para cima e para baixo sem parar.

“Acha que ele a compartilharia conosco? Vamos levá-la para dar uma volta?” Outro cara ri, sua voz baixa e um pouco mais perto do que os outros caras.

“Não saberemos, a menos que você peça.”

Meus olhos rolam para a parte de trás da minha cabeça. Isso é nauseante.

Caroline se encolhe. “Sinto muito.” Eu balanço a cabeça.

“Não sinta, nada disso é...”

Minhas palavras são cortadas quando um corpo pesado bate na parte de trás da minha cadeira, fazendo com que café quente escorra da minha xícara para minha mão. Um grito passa pelos meus lábios e coloco a caneca em cima da mesa, antes de me virar na cadeira, mas não faz sentido repreender esse cara porque Oliver já está fora de sua cadeira, frente a frente com ele.

“Que porra é essa, cara?”

“Desculpe, foi um acidente, não que isso importe...” O babaca fala, como se não fosse grande coisa ou rude *pra* caralho.

“Isso importa, e você vai se desculpar pelo que fez.”

O cara parece extremamente surpreso e então ele está rindo, sua voz batendo nas paredes dentro da minha cabeça.

“Esse idiota acha que vou pedir desculpas para a puta dele.” Ele dá uma cotovelada no amigo, que também se une à gargalhada. Um nó de preocupação começa a se formar no meu interior quando vejo os punhos cerrados de Oliver,

abrindo e fechando. *Merda*. Ele vai se meter em problemas por nada. Tudo por causa de alguns idiotas estúpidos.

Estou tão envolvida em meus pensamentos que não percebo Oliver se mexendo até que seja tarde demais. O punho dele se conecta com o rosto do perdedor quando eu me levanto, a cadeira de madeira batendo no chão, chamando ainda mais atenção. Mas eu não ligo. Preciso detê-lo antes que ele se meta em problemas. Movendo-me rápido, enrolo a mão em torno de seu bíceps e o puxo de volta para mim, mas é como tentar mover uma parede de tijolos. Sem sentido.

O idiota tropeça para trás, seu grupo de amigos o pega, enquanto ele coloca a mão no rosto, a fúria se formando em seus olhos.

"O idiota me deu um soco, e tudo por uma buceta arrombada."

Eu não deixo as palavras que ele diz me afetarem. Não significam nada, nem uma maldita coisa. Oliver, no entanto, pensa de outra forma e se lança para a frente, esperando dar outro soco, mas desta vez sou mais rápida e, em vez disso, me coloco entre ele e o inimigo.

"Ele não vale a pena. É apenas um idiota ouvindo um boato que foi espalhado mais do que as pernas de Tiffany." Envolvendo meus braços em torno dele, eu o abraço com força, descansando a cabeça contra seu peito, o som de seu batimento cardíaco irregular enchendo meus ouvidos. Seu peito vibra de raiva enquanto ele toma a decisão de se afastar.

"Saiam, idiotas," ele rosna.

“Seja como for, ela não vale a pena.” Um murmura, e outro diz: “Fique com a prostituta.” Novamente, eu os ignoro e seguro firme Oliver. O toque da porta me diz que eles finalmente saíram, e só então afasto-me de seu peito.

“Eu quero desfigurar seus rostos,” Oliver rosna, parecendo diabolicamente bonito enquanto fala. Meu interior está quente, meu núcleo pulsando com a necessidade. Maldita vagina sempre atrapalhando. Um toque alto atravessa o ar e levo um minuto para perceber que é meu telefone que está tocando. Puxando o dispositivo do bolso, olho para a tela e vejo o rosto e o nome de Shelby piscando nele.

“Mantenha esse pensamento,” digo a Oliver, e pressiono a tecla verde para atender.

‘Ei,” mal falo antes que a voz de Shelby me interrompa.

“Oh, meu Deus, Harlow! Nosso dormitório foi… foi…” Há um choro abafado, seguido de um grito agudo. Instantaneamente, estou de pé, pronta para ir em direção à porta, precisando me certificar de que Shelby está bem.

“O que aconteceu, você está bem?” As palavras saem em pânico.

“Estou bem, mas o nosso quarto não. Venha aqui rápido, por favor,” implora Shelby.

“Estou a caminho. Estarei aí em breve.” Desligo o telefone e noto que Oliver e Caroline estão de pé agora. Eles me olham confusos, e sei que tenho que explicar.

“Shelby disse que algo aconteceu ao nosso quarto.” O medo irradia pela minha espinha como uma gota interminável de água gelada.

“O que você quer dizer?” Oliver pergunta, enquanto eu pego minha bolsa, e saímos da cafeteria.

“Eu não sei,” respondo, minha angústia evidente nas três palavras simples. “Ela só disse que algo aconteceu no nosso dormitório.”

“Deus, eu tenho um mau pressentimento sobre isso.” Caroline parece estar doente.

“Eu também.”

Não demoramos muito para chegarmos ao dormitório e, quando isso acontece, Banks e Sullivan estão do lado de fora do prédio, esperando por nós. Oliver ligou para eles no caminho, e eles chegaram aqui em tempo recorde.

“O que está acontecendo?” Ambos perguntam com quantidades iguais de medo nos olhos. Oliver abre a boca, respondendo por mim:

“Nós não sabemos, mas vamos descobrir.” Ao entrar no prédio, o medo enche meu interior, e só aumenta a cada passo que dou, até que esteja quase me sufocando. Quando chego ao quarto, acho que vou vomitar. Estou prestes a abrir a porta quando é aberta por Shelby, as bochechas manchadas de lágrimas e o rosto sombrio me cumprimentando.

“Harlow!” Ela chora e me puxa para o peito, passando os braços em volta de mim. É então que percebo todas as minhas coisas destruídas, minha cama revirada, meus

pertences jogados ao redor do quarto. Mas nada poderia ter me preparado para o que vejo a seguir; a palavra PUTA pintada com spray no meu colchão em tinta vermelha brilhante, da mesma cor que foi usada para fazer o banner. Lembro-me de ver a mesma palavra... em letras quase idênticas antes. Alguém escreveu nas minhas camisetas quando eu estava lavando roupa.

"Acho que foi Tiffany e suas amigas, tem que ser," Shelby chora. "Olhe para a letra, a tinta, é tudo a mesma coisa."

"Porra!" Ouço Banks dizer.

"Cadela," Sullivan diz ao mesmo tempo.

"Ela pagará por isso, sem dúvida. Vou tornar a vida dela um inferno," Oliver fala em seguida, mas nem sinto o efeito de suas palavras. Sei que ele fará exatamente o que diz, mas agora me sinto humilhada, tão malditamente humilhada.

"Eu..." Saio do abraço de Shelby, meu peito estremecendo, enquanto sugo o ar para os meus pulmões. Estou com raiva, mas também triste. Eu odeio essas pessoas. Diga o que quiser sobre mim, mas não toque nas minhas coisas e não mexa com as pessoas que me importam.

"Sinto muito, Harlow. Não sei como ela entrou," Shelby fala, e posso dizer que tudo isso a afeta em um nível mais profundo. "Eu te decepcionei," ela confessa um momento depois.

"Shh, vai ficar tudo bem," eu digo, porque sei que ficará. "Você não me decepcionou, nunca."

“Devemos chamar a polícia? Ou pelo menos a segurança do campus?” Caroline pergunta.

“Você acha que eles farão alguma coisa? Investigar uma brincadeira, mesmo que tenha sido levada longe demais?” Banks tem um bom argumento. O que os policiais vão fazer?

“Vamos limpar isso, você e Caroline podem voltar para casa,” sugere Oliver, mas não quero sair ainda. Eu quero ajudar. Preciso ajudar. Essas putas podem ter me machucado, mas não me quebraram. Não vou para casa me esconder.

“Não, eu vou ajudar. Shelby precisa de mim, ela sempre esteve lá por mim, e não posso deixá-la agora, principalmente porque é minha culpa que o nosso quarto foi destruído.”

“Tudo bem,” responde Sullivan dessa vez, e posso dizer que ele está descontente com a minha resposta, mas não pressiona para eu sair. Ele sabe que preciso disso agora.

Enquanto todos limpamos o quarto, planejo minha vingança, sabendo que em breve farei a cadela desejar que ela nunca soubesse meu nome.

Capítulo Doze

"Por que não posso simplesmente me sentar nesta aula?" Banks está basicamente gritando neste momento, com as mãos fechadas ao lado do corpo. O professor parece irritado, seu rosto quase sempre calmo começa a ficar vermelho de raiva, enquanto o meu está vermelho por uma razão completamente diferente.

"Porque você não está mais matriculado nesta classe, Sr. Bishop," o professor Brown responde, sua voz tensa, como se estivesse prestes a perder seu último fio de paciência. "Você precisa sair da minha sala agora, ou chamarei a segurança do campus, e você será removido."

Suas palavras são uma ameaça, mas algo me diz que ele fará exatamente o que diz. Não querendo que a situação se complique ainda mais, eu me viro para Banks.

"Ei, tudo bem. Prometo que ficarei bem," sussurro, tentando acalmá-lo, enquanto ele continua a fazer uma careta para o professor Brown. Alguns instantes se passam, e me preocupo que Banks vai continuar o assunto, mas então ele me olha, seus olhos suavizando quando eles se conectam com os meus.

"Tudo bem," Banks rosna, suas palavras pingando com desdém sufocante. "Venho buscá-la no final da aula," ele direciona as palavras para mim, antes de sair do seu lugar. Então ele se inclina para a frente e me dá um beijo rápido nos lábios antes de virar em direção à porta.

Depois que ele sai da sala, forço um sorriso, mas não é devolvido pelo professor ou por qualquer outra pessoa. Bem, pelo menos Tiffany não está nesta classe. É um ponto positivo, mas entendo de qualquer maneira.

O professor Brown volta para a frente da classe e um silêncio pesado cobre a sala. No meio da aula, as coisas finalmente se estabelecem o suficiente para eu realmente aprender alguma coisa. Talvez eu não consiga passar nesta aula, mas posso pegar algumas coisas, pelo menos, para facilitar o próximo semestre.

Quando uma batida forte interrompe o discurso do professor sobre diferentes métodos de pesquisa, meio que espero que a porta se abra e que haja um dos irmãos Bishop. Em vez disso, a moldura da porta tem meus dois guarda-costas, Ernie e Bert. Ao vê-los, eu me agacho na cadeira, pego um dos meus livros, o levanto e seguro-o na frente do meu rosto.

"Posso ajudá-lo?" O professor Brown suspira de frustração.

“Sim, precisamos que uma de suas alunas venha conosco imediatamente. É uma emergência familiar," diz Bernie.

Emergência familiar?

"Senhorita. Lockwood ..." Ele examina a sala e me encontra quase imediatamente. "Por favor, isso é muito importante," ele insiste. Espero a sensação de pavor e preocupação me atingir. Ele disse emergência familiar e geralmente significa que alguém está ferido.

Eu deveria estar preocupada e assustada, mas nenhum sentimento vem. Em vez disso, me sinto... irritada. No entanto, recolho minhas coisas e enfio tudo na mochila, antes de jogá-la por cima do ombro e fazer o meu caminho para a porta.

Assim que chego à porta, eles me flanqueiam, como se estivessem me protegendo de alguma ameaça imaginária.

"Que tipo de emergência familiar é essa?" Pergunto.

"Deixe-me carregar sua mochila para você," sugere um dos caras e a tira do meu ombro antes que eu possa responder. Piscando lentamente, eu o encaro.

Eu posso carregar minhas próprias coisas.

Irritada como o inferno, sigo os dois capangas, esperando que Banks esteja do lado de fora da porta esperando por mim. A decepção enche meu peito quando ele não está, e fico sozinha com os seguranças que meu pai enviou. É só quando estamos do lado de fora e, caminhando em direção ao estacionamento, que percebo que eles não estão tentando impedir que alguém me atinja, e sim tentando me impedir de fugir.

Enterro meus calcanhares no chão, parando instantaneamente. Eles devem ter esperado a mudança porque param uma fração de segundo depois, cada um agarrando um dos meus braços. Instantaneamente, sou contida.

"O que diabos vocês estão fazendo?" Eu grito, exigindo uma resposta. Em vez de me responder, eles apenas apertam os punhos. Meu lábio se curva com raiva.

"Diga-me agora, ou vou gritar."

Acho que Bert aperta meu braço: "Seu pai nos pediu para levá-la até ele, ele está muito preocupado com você ... e com sua segurança."

Minha segurança?

"Eu não dou a mínima para o que meu pai pediu ou com o que ele está preocupado. Eu sou adulta. Você não pode simplesmente me tirar da aula e me forçar a ir com você. É sequestro."

Antes que eu perceba, estou sendo arrastada pelo estacionamento, os dois caras me puxando pelos meus braços. Por mais que eu tente cavar meus pés no asfalto, nada impede seus movimentos e logo estamos em um SUV preto.

Por alguma razão, só então penso em gritar e pedir ajuda:

"Socorro! Estou sendo sequestrada!" Eu grito no topo dos meus pulmões enquanto tento bater os pés no chão e fazer o máximo de barulho possível. Os dois homens nem sequer piscam para mim.

Um dos caras abre a porta do SUV enquanto o outro me empurra para dentro, mantendo minha cabeça baixa, para não bater contra a moldura da porta. Assim que estou no carro, ele fecha a porta atrás de mim. Pego a maçaneta e a puxo freneticamente, mas é claro que está trancada. Eu corro pelo banco e vou para o outro lado, tentando a porta.

"Você não pode fazer isso," eu rosno, quando os homens entram no carro um momento depois de me colocar dentro.

Ignorando meu comentário completamente, Bert se vira para mim: "Por favor, aperte o cinto, senhorita." Cruzando os braços sobre o peito, balanço a cabeça.

"Não, você não pode me obrigar." Os dois homens encolhem os ombros como se não se importassem, e então aceleram. Com a atenção deles na estrada, procuro meus bolsos na esperança de encontrar meu telefone.

Merda! Está na minha mochila.

Ugh, eu poderia me chutar por ser tão estúpida. Nunca deveria ter me levantado e saído daquela sala de aula. Eu deveria ter mantido minha bunda colada na cadeira, me recusando a ir a qualquer lugar, o que de pior eles poderiam ter feito? Afundando mais no assento de couro, tudo o que posso esperar é que alguém tenha me visto sair e talvez, apenas talvez tenha contado a um dos caras o que aconteceu. Com raiva, olho pela janela e, assim que eles viram à direita na estrada em direção ao norte, sei que estão me levando de volta à casa dos meus pais ... de volta a *North Woods.*

“Que tipo de *emergência* é essa?”

“Seu pai nos disse que era importante não lhe informarmos sobre o assunto. Em vez disso, ele compartilhará os detalhes quando você chegar em casa.”

Quero gritar, dar um soco no assento, fazer qualquer coisa, exceto sentar-me neste assento esquecido por Deus como uma criança e esperar meu pai me *informar* sobre o motivo pelo qual seus guarda-costas me tiraram da sala de aula.

"Posso pelo menos ter minha mochila?"

"Coloquei-a no porta-malas. Devolverei assim que voltarmos à propriedade."

Claro que ele vai.

Passo o resto do caminho deprimida, deixando a raiva ferver logo abaixo da superfície, e pensando em todas as coisas que vou dizer... não, gritar com meu pai, quando estiver na presença dele.

Paramos na entrada longa e sinuosa da propriedade da minha família, e minha fúria se intensifica. Paramos bem na frente da casa, assim que a porta se abre e meus pais aparecem nos degraus da frente. Seus capangas saem rapidamente abrindo a porta para mim, para que eu possa sair também.

“Lloyd, Milton, obrigado por trazê-la aqui,” meu pai cumprimenta os dois homens que me arrastaram para cá. Lloyd e Milton devem ter seus nomes verdadeiros, bem, gosto mais de Ernie e Bert... afinal são dois bonecos. Afastando esse pensamento sem importância, me preparo para liberar minha raiva.

Entrando na porta da frente como se estivesse em uma missão, começo a gritar: “Que diabos é isso? Por que você me sequestrou da faculdade?”

“Harlow, acalme-se e não seja ridícula. Nós não a sequestramos. Simplesmente a pegamos na faculdade.” O tom desdenhoso de minha mãe faz meu sangue ferver.

“Pegamos? É isso que você chama de arrastar-me pelo estacionamento, me empurrar em um carro contra a minha vontade e se recusar a me deixar ter minha mochila? Porque, para mim, isso é sequestro!”

“Não seja tão dramática, foram esses meninos Bishops que sequestraram você e a mantiveram refém por três dias,” meu pai retruca. Ele pode estar certo na parte inicial do sequestro, mas, é claro, não vou admitir isso.

“Eles não me seguraram contra a minha vontade, eu fiquei com eles porque queria.” Com minhas palavras, minha mãe respira profundamente e segura a mão no peito, como se ela tivesse um leve ataque cardíaco.

O rosto do meu pai fica levemente vermelho e há uma veia saindo na testa, mas, além disso, ele mantém uma expressão composta. “Vamos entrar e conversar,” ele grita. Pego a deixa, passando pelos meus pais e entrando em casa.

Eles me seguem até a sala, onde todos nos sentamos no sofá.

“Você não voltará para Bayshore e não verá esses Bishops novamente,” a voz do meu pai é estranhamente calma. “Você ficará aqui, fará parte dessa família e se casará com Matt na próxima semana.”

Pelo que parece minutos, todos nós ficamos sentados em silêncio, então eu começo a rir, realmente rir.

Jogo a cabeça para trás e me abraço, eu rio tanto que minha barriga dói. Leva um minuto para me recompor o suficiente para responder aos meus pais, que estão sentados estoicamente no sofá, sem entender a piada.

“E por que eu faria isso? Eu sou adulta, você não pode mandar em mim. Ou forçar-me a casar com alguém de sua escolha.

“É claro que é sua escolha, Harlow, mas haverá consequências em suas ações. Se você se recusar a se casar com Matt, algo pode acontecer com Sullivan... ou quem sabe Banks desta vez.” Deixo a ameaça do meu pai pairar no ar por um momento antes de responder:

“Você não pode fazer isso! Você não pode incriminá-lo, novamente, você já destruiu a vida dele uma vez.”

“Existem outras maneiras mais permanentes de cuidar de alguém... ”

“*Muito bem, Xander*,” a voz da minha mãe de repente enche minha cabeça, e eu mantenho essa memória, sabendo em um instante que é importante. *“Mais uma vez obrigada por nos ajudar com a situação dos Bishops.”*

“Não há problema algum, incriminar as pessoas é o meu segundo trabalho favorito,” diz o homem chamado Xander.

“Oh, e qual é o seu favorito?” Meu pai entra na conversa e já posso dizer que a resposta não é aquela que eu quero ouvir.

“Matar pessoas...” Meu coração para, deixando uma dor que eu nunca senti antes. Meu crânio vibra com a dor de forçar a memória, mas não me importo. Tudo o que consigo pensar é como meu pai está ameaçando matar um dos homens que amo.

A memória desaparece, mas sei que há mais. Procuro em meu cérebro, desejando encontrar aquele compartimento oculto onde as informações que eu preciso estão armazenadas.

Xander... quem é Xander?

Xander Rossi... finalmente clica na minha cabeça. Xander Rossi, o chefe da máfia local.

Meus pais estão trabalhando com a máfia. A realização me deixa atordoada. Não é alguém que eu possa remover da equação. Esta é a máfia, e com eles no bolso do meu pai, ou é como ele diz ou enfrento as consequências.

“Harlow, querida, não somos os bandidos aqui,” minha mãe explica. “Estamos tentando fazer o melhor para você. Você tem que confiar em nós. Matt será o marido perfeito. Ele cuidará de você e te fará feliz.”

“Você não quer o que é melhor para mim, e sim o que é melhor para você, pelo menos vamos admitir.” Levanto-me, incapaz de sentar com eles por mais um segundo. “Acho que não importa o que eu quero, você venceu. Vou me casar com Matt."

Ignorando a tristeza e a derrota na minha voz, minha mãe sorri.

“Perfeito, vou começar a planejar agora. Você fez a escolha certa, querida.”

“E eu ligo para Matt para dar as boas notícias,” meu pai fala presunçosamente, enquanto me afasto e vou em direção ao meu quarto. Não vou dar a eles a satisfação de me ver chorar. Seguro minhas lágrimas até fechar a porta, me trancando dentro do quarto com nada além de meus pensamentos. Vou me casar com Matt, um homem que não amo, para que as pessoas que eu amo possam ficar seguras.

◆◆◆

Durante toda a noite acho impossível dormir, as lágrimas fluindo livremente pelo meu rosto. Passam horas antes de eu estar tão exausta que finalmente adormeço e nem acordo mais tarde naquela manhã quando alguém entra no meu quarto e se senta na minha cama. Somente quando tocam meu ombro, me sacudindo gentilmente, eu abro meus olhos.

"Ei, você," o rosto de Matt me cumprimenta, sua voz é baixa, doce e açucarada, e acho que posso estar sonhando. Eu pisco e depois pisco novamente. Então, como uma pilha de livros caindo, tudo vem sobre mim. Sentando-me ereta o suficiente para me dar uma cabeçada, aperto o cobertor pesado no meu peito e recuo contra a cabeceira da cama.

"O que diabos você está fazendo aqui? Quem te deixou entrar?" Minha voz se eleva a cada pergunta, ainda cheia de sono.

Ele sorri, mostrando os dentes perfeitamente brancos: "Seus pais me deixaram entrar, é claro, e estou aqui para ver como está minha futura esposa?"

Meu coração afunda e sinto vontade de vomitar. Tudo o que quero fazer é puxar o cobertor sobre a cabeça e voltar a dormir... um sono longo, muito longo, onde acordo e tudo isso não passa de um sonho.

"Você parece emocionada em me ver," Matt aponta, seu rosto se desfazendo como um pedaço de rocha quebrado. "Acho que não foi sua ideia se casar, afinal."

"Não importa, eu concordei em me casar, então estamos fazendo isso."

“Parece o início de uma história de amor épica.” As palavras saem mais como uma piada, mas atingem sua marca. Como se eu já não tivesse chorado o suficiente, uma única lágrima escorre do meu olho, deslizando pela minha bochecha e respingando no lençol branco que seguro no meu peito.

“Harlow, merda, desculpe. Por que você está chorando?” Matt me alcança, mas balanço a cabeça, interrompendo seus movimentos.

“Não é nada,” murmuro, imaginando se posso confiar em Matt. Talvez eu pudesse contar a ele? Não, não posso. Eu rapidamente decido contra essa ideia. A família dele e a minha são parceiras de negócios. Ele tem que saber com que tipo de pessoas meu pai trabalha, as coisas que ele fez. Olho para o cobertor, brincando nervosamente com o tecido.

“Eu já disse uma vez, mas vou dizer novamente... podemos fazer isso funcionar. Podemos ter uma ótima vida, e eu vou protegê-la, mesmo da sua família, se é disso que você precisa.”

Sua resposta me faz olhar para ele.

“Como assim, me proteger da minha família?”

Ele encolhe os ombros, mas até eu sei que não devo assumir que é um encolher de ombros indiferente. “Parece que você está sob o domínio deles. Se você se casar comigo, terá mais liberdade. Não me importo com o que você faz, desde que não seja nada que me desabone, ou que a empresa pareça ruim. Você quer ir estudar... conseguir um emprego? Case comigo, e poderá fazer o que quiser. Não vou impedi-la ou tentar trancá-la como seus pais. Comigo, há liberdade.”

Não faça isso, Harlow... não caia na armadilha.

Antes que eu possa me impedir, estou fazendo a única pergunta que vem pesando em minha mente desde que ele começou a falar.

"Mas... e se eu estiver apaixonada por outra pessoa? Você se importaria com isso?"

O rosto de Matt não se enche de choque ou raiva, de fato, ele parece bem, como se não se importasse. "Honestamente? Contanto que você finja ser minha esposa publicamente. Eu realmente não dou a mínima para quem você fode no seu tempo livre." Ele está sendo brutalmente honesto, e mesmo que eu aprecie sua sinceridade, isso ainda me choca profundamente.

"Não sei se posso fazer isso. Se nos casarmos, então estou dentro. Não seria justo com você ou com quem amo."

"Vamos fazer o negócio," Matt diz encorajador, sua mão descansando contra a minha coxa coberta com a manta. "Você verá que tudo vai se resolver. Você ainda tem o meu número, certo?"

"Sim, no meu telefone." Me dou conta então. Meu telefone. Meus olhos percorrem o quarto, vasculhando o espaço em busca da minha mochila. Fiquei tão perturbada e, em choque na noite passada que nem pensei no meu telefone. Eu tomo um pequeno suspiro de alívio quando vejo minha mochila velha no canto. Os olhos de Matt seguem os meus, mas ele não diz nada sobre a minha reação.

"Ligue para mim se precisar de alguma coisa. Eu irei resgatá-la de seus pais, se eles forem demais." Matt sai da cama e vai em direção à porta.

“Eu... eu... vou... provavelmente mais cedo, ou mais tarde.”

“Tchau, princesa. Conversamos em breve,” ele pisca antes de virar e sair do quarto, fechando a porta suavemente atrás dele.

Assim que a fechadura clica, eu jogo o cobertor e me levanto. Agarrando minha mochila, despejo seu conteúdo na cama e vasculho até encontrar meu telefone. Ainda está no silencioso de quando eu estava na sala de aula, e é por isso que não ouvi as 92 ligações perdidas e 38 mensagens de texto não lidas. A maioria é de Oliver, Banks e Sullivan, mas alguns também são de Caroline.

Eu percorro as mensagens de texto:

Oliver: Onde diabos você está? Nós estamos preocupados. Por favor me ligue.

Banks: apenas envie uma mensagem ou ligue para mim, queremos saber que você está bem. Se você não quer ficar conosco, tudo bem, estamos apenas preocupados.

Sullivan: Seu pai fez você sair? Você está na propriedade da sua família? Não se preocupe, iremos para você. Nós te encontraremos e faremos isso direito.

Caroline: Por favor, me ligue, garota, todo mundo está tão preocupado.

Estou com muita raiva. Com raiva de meus pais, com raiva de mim mesma por deixar isso acontecer, e por alguma razão inexplicável, eu estou com raiva até do telefone. Estou prestes a jogar a maldita coisa do outro lado do quarto

quando ele vibra na minha mão, e o nome de Oliver acende a tela. Atendo, antes de pensar no que dizer.

Segurando-o no ouvido, espero pela voz de Oliver preenchê-lo.

“Harlow... Harlow, você está bem?” Sua voz me bate como um trem de carga. É duro, doloroso, macio e suave ao mesmo tempo.

“Sim, sou eu.” Minha voz sai trêmula e tão calma que me pergunto se ele sequer me ouviu.

“Deus, você sabe o quanto estamos preocupados? Onde você está? Você está segura? O que diabos aconteceu?” Oliver me bombardeia com mais perguntas antes que eu possa obter uma única resposta.

“Não grite com ela,” diz Banks em segundo plano. Então o som do movimento e do farfalhar vem através do receptor.

“Harlow?” Diz Sullivan, sua voz mais calma que a do irmão.

“Sim...” É tudo o que posso dizer neste momento, muitas emoções girando dentro de mim, logo abaixo da superfície, apenas esperando para sair.

“Você está bem?” Ele faz a mesma pergunta que seu irmão fez.

“Sim,” eu minto. “Estou bem.”

“O que está acontecendo, querida?”

“Não podemos ficar juntos,” digo, tentando manter minha voz o mais firme possível. “Não pertencemos um ao

outro, e o que fizemos foi um erro. Isso nunca deveria ter acontecido."

"Do que você está falando? Pertencemos um ao outro," a doce voz de Sullivan acaricia meu ouvido.

"Não, nós não pertencemos, e nunca fizemos," eu me forço a dizer. As palavras deixam um gosto amargo na ponta da minha língua.

"Seu pai está te obrigando a dizer isso? Ele está machucando você?" Oliver interrompe, o telefone agora no viva-voz.

"Não, esta é minha decisão. Eu voltei aos meus sentidos. Pertenço a minha família e vou me casar com Matt."

"Você está mentindo," diz Sullivan, e é preciso toda minha força para não confessar a verdade, mas depois penso no que meu pai disse. Ele vai machucá-los... e preciso mantê-los seguros. Por mais difícil que seja perdê-los, será inimaginavelmente mais duro saber que eles vão se machucar ou pior por minha causa. Eu não poderia viver comigo mesma... nem consigo terminar esse pensamento.

"Harlow, é realmente isso que você quer?" Pergunta Banks, e posso ouvir a dor que ele está sentindo através do telefone.

"Sim, é isso que eu quero. Vocês precisam me deixar em paz, me esquecer. Sigam em frente... eu já fiz." Termino a ligação no final da frase. Não consigo falar outra palavra sem chorar. Eu desligo o telefone antes que eles possam me ligar ou enviar uma mensagem novamente.

Meu coração está incrivelmente pesado, como se estivesse prestes a me arrastar para baixo e nunca mais me deixar levantar. Caio de volta na minha cama, me enrosco em uma bola e começo a chorar, esperando ser forte o suficiente para superar isso. Esperando que talvez Matt estivesse certo de que podemos fazer isso funcionar, e que talvez, apenas talvez um dia eu possa ser feliz novamente.

Capítulo Treze

Os dias passam devagar, o tempo passa no ritmo de um caracol. A última semana pareceu uma eternidade cheia de nada. Minha mãe planeja o casamento, como se estivesse no céu, enquanto eu estou no inferno. Ela me implora para escolher flores, esquemas de cores, opções de jantar e experimentar bolos. Tudo o que eu quero é gritar na cara dela... *eu não me importo com a porra do bolo!*

Desde que voltei, pequenas lembranças da minha infância ressurgiram, nenhuma delas é particularmente boa, mas também não são alarmantes. Parece que no papel, eu tive uma boa infância. Lembro-me de amar meus pais em algum momento, da sensação de querer agradá-los e da necessidade do carinho deles. Ainda não me lembro de quase tudo, então não sei quando exatamente meus sentimentos em relação à minha família mudaram, tudo o que sei é que esses sentimentos de querer tê-los por perto se foram há muito tempo, e duvido que algum dia os recupere.

“Harlow, qual você mais gosta?” Minha mãe interrompe meus pensamentos. Olho para os três vestidos de noiva que a costureira pendurou para me mostrar. Encolhendo os ombros, nem consigo sentir um pouco de felicidade. Não ligo para o que estou vestindo para me casar. Pode até ser uma calça jeans e uma blusa por tudo que me importa.

“Apenas escolha um,” minha mãe pede, impaciência entrelaçando suas palavras, “ou eu escolherei para você.”

“O do meio,” digo rapidamente, não querendo dar à minha mãe a satisfação de poder escolher. Se é tudo o que me resta para me rebelar, eu aceito.

“Ok, experimente,” ela cruza os braços sobre o peito.

Maria, a costureira, me ajuda a colocar o vestido branco de pérola enquanto movo meu corpo no piloto automático. Ela fecha o vestido pelas costas e me vira gentilmente para encarar o espelho. Olhando para o meu reflexo, sei que deveria sentir algo, qualquer coisa... mas não sinto. Meu olhar se move sobre o espelho. O vestido se encaixa como uma luva, abraçando minha cintura e minhas coxas, e rodado nos joelhos. É lindo, mas não sou eu.

“É um corte sereia, e é o vestido para usar nesta temporada. Nem todo mundo pode fazê-lo, embora. Você, no entanto... bem, deixe-me apenas dizer que está linda nele,” Maria fala. Eu tento sorrir, mas meus lábios se recusam a levantar. Sei que não é sua culpa e que ela está simplesmente tentando ser legal, mas não me importo.

“É perfeito,” digo, minha voz monótona.

“Anime-se, Harlow. Você vai se casar e não está indo para o matadouro.”

Não consigo impedir meu olho de revirar mais um segundo.

“Talvez não, mas eu preferiria ser enviada para o matadouro neste momento.”

“Maria, por favor, me dê um momento com a minha filha.” Como a boa escrava que ela é, Maria sai da sala sem dizer uma palavra.

Minha mãe atravessa o espaço que nos separa, seus olhos ameaçadores encontram os meus no espelho.

“Talvez você não queira se casar com Matt, mas às vezes temos que fazer coisas que não queremos. A vida é cheia de escolhas e, estas nem sempre são as que queremos fazer, o que não significa que você tenha que ser tão amarga com isso. Você sabe quantas meninas matariam para estar na sua posição agora? ”

Uma gargalhada escapa dos meus lábios, “Você quer dizer que existem outras que querem ser forçadas a um casamento sem amor? Talvez você deva encontrar uma delas?”

“Não aja como uma criança mimada. Você fez a escolha certa ao voltar para casa e concordar em se casar com Matt. Agora faça o melhor possível.”

“Engraçado, você age como se fosse uma escolha que eu fiz. Isso nunca foi uma escolha. Foi forçado a mim. Era isso ou enfrentar as consequências dos homens que eu amo serem feridos ou pior, e isso nem chega a ser uma escolha.”

Seus lábios pintados de vermelho se curvam com desdém, e eu sinto a raiva vibrando dela, batendo em mim como ondas contra a costa. Sua raiva ameaça me puxar para dentro em profundas águas escuras.

“Você teve uma escolha, poderia deixar seu pai cuidar desses Bishops, melhor ainda, talvez se nos livrarmos deles, você finalmente esquecerá que eles existem e voltará a si.”

O mero som do nome deles me faz tremer, e o medo sombrio de sua confissão reveste meu interior com a escuridão. “Você não iria...”

Minha mãe sorri, mas não é um sorriso de felicidade. Um calafrio percorre minha espinha com sua frieza. “Só estou dizendo que talvez você deva se esforçar mais para parecer feliz. Sorria um pouco. Ninguém quer ver uma noiva tão bonita andando por aí, menos ainda, com o mundo inteiro a seus pés. ”

Ela age como se eu fosse uma adolescente hormonal que faz birra porque não consegue entender quando na realidade, esse não é o caso. Ela é a única iludida e não suporto ficar nesta sala nem mais um momento. Sem me importar com o material de dez mil dólares, tiro o vestido e visto minhas próprias roupas.

O choque colore os traços de minha mãe: “Para onde você pensa que vai? Não terminamos aqui. Ainda temos que encontrar sapatos combinando e um véu.”

“Vou ligar para Matt e pedir que ele me leve para sair por algumas horas. Já faz algum tempo desde que nos vimos.” Eu não achava que acabaria aceitando sua oferta, mas preciso ir. Preciso sair daqui, e mais importante, me afastar dela.

“Oh, esplêndido!” Minha mãe parece genuinamente feliz e satisfeita consigo mesma, “isso será ótimo. Vou escolher o que achar melhor, não se preocupe. No dia do seu casamento, você será a noiva mais bonita deste lado do Mississippi.”

Revirando os olhos mais uma vez, saio da sala sufocante e respiro um pouco de ar fresco ou pelo menos um que não esteja cheio de maldade. Puxando meu telefone, encontro o contato de Matt e coloco o polegar sobre a tecla verde de chamada.

Eu realmente quero fazer isso? O pensamento de sair com ele e de me aproximar me deixa doente. Faz-me sentir como se estivesse traindo os irmãos e, de certa forma, acho que estou. Ainda assim, é isso ou algo muito pior, e prefiro me magoar a deixar que algo aconteça com eles. Meu amor por eles é interminável.

Pressionando a tecla verde, engulo a dor e me lembro de que tenho que fazer isso. Eu tenho que fazer... por eles, sempre por eles.

◆◆◆

Vinte minutos depois, Matt estaciona em um carro esportivo elegante do lado de fora da loja de roupas. Abro a porta do passageiro e entro no carro antes que ele tenha a chance de tirar o cinto. Afundando no banco de couro com um suspiro profundo, olho para ele. Matt está me encarando com uma mistura de surpresa e curiosidade.

“O que está acontecendo? Você precisava ser salva?” Ele pergunta.

“Sim, eu realmente só preciso ficar longe da minha mãe por algumas horas, e meus pais não vão me deixar fora de vista, a menos que eu esteja com você, então...”

Ele assente, entendendo antes de perguntar: “Você está com fome?”

“Deus, sim. Minha mãe me faz uma dieta ridícula, para ficar mais magra para o casamento,” explico enquanto coloco

o cinto. Os olhos de Matt deixam meu rosto e percorrem brevemente meu corpo, fazendo-me sentir imediatamente exposta, mesmo estando completamente vestida.

"Não sei o quanto você pode ficar mais magra sem parecer doente." Ele volta sua atenção para a estrada e sai do estacionamento. "Então, hambúrguer?"

"Inferno, sim."

Depois de uma curta viagem, chegamos a um pequeno restaurante. Matt estaciona na frente, e nós dois saímos ao mesmo tempo. A anfitriã nos cumprimenta com um sorriso amigável quando entramos e depois nos leva a uma mesa, entregando-nos menus enquanto nos sentamos. Folheio imediatamente, com água na boca pelas fotos que vejo. Eu quero um pouco de tudo.

"Estou feliz que você ligou. Eu tinha planejado convidá-la para sair hoje à noite ou amanhã, então era o momento perfeito," diz Matt.

"Sim, estou feliz por ter ligado também," meus olhos ficam colados ao hambúrguer com bacon triplo. Quase posso sentir o sabor salgado na minha língua. Merda, espero que eu não esteja babando.

"Eu ia te dar isso," a voz de Matt é suave, e eu espio o menu e olho para baixo. Na mão dele está uma pequena caixa de veludo preto. Isso não é... *Senhor, por favor me diga que não é o que eu acho que é.* Com o pensamento, perco o apetite.

"Imaginei que as pessoas levantariam as sobrancelhas quando chegassem ao casamento e percebessem que nunca lhe dei um anel de noivado."

Minha garganta se aperta e meus ouvidos se agitam com o som do meu batimento cardíaco.

Largo o cardápio, colocando-o sobre a mesa enquanto Matt desliza a caixa de veludo pela superfície de madeira. Parando, olho para a caixa como se ela fosse pular e me atacar.

Parte de mim ainda se pergunta se tudo isso é um sonho. Hesitante, estendo a mão e a agarro. A caixa é macia, mas o significado do que está dentro dela é o que mais me assusta. Torna tudo isso real, não é mais apenas algo dentro da minha cabeça. É real, fisicamente real. Abrindo a caixa lentamente, suspiro à primeira vista do anel. Maciço, brilhante, com diamantes suficientes para pesar minha mão. Como vou usar essa coisa?

"É lindo," eu sussurro. "É realmente."

"Você vai colocar?" Ele pergunta depois que eu a encaro por mais alguns segundos. Concordo com a cabeça e tiro delicadamente a bela joia da caixa, como se ela pudesse quebrar. Não é tão pesado quanto parece. Lentamente, deslizo-a no meu dedo anelar.

Claro que ele se encaixa perfeitamente, quase como mágica... *quase.*

"Minha mãe deve ter medido meu dedo enquanto eu estava dormindo ou algo assim."

Matt ri enquanto leva a xícara aos lábios. "Honestamente, eu não duvido. Sua mãe está um pouco louca."

Você não tem ideia.

“Oh, meu Deus, você acabou de ficar noiva?” Alguém ao nosso lado grita. Olhando para cima, a garçonete está de pé ao lado de nossa mesa, lápis e bloco de notas na mão, pronta para receber nosso pedido.

“O quê? Não! Não! Estamos noivos há um tempo,” digo rapidamente, querendo amenizar a situação antes que piore. A julgar pela expressão facial animada, ela está pronta para fazer um bolo de comemoração e fazer com que toda a equipe nos cante uma música. Isso seria embaraçoso e chamaria muita atenção.

“Oh, bem, parabéns. Esse anel é de morrer. Ele deve realmente te amar muito,” a garçonete ri, os olhos arregalados e as bochechas vermelhas como se ela tivesse acabado de adivinhar algum segredo. Sim, toneladas. Olho para Matt, que está me observando, seu rosto é uma máscara do nada. Ele é impossível de ler, e não tenho certeza se devo responder. *Ele me ama? Será que ele nunca irá amar?* Por tudo isso, eu nunca me incomodei em perguntar quais eram os sentimentos dele em nosso casamento? Ele sempre parece bem com isso.

“Vou pegar o hambúrguer gigantesco, e ela vai comer hambúrguer com bacon, ambos com batatas fritas.

“É claro.” A garçonete não perde tempo, pois anota nosso pedido e pega os menus praticamente pulando de volta para a cozinha.

Colocando as mãos na minha frente, meus olhos pegam o anel novamente. Vai levar algum tempo até eu me acostumar a usar essa coisa.

“Você gostou do anel?” Matt pergunta.

"Sim eu gostei. É... É quase demais. Você não precisava me trazer algo extravagante. Uma aliança simples teria ficado bem."

"Não para a minha garota. Você merece o melhor, e eu lhe disse que cuidaria de você. Este é apenas o começo. No momento em que você tiver meu sobrenome, fornecerei tudo o que você precisa e muito mais. Nada te faltará."

Meu coração bate forte no peito. Eu levarei o sobrenome dele em breve, selando para sempre o meu destino de nunca mais estar com os irmãos Bishop. Dói, muito, muito mesmo, mas tenho que me lembrar de que é isso que deve ser feito. Estou fazendo isso por eles.

"Ei, você está bem?" A voz gentil de Matt interrompe meus pensamentos, e eu os pisco para longe, meu coração ainda pesado enquanto encontro a mão dele descansando contra a minha. Eu deveria sentir algo, qualquer coisa ao seu toque, mas não sinto.

"Uhh, sim. Sim, estou bem. Apenas perdida em pensamentos." Eu forço um sorriso.

Conversamos um pouco até que nossa comida finalmente chega e, depois disso, estou tão ocupada enchendo meu rosto dessa delícia oleosa que não tenho tempo para conversar.

"Uau, eu não pensei que você realmente iria comer aquele hambúrguer inteiro," as sobrancelhas de Matt se erguem de surpresa, enquanto coloco as últimas batatas fritas na boca.

"Eu também não, mas estava morrendo de fome," aponto. "Mas não estou mais.. Vou ao banheiro lavar as

mãos. Elas cheiram a bacon, e não quero que minha mãe sofra um ataque cardíaco quando chegar em casa," peço licença enquanto Matt termina seu hambúrguer.

Andando pelo restaurante, sigo a grande placa do banheiro acima de mim. Quando entro no banheiro, encontro-o vazio e fico contra a pia, agradecida por um momento calmante. Eu lavo minhas mãos, ensaboando-as com sabão grosso, enquanto meus olhos estão colados ao anel de diamante que agora adorna meu dedo.

A porta se abre atrás de mim de repente, e eu olho das minhas mãos para o espelho, pronta para fingir um sorriso para qualquer mulher que tenha entrado. Mas não é uma mulher. Meu rosto cai, meu interior se contrai e meu coração bate furiosamente.

"Banks?" Eu suspiro, quando ele fecha a porta atrás dele, girando a fechadura no lugar, me prendendo no pequeno espaço com ele. "O que você está fazendo? Você não pode estar aqui."

Banks não diz nada, ao invés disso, diminui a distância entre nós de uma só vez. Estou tonta com a necessidade, querendo o toque dele, mesmo sabendo que nada pode resultar disso. Levantando as mãos, ele coloca uma de cada lado do meu rosto, embalando minhas bochechas. Seu perfume único preenche minhas narinas, ele tem um cheiro picante como canela, e uma sensação quente e difusa se espalha por todo o meu corpo com o perfume familiar.

"Somos apenas nós agora, me diga o que realmente aconteceu. Diga-me o que está acontecendo." Sua voz está cheia de emoção, e a intensidade disso me sacode até o âmago.

“Banks...” Meu coração dói no peito. Eu quero tanto lhe dizer a verdade. Quero dizer que o amo e que tudo vai ficar bem... mas não posso. Se eu lhe disser a verdade, ele me sequestrará novamente, em um esforço para me manter segura. E não importa o quanto eu queira ir, não posso deixar que isso aconteça, porque se irritarmos meu pai novamente, não há como dizer o que ele fará.

“Diga-me, baby,” ele insiste, seu polegar esfregando suavemente sobre minha bochecha aquecida.

“Isso...” Minha garganta aperta, as palavras quase se recusando a sair. “Essa é minha escolha... Eu *quero* me casar com Matt. Vou casar com ele.” Com minhas palavras, as mãos de Banks caem e um olhar incrédulo ultrapassa seus traços. Ele pisca devagar, quase como se quisesse que tudo isso fosse um sonho.

“Você está mentindo, não quer esse idiota. Diga-me a verdade. Diga-me que não é isso que você quer, Harlow.” O desespero escorre de cada palavra e posso ouvir a dor em sua voz. Sinto como se uma faca estivesse cortando meu coração.

“É a coisa certa a fazer. Ele vai cuidar de mim...” Eu começo.

“Você não acha que vamos cuidar de você?” Interrompe Banks, sua voz assumindo um tom de raiva. “Nós protegeremos você, tudo que você precisa fazer é nos deixar entrar. Diga-me o que aconteceu, e posso fazer isso direito. Vou ter Sullivan e Oliver aqui em um piscar de olhos.”

Não. *Não posso deixá-los se machucar.* Balançando a cabeça, dou um passo para trás, colocando alguma distância

entre nós. Tê-lo tão perto me faz querer concordar com tudo o que ele diz.

“Eu não quero que você cuide de mim ou tente me proteger. Quero que você me deixe em paz.” Lágrimas se formam nos meus olhos quando as palavras que estou prestes a dizer rolam da minha língua, “Não quero mais você. Você e seus irmãos não são nada para mim.”

Banks balança a cabeça, seu peito subindo e descendo rapidamente. Posso ver o choque e a tristeza se enraizando. “Por quê? Por que você está dizendo essas coisas? Sei que não dissemos antes, mas amamos você e sabemos que você nos ama. Não faça isso.”

Parece que meu coração está sendo arrancado do peito, cada batida intensificando a dor. “Lembrei-me de algumas coisas que aconteceram entre nós. Coisas que não consigo esquecer, que não consigo superar.” Preciso fazê-lo entender que estou falando sério. Sei que é um golpe baixo, mas ele precisa entender o que quero dizer. Eu preciso tornar a mentira mais crível.

“Como o quê?”

“Lembro de você me ameaçando e de como me intimidou na escola.” Banks abaixa a cabeça com vergonha, seus olhos ficam em branco e brilham como se estivesse se lembrando daquele momento terrível. Odeio a mim e ao meu pai por me obrigar a fazer isso. Eu o odeio tanto.

“Sinto muito, Harlow, eu gostaria de poder mudar o passado, mas não posso, e o passado não muda a maneira como me sinto sobre você agora.”

“Você fez da minha vida um inferno, não consigo perdoar você ou seus irmãos por isso.” É apenas parcialmente uma mentira. Lembro-me de algumas coisas, mas os perdoei há muito tempo. Todos cometemos erros terríveis, e escolhi perdoá-los pelos deles. Não havia sentido em guardar rancor ou em lembrar continuamente, se tinha chance de todos nós estarmos juntos. Mas é tarde demais agora. Não há futuro para nós quatro, pelo menos não comigo.

Banks olha para cima, seu olhar colidindo com o meu e, por um momento, estou sobrecarregada de tristeza. Ele abre a boca para dizer algo, mas antes que ele solte uma única palavra, um barulho alto bate no ambiente.

“Harlow, você está bem aí?” A voz abafada de Matt entra pela porta. Respiro fundo antes de gritar: “Sim, eu já...” Antes que eu possa terminar a frase, Banks se vira e se dirige para a porta, destrancando-a e abrindo-a de uma só vez. Não consigo me mexer, estou ali como uma estátua, meus joelhos tremendo.

“Você só pode estar brincando,” Matt ferve quando vê Banks dentro do banheiro pequeno comigo.

“O que você fez com ela? Você está forçando-a a se casar com você?” Banks acusa Matt, sua voz pingando ódio, enquanto seus bíceps se apertam e suas mãos se fecham.

Aqueles olhos sempre brincalhões de Matt ficam frios, me fazendo tremer. “Não seja ridículo. Ela concordou em se casar comigo. Supere a si mesmo e pegue a dica. Ela não quer você, idiota,” Matt cospe de volta.

O olhar de Banks se estreita e ele dá um passo à frente. “Ela com certeza também não quer você!” O banheiro está cheio de tensão, dificultando a respiração. Antes que isso

possa aumentar ainda mais, eu me envolvo entre os dois. De costas para Matt, levanto as mãos, mostrando a Banks minhas palmas, fazendo uma tentativa ruim de acalmá-lo. Eu não percebi - até ver a raiva e a mágoa no rosto dele - que, com essa postura, estou claramente tomando partido. *Ao lado de Matt.* Merda. Estou apenas cavando um buraco mais profundo. Tenho que parar com isso e terminar antes que seja tarde demais.

"Banks, eu já te disse... quero ficar com Matt. Agora, por favor, deixe-me ir e pare de me seguir. Acabou; tem que ser." Dou um passo para trás até que minhas costas estejam niveladas contra o peito de Matt. Eu posso sentir o calor do corpo dele irradiando para o meu, e como se ele estivesse tentando deixar claro, Matt levanta a mão e a apoia no meu quadril. A dor e a decepção nos olhos de Banks são quase demais para suportar. Meu corpo inteiro me implora para ir até ele, meu coração nada mais do que uma bagunça sangrenta. Colocando o último prego no caixão, afasto-me dele e olho para Matt, que ainda está encarando Banks.

"Por favor, me leve para casa."

"Claro, princesa, vamos lá," diz ele, movendo a mão para a parte inferior das costas enquanto me leva para fora do banheiro e pelo restaurante até sairmos. Não ouso olhar para Banks. Eu não posso, sem saber o quanto eu o machuquei.

Matt abre a porta e me ajuda a entrar no carro. Assim que ele fecha a porta, deixo rolar as lágrimas que eu estava segurando. Elas escorregam dos meus olhos e pelas minhas bochechas com facilidade. Estou tão envergonhada e de coração partido. Gostaria que as coisas pudessem ser diferentes.

“Ei, tudo bem,” Matt tenta me acalmar quando entra no carro, mas isso me faz chorar mais. Não vai ficar tudo bem. Nada está bem. Tudo está irremediavelmente quebrado, e não há nada que eu possa fazer para corrigir as coisas novamente. Os Bishops não são mais meus, e essa realização dói mais do que jamais pensei que seria.

“Acho que Banks é quem você ama?” Tudo o que posso fazer agora é concordar. Eu amo Banks... e Oliver e Sullivan. Deus, isso é ruim, muito ruim. Meu coração está partido, quebrando em um milhão de pedaços, e não há nada que eu possa fazer para detê-lo. “Eu amo os três.”

“O que você quer dizer com todos os três? Como... você estava com os três Bishops?” Não me engana o tom condescendente em sua voz com a minha confissão, mas ainda mantenho minha afirmação. Posso nunca mais ser deles novamente, ou eles meus, mas admitirei livremente meus sentimentos.

“Sim... eu estava... bem, ainda estou apaixonada por eles.”

O aperto de Matt no volante aumenta: “Bem, espero que você possa seguir em frente porque nenhuma esposa minha será vista com um Bishop. Não vou permitir, Harlow.” Há uma finalidade em suas palavras, e sei que não posso estragar tudo. Se vou protegê-los, preciso fazer tudo o que puder para garantir que as coisas com Matt funcionem.

Capítulo Quatorze

É o dia do jantar de ensaio e a casa está cheia de emoção. Excitação que não compartilho. Parece que sou a única pessoa infeliz com este casamento. Não importa o que eu faça, não consigo entender o que meus pais fizeram. Eles me tiraram da faculdade, ameaçaram as únicas pessoas que eu já amei e depois me forçaram a uma situação em que não há como escapar. É como se estivesse afundando na areia movediça, e quanto mais eu luto, mais rápido afundo. Não há plano B, não há solução para essa situação.

Levo uma eternidade para me vestir, e ainda mais para fazer meu cabelo e maquiagem. Minha mãe coloca a cabeça no quarto no momento em que estou fechando o minivestido cor de lavanda com decote em V que ela escolheu para mim. É mais curto do que eu gostaria, mas é muito bonito.

“Linda! Lavanda realmente destaca a cor dos seus olhos.”

“Obrigada,” de alguma maneira consigo dizer. Dirigindo minha atenção para o espelho na minha frente, olho o meu reflexo por alguns segundos. Não reconheço a garota olhando para mim. Ela está fraca e com falta de espinha dorsal, mas não sei como ajudá-la, como fortalecê-la, sem colocar em perigo aqueles com quem me preocupo.

“Você está pronta, querida? Estamos todos esperando por você.”

“Estou pronta,” digo, minha voz sombria.

Junto com minha mãe, saio do quarto, pelo corredor e até a grande escadaria. Enquanto descemos as escadas, minha mãe se inclina para mim. Ela está sorrindo para Matt, seu pai e meu pai, que esperam na parte inferior da escada.

"Não faça nada para estragar tudo; caso contrário, você sabe o que vai acontecer." O aviso é claro e desejo tanto não precisar seguir as regras deles. Minha mandíbula aperta, meus dentes rangem com o esforço necessário para manter minha boca fechada. Quero denunciá-la, mas qual é o ponto? Não mudará o que vai acontecer.

Quando chegamos ao final da escada, meu queixo dói e meu estômago está em nós. Matt se aproxima e coloco minha mão na dele, o calor do seu toque irradiando através de mim. Eu gostaria de poder odiar Matt, mas não. Por pior que tudo isso seja, ele foi a única pessoa a me mostrar um pouquinho de compaixão.

"Vamos encontrá-los na igreja." A voz autoritária de meu pai chove sobre mim como ácido. Eu o ignoro completamente, indiferente ao que ele tem a dizer neste momento.

"Você está bem?" Matt sussurra na concha do meu ouvido enquanto saímos pela porta da frente e em direção ao carro que espera por nós.

"Sim," eu minto. Não estou bem, nem chego perto, mas reclamar não vai mudar nada.

"Bom, você está linda esta noite e ainda mais linda com esse anel de noivado no dedo. Mal posso esperar para mostrá-la ao mundo como minha esposa," brinca Matt, uma pitada de flerte em suas palavras, mas não tenho em mim nem mesmo um esforço para flertar de volta.

“Sinto muito, isso é apenas... é difícil para mim,” digo enquanto ele me ajuda a entrar no carro.

Ele entra logo depois e coloca a mão na minha coxa nua. Eu volto o meu olhar para onde ele me toca. Parece errado, como se ele estivesse me provocando com seu toque ou algo assim. Não posso querer Matt, não quando meu coração pertence a outro.

“Vamos nos casar amanhã e, embora nosso amor não seja real, temos que fingir para uma sala inteira de pessoas hoje e amanhã.”

Ele está certo, mas simplesmente não me importo. Não quero mais fingir. Eu só quero me casar e escapar da torre em que meus pais me trancaram.

Como se ele pudesse sentir minha atitude indiferente, seus lábios pressionam uma linha dura, fazendo-o parecer quase irritado. Ótimo, acabei de irritar meu marido, a única pessoa que parece se importar com meus desejos. Talvez eu devesse ser um pouco mais gentil com ele... mais grata por ele não ser um idiota total comigo, porque sinceramente, se fosse, não haveria nada que eu pudesse fazer. Ainda me casaria para proteger os Bishops. Eu faria qualquer coisa para garantir o bem-estar dos irmãos.

“Sinto muito,” digo suavemente. “Eu realmente sinto. Gostaria que as coisas fossem diferentes.”

“Sim, eu também...” Ele diz, balançando a cabeça enquanto se vira e direciona sua atenção pela janela, como se as árvores que passavam fossem melhores companhias do que eu ou algo assim.

O resto da viagem é sem intercorrências, assim como o ensaio. Shelby também está lá, como minha dama de honra, e mesmo que a presença dela me conforte, não é suficiente para me fazer sentir outra coisa além de terrível.

Passamos através dos eventos que acontecerão para o dia de amanhã e é preciso que tudo dentro de mim siga com cada passo e cada palavra. Matt não perde uma batida, e até sorri para mim algumas vezes, mas em seus olhos, sob a falsa fachada, vejo a raiva se formando.

E lentamente, a percepção começa a afundar...

Eu realmente vou me casar com ele amanhã?

Antes era apenas em pensamento, sim, eu vou fazer isso, mas agora está realmente acontecendo. Em apenas vinte e quatro horas, vou me casar com um homem que não amo.

Como sempre, Matt é atencioso e cuidadoso, embora seus olhos digam o contrário, e quando chegamos ao jantar que meus pais organizaram, estou me sentindo um pouco menos enjoada. Minha mãe está muito feliz e radiante quando entramos na área de recepção cheia de membros de ambos os lados de nossas famílias.

Muitos rostos não me são familiares, então mantenho meus olhos baixos e deixo Matt me guiar pelos convidados. Ele me apresenta a quase todo mundo que ele conhece, enquanto eu sorrio e finjo que me importo com o que eles têm a me dizer.

Fingir é cansativo, e acabo pegando uma taça de vinho sem nem pensar. O líquido borbulhante frio desliza pelos meus lábios secos e entra na minha boca, acalmando a

secura lá. Tomo o conteúdo da coisa toda e pego outra taça, bebendo de uma vez, ao invés de ir devagar.

Eu odeio este lugar. Odeio meu pai. E odeio ser forçada a fazer algo que não quero. Eu só quero fugir e esquecer tudo.

“Machucaria você sorrir um pouco?” Minha mãe rosna quando passa por mim.

Machucaria você se importar um pouco? Eu quero dizer, mas não digo.

Nós comemos um jantar leve, e Matt conversa com o pai e alguns outros empresários. Faço o possível para bloquear a maior parte da conversa e ficar parada como uma estátua, deixando-o segurar minha mão e me exibir, como se eu fosse uma joia rara.

“Aqui, tome outra,” Shelby caminha até mim, sussurrando no meu ouvido enquanto ela me entrega uma taça: “Parece que você poderia usá-la.”

“Obrigada,” eu digo, e pela primeira vez hoje à noite, um fantasma de um sorriso que não é forçado, brinca nos meus lábios. Estou tão feliz que Shelby esteja aqui, minha única amiga que sempre esteve ao meu lado. “Eu não sei como posso retribuir por você ser minha amiga. Você sempre esteve lá por mim em tudo.”

“Não agradeça,” Shelby acena e me dá um beijo na bochecha. “É para isso que servem os amigos.”

Conversamos um pouco mais antes de Shelby se desculpar e sair. Eu gostaria de poder ter saído com ela, mas como é a minha festa e tudo, acho que as pessoas esperam que eu fique.

O tempo passa devagar, e observo Matt pedir bebida após bebida. Parece que não sou a única tentando afogar as mágoas. A diferença é que parei após a terceira taça de vinho, apesar de querer beber mais. Eu não gosto de como o álcool nubla minha mente, então me forcei a parar.

À medida que a noite passa, Matt fica cada vez mais embriagado, mas sua mão permanece em volta da minha, me mantendo do seu lado. Não é o ideal, mas para ser sincera, é melhor do que andar sozinha. Pelo menos dessa maneira, tenho Matt para agir como um amortecedor entre meus pais e eu, ou qualquer outra pessoa com quem não queira conversar.

Depois de pouco tempo, minha bexiga começa a protestar, o vinho correndo por mim mais rápido do que eu previa. Puxando minha mão da de Matt, peço licença para ir ao banheiro. Sinto seus olhos enquanto me afasto, queimando através do tecido do meu vestido e incorporando na minha pele.

Quando chego ao banheiro e entro na baia, quase desço contra a parede. Lágrimas picam meus olhos. Quero chorar tanto, deixar sair todas as coisas que estou sentindo, mas não posso. Tenho que me segurar. Eu tenho que ser forte. No instante em que mostrar fraqueza, minha mãe e meu pai atacarão.

Engolindo as lágrimas e a dor, uso o vaso sanitário e lavo as mãos. Saindo do banheiro, mantenho meus olhos no chão. Não percebendo a pessoa caminhando em minha direção, dou de frente com ela.

“Sinto muito...” Peço desculpas e levanto meu olhar, esperando que não seja um dos amigos de meus pais. Meus

olhos olham o terno preto caro e, em seguida, o rosto bonito preso a ele, que é um extremamente bêbado, Matt.

“Sente o suficiente para me dar um beijo?” Ele xinga, seus olhos estão vermelhos e vidrados, e não sabia que ele estava tão bêbado antes de eu sair. Lambendo meus lábios, estou pronta para dizer não quando ele se aproxima e gentilmente me empurra contra a parede.

Preocupação atormenta meu interior, mas uma pequena parte sabe que Matt não é um cara ruim. Ele realmente não me machucaria.

“Eu não quero beijar você,” digo enquanto ele se inclina para a frente, soprando um hálito quente nos meus lábios. Ele cheira a uma destilaria e meu nariz enruga com o odor.

“Claro que não. Por que você quer beijar seu futuro marido? Por que você iria querer demonstrar um pouco de afeto?” Uma risada amarga desliza por seus lábios e entra no espaço entre nós. Tento afastar-me do seu aperto, mas seus dedos cavam mais fundo na minha pele, me segurando no lugar. A dor irradia pelos meus braços de onde ele me segura, e não consigo parar o gemido que passa pelos meus lábios.

“Você está me machucando,” eu sussurro, esperando que as palavras rompam sua mente enevoada, mas elas não fazem, de fato, é o contrário. Sem aviso, seus lábios descem, colidindo contra os meus com uma ferocidade que me assusta.

Não há como escapar dele, seus lábios, suas mãos, eles me seguram no lugar. Meus pulmões queimam quando esqueço de respirar e, em vez disso, começo a lutar contra seu aperto, pressionando minhas mãos contra seu peito, em um esforço para colocar espaço entre nós.

Meus esforços são inúteis e, em vez de se afastar, ele se aproxima, seu peito pressionando o meu. Aprofundando o beijo, sua língua entra na minha boca sem permissão. Fogo furioso floresce dentro de mim e, de alguma forma, encontro forças para revidar. Eu mordo sua língua com força, e instantaneamente, ele se afasta, dando um passo impressionante para trás.

Choque pinta seus traços antes que a raiva os domine, e eu me encolho e tremo, como um filhote deixado de fora no meio do inverno.

Talvez eu não devesse ter mordido ele? Foi apenas um beijo, e ele será meu marido em breve, afinal. Mas as palavras parecem erradas, tudo isso parece errado. Eu disse que não queria. As lágrimas começam a cair sem aviso, manchando minhas bochechas perfeitamente pintadas.

“Não seja um bebê tão chorão, foi apenas um beijo.”

“Eu disse que não queria beijar você.”

“Você espera que a gente se case e nunca se beije? Você não pode ser tão ingênua.”

“Se eu mudar de ideia sobre querer beijar, você será o primeiro a saber. ”

“Tanto faz. Ainda nos casaremos amanhã, e você será minha esposa. Terá que dormir comigo eventualmente. Eu posso não ser um Bishop, mas você vai amar meu pau tanto quanto amava o deles...” O rosto dele se contrai em um sorriso cruel. O homem gentil que conheci se tornou alguém que eu não conheço e, sem pensar nisso, cruzo o espaço entre nós, afasto minha mão e dou um tapa forte em sua bochecha.

Minha pele queima com o contato contra a dele, mas não me importo. Não ligo para o que acontecer em seguida. Tudo o que sei é que ele não vai falar sobre mim assim. Não vou permitir que o Matt menospreze o que tínhamos.

"Você não os conhece e não me conhece," zombo, encontrando forças para reagir. Estou cansada de ser um capacho. "Posso me casar com você no papel, mas isso não significa que vou dormir com você. Especialmente quando você age como um idiota que está sendo agora."

A mandíbula de Matt aperta, e seus olhos outrora suaves escurecem. Ele dá um passo ameaçador em minha direção, com a mão levantada, e me pergunto brevemente se ele vai me bater... Antes que ele tenha a chance de fazer o que planeja, um dos guardas do meu pai aparece.

"Seu pai pediu sua presença... sozinha," Bert diz suavemente, olhando para a situação diante dele.

Soltando um suspiro ansioso, digo: "Claro, onde ele gostaria que eu fosse?"

"Lá fora, no jardim," diz ele, e faço um movimento para seguir o guarda.

"Boa noite. Vejo você amanhã, *esposa*." Tremo com o tom das palavras de Matt, mas concordo com a cabeça. Como vou fazer isso? Casar com um homem que se força em mim? Antes desta noite, pensei que poderia fazer isso, mas agora, não tanto. Matt é tão cruel e assustador quanto meu pai. Sua verdadeira face finalmente está surgindo.

Matt desaparece no corredor, a raiva ondulando de todos os poros do seu corpo. Eu caio contra a parede de tijolos quando ele está fora de vista, alívio inundando minhas

veias. Como acabei aqui? Não há lágrimas suficientes no mundo. Estou exausta, cansada de chorar, de fingir, de atuar.

"Venha comigo, por favor," Bert interrompe meus pensamentos, e um momento depois começa a descer o corredor, sem sequer olhar para ver se eu o sigo. Leva um segundo, mas ponho minhas pernas para trabalhar e sigo atrás dele cautelosamente, sem saber para onde ele pode estar me levando.

Afinal, ele me sequestrou uma vez antes.

"Obrigada..." Eu quase digo Bert, mas sei que esse não é o nome dele.

"Milton," ele se apresenta, fazendo-me sentir estúpida. Eu realmente deveria ter me esforçado para lembrar o nome verdadeiro dele.

"Obrigada, Milton."

Andamos pelo corredor e depois por outro até chegarmos a um par de portas francesas. Bert as abre e me leva para fora. O ar da noite é frio contra a minha pele nua e arrepios ondulam em meus braços.

"Onde está meu pai?" Eu pergunto, cruzando os braços sobre o peito. Bert não responde e se vira para voltar para dentro. O medo escorre pela minha espinha, a preocupação me consome, e então eu o vejo.

Sullivan. Não pode ser. Isso tem que ser um sonho. Todos os meus sentimentos anteriores desaparecem, e eu corro em sua direção, envolvendo meus braços em torno dele e enterrando meu nariz em sua camisa, inalando seu

perfume familiar em minhas narinas. Uma risada suave escapa de seus lábios e eu olho para ele através dos meus cabelos.

"Banks tinha tanta certeza de que você seguiu em frente, mas você não estaria me abraçando assim, se isso fosse verdade." Seus braços me envolvem também, apertando quase como se ele estivesse tentando me encaixar em seu peito. Eu posso ouvi-lo inalar meu perfume, meu corpo derretendo em uma pilha de mingau a seus pés.

E então eu percebo... *Merda*. Apenas me entreguei.

"Eu..." Existe algum ponto em tentar esconder isso mais?

"Tudo bem, eu sei. Nós sabíamos o tempo todo que era um ato. Seja lá do que você estiver tentando nos proteger, essa merda acaba agora. "

Afastando-me para olhar para ele, pergunto: "Como você chegou aqui? Como sabia onde eu estava?"

Sullivan sorri e juro que meu núcleo se aperta centenas de vezes. Sinto falta daquele sorriso, seu toque, seu perfume. Sinto falta dele, de seus irmãos e do jeito que eles me fazem sentir, tão querida, tão amada. Apenas sinto falta deles, muito. Tenho muitas outras perguntas, mas todas essas coisas desaparecem agora que estou nos braços dele. Sem quebrar nosso abraço, ele me leva escada abaixo e entra no jardim. Há um labirinto minúsculo, e nos escondemos atrás de uma das paredes cobertas de hera. Dessa forma, permanecemos ocultos de qualquer olhar errante.

Assim que estamos escondidos, Sullivan se afasta, seu aperto em mim afrouxa e seus dedos percorrem minha pele,

parando quando chegam às minhas bochechas, onde as embalam. “Eu tenho conexões, pessoas me ajudando. Agora preciso que você me diga o que está acontecendo? Não sei quanto tempo temos e preciso saber tudo. Não minta para mim nem me poupe de nenhum detalhe. Nós vamos tirar você disso.”

“Não, você não pode.” Eu suspiro, medo incapacitante me ultrapassando. “Meu pai vai te machucar; ele destruirá você e seus irmãos. Ele não vai parar até te incriminar novamente. Eu não posso deixar isso acontecer. E não vou.” Eu choro, percebendo um momento tarde demais que lhe dei todas as informações que ele precisa.

Lágrimas começam a cair dos meus olhos, e Sullivan limpa cada uma delas com o polegar, seus olhos azul-marinho perfurando os meus, como ele sempre faz. Ele parece conflituoso, como se quisesse me beijar, mas também me estrangular ao mesmo tempo.

“Porra, Harlow, não chore,” ele implora, e a dor em sua voz só me faz chorar mais.

“Eu não posso evitar. Não quero fazer isso. Quero ficar com vocês, mas não há nada que eu possa fazer e não vou deixar que ele te machuque mais do que já fez.” A essa altura, estou chorando, minha maquiagem está completamente arruinada e pareço uma bagunça, tenho certeza disso, mas não me importo, não quando estou nos braços de Sullivan.

“Shhh, não há necessidade de nos salvar. Podemos lutar nossas próprias batalhas contra seu pai. Agora, preciso que você faça algo por mim. Nós vamos impedir este casamento...”

Meus dedos cavam o terno caro que ele está vestindo. “Não. Você não pode. Ele encontrará uma maneira de machucá-lo. Não posso deixar.” Estou desesperada, tentando protegê-los. Conheço meu pai e sei que ele fará o que puder para conseguir o que quer.

“Pare, Harlow,” Sullivan sussurra e depois me cala com um beijo que é duro, feroz e carente. Nesse beijo, sinto cada grama de dor, cada gota de necessidade. Sinto o amor que ele tem por mim e nunca quero deixar passar. Agarrando-o, eu aprofundo o beijo, ficando louca de necessidade. Minhas mãos percorrem cada centímetro dele enquanto ele faz o mesmo, me segurando perto como se eu fosse um pedaço de vidro frágil.

“Eu preciso de você,” ofego contra seus lábios quando quebro o beijo um momento depois. Olhando-o, posso ver a fome piscando em seu olhar ardente. Sullivan me quer tanto quanto eu o quero, e se esta for a nossa última vez juntos, para sempre, o que precisa ser, então vou aceitar. Vou me encher dele até que não haja mais nada para levar.

Sem um pingo de hesitação, Sullivan tira o cinto e empurra a calça para baixo, liberando seu pau. Minha boca fica molhada com a visão, e eu tremo quando suas mãos se movem para a barra do meu vestido, antes de desaparecer debaixo dele. Um momento depois, o som de tecido rasgando preenche o ar noturno, e a calcinha que eu usava é descartada no chão.

Com as mãos nos meus quadris, ele me levanta, e eu coloco meus braços em volta do seu pescoço, um pequeno gemido de prazer escapando dos meus lábios, enquanto seu pau roça nas minhas dobras encharcadas.

“Porra. Eu sabia que você não o queria. Eu sabia,” ele rosna contra a minha garganta enquanto ele nos alinha, e eu afundo lentamente em seu comprimento. Nesse momento, o mundo pode explodir ao nosso redor, e não me importo. Não há nada que se compare ao prazer que enche minhas veias quando Sullivan entra em mim.

“Diga-me que você não o ama... diga-me que você ama a mim e aos meus irmãos,” implora Sullivan, seus belos traços assombrados.

“Eu amo você e seus irmãos. Só vocês...” As palavras saem em um gemido quando Sullivan me balança para cima e para baixo em seu pau, suas coxas musculosas e bíceps me segurando como se eu não pesasse nada.

O suor cai na minha testa, e eu sei que preciso de mais, muito mais. Ele está me fodendo, mas não do jeito que eu preciso. Como se ele soubesse disso, Sullivan me move, então minhas costas estão contra a parede de tijolos. Então ele começa a empurrar para cima, penetrando-me num ritmo que nem meus olhos conseguem acompanhar. O sangue enche meus ouvidos e meus pulmões se enchem de ar. Pela primeira vez desde que meu pai me levou embora, parece que posso respirar novamente.

Parece que a cada golpe ele lentamente junta meu coração partido. Seu aperto nos meus quadris se torna contundente, e eu me afasto querendo, com necessidade, ver o seu rosto enquanto explodirmos. Meu corpo inteiro começa a apertar como uma bobina e meu coração dispara fortemente no peito. Todos os pelos do meu corpo se arrepiam, enquanto nosso som ofegante enche o ar, quando nos juntamos. Eu preciso de mais, muito mais. Não quero que esse momento termine nunca. Puxando sua camisa

como uma mulher louca, rasgo-a até que os botões voem e minhas mãos encontrem a pele nua e quente. Ao meu toque, Sullivan assobia.

"Você é minha casa. O começo, o fim e tudo mais," ele sussurra, enquanto diminui o ritmo e me penetra lentamente, tão devagar que quase dói.

As lágrimas começam a cair dos meus olhos novamente quando ele me leva ao orgasmo, todo o meu corpo treme quando o prazer ondula através de mim como ondas atingindo a costa. Não demora muito para que ele comece a gozar, me enchendo com sua semente quente e pegajosa. Suspiro tanto com o sentimento, tentando com todas as minhas forças memorizar exatamente como é esse momento.

Será para sempre minha lembrança mais querida. Sullivan me segura em seus braços por mais um tempo, antes de me colocar de pé novamente.

Tudo o que faço é olhar para o chão, o frio retornando para a minha pele com a perda do calor do seu corpo.

"Este não é o fim, Harlow. Nem mesmo perto. Você não vai se casar com aquele filho da puta amanhã."

"Eu preciso."

Com dois dedos, ele inclina meu queixo para cima, forçando-me a olhá-lo. "Não, você não precisa. Oliver, Banks, e eu não vamos deixar isso acontecer. Eles terão que nos matar primeiro."

É com isso que estou preocupada. Eu penso comigo mesma, mas não digo em voz alta. Sullivan me olha por um longo momento, antes que ele comece a vestir novamente a

calça e ajeitar a camisa da melhor maneira possível. Quando nosso tempo chega ao fim, eu seguro as lágrimas, recusando-me a manchar a memória final que terei com ele.

"Eu amo você, Harlow, todos nós amamos, e lutaremos por você. Lamento que deixamos isso acontecer, mas eu juro, baby, vamos fazer isso direito."

Balançando a cabeça, meu cabelo cai no meu rosto. Eu não posso ouvi-lo dizer essas coisas. Nada disso é culpa deles e não há palavras ou tempo suficientes para explicá-lo.

"Eu também te amo. Todos vocês três. Por favor, diga isso aos seus irmãos. Não quis machucar Banks no outro dia, não queria machucar nenhum de vocês, apenas..."

As sobrancelhas de Sullivan franzem. "Pare de agir como se esse fosse o fim, pois não é."

Mordendo meu lábio inferior, respiro fundo. "É o fim, Sullivan. Tem que ser. Tenho que te proteger. Eu amo você, mas às vezes o amor não basta."

Sullivan abre a boca para dizer algo, mas passos próximos o impedem de falar. Espreitando através dos arbustos, vejo Bert parado no topo da escada.

"Eu tenho que ir," digo, nem mesmo olhando para Sullivan enquanto digo as palavras.

"Este não é o fim, Harlow, é apenas o começo."

Oh, como eu queria que isso fosse verdade.

Capítulo Quinze

Esse não é o fim, Harlow, é apenas o começo. As palavras de Sullivan me assombram mais tarde naquela noite, enquanto estou deitada na cama, incapaz de dormir. Revirando e girando, tudo o que posso fazer é pensar, meu cérebro se recusando a desligar.

Eu deveria estar dormindo, descansando um pouco, porque amanhã será um dia longo, mas não consigo parar de pensar no que ele disse. Talvez Sullivan esteja certo. Quem sabe este não seja o fim. Pode ser apenas o começo... a questão é, o começo de quê? Uma vida sem amor como prisioneira?

Não, eu não posso deixar que isso aconteça, preciso tentar me salvar, sem pôr os caras em perigo. Tem que haver uma maneira de lutar e sair dessa situação. Não posso me casar com Matt, mas também não posso deixar meu pai machucar os homens que amo. Eu tenho que fazer alguma coisa... qualquer coisa. Cheia de energia nervosa, eu nem penso enquanto saio da cama na ponta dos pés.

A casa é tranquila e banhada pela escuridão completa. Meus pais devem estar dormindo agora. O que me dá a oportunidade perfeita para bisbilhotar. Se pudesse encontrar alguma coisa, uma pequena indicação de meu pai fazendo negócios obscuros, eu teria a influência que preciso contra ele. E poderia forçá-lo a me deixar ir para ficar com os Bishops.

Como uma ninja, eu ando pela casa vestindo nada além de pijama. Vou para o lugar mais provável em que encontraria algo... no escritório do meu pai. Quando ele está em casa, geralmente fica lá, trabalhando ou talvez apenas se escondendo da minha mãe. Não sei o que ele faz lá, mas ele passa muito tempo trancado ali.

Empurro a pesada porta de madeira, entrando no ambiente, não sinto o cheiro de nada além de sua colônia picante, que permanece no espaço, deixando-me com uma sensação desconfortável no estômago. Acendendo a luz, o escritório se ilumina com um brilho suave, uma das paredes é coberta por estantes de livros, há um bar embaixo da enorme sacada da janela e uma mesa grande de mogno está centralizada na sala. Meu olhar para nas estantes e depois volta para a mesa dele. Decido começar por aí primeiro.

Movendo-me para trás da mesa, sento-me na cadeira de couro macio e começo a vasculhar as gavetas. A primeira não tem nada além de charutos, isqueiros e cortadores de charuto. A segunda contém uma variedade de coisas, a gaveta parece um "esconde-esconde". Eu vasculho, engasgando quando encontro dois preservativos e...*lubrificante. Que porra é essa?* Fechando a gaveta rapidamente, engulo o vômito que ameaça subir pela minha garganta.

Alcançando a maçaneta de ferro da terceira gaveta, eu a puxo, mas descubro que ela não abre. Isso me desanima e me dá esperança, tudo ao mesmo tempo. Talvez eu não consiga abri-la, mas deve haver algo que valha a pena. Algo que ele esconde.

Quero dizer, por que mais estaria trancada?

Tudo o que preciso é de uma coisa, uma evidência para usar contra meu pai.

Agarrando seu pesado abridor de cartas da parte superior da mesa, eu o uso para tentar abrir a gaveta. Depois de alguns minutos, eu quase desisto, mas depois uma rachadura soa de dentro da gaveta, quase como se algo estivesse quebrando.

Sim! Excitação enche minhas veias, e dou um último empurrão, e a fechadura estúpida se desfaz. Graças a Deus! Eu poderia chorar de tão feliz.

A gaveta se abre e eu encaro seu conteúdo com confusão. Não é o que eu esperava.

Em vez de notas ou documentos comerciais, encontro fotos antigas e algo que se parece com cartas escritas à mão.

Procurando no conteúdo, minha confusão aumenta, porque não reconheço a mulher nessas fotos.

Ela definitivamente não é minha mãe, então quem é?

Reconheço meu pai, uma versão mais jovem e despreocupada dele, ao lado da mulher misteriosa nas fotos, e há algo estranhamente familiar nela. Olhando para a imagem, tento lembrar-me dela. Talvez eu a conhecesse antes de perder a memória, e é por isso que ela parece familiar?

Quando minha cabeça começa a doer, decido mudar de ideia e abrir uma das cartas. Eu examino as palavras, meu coração batendo forte enquanto isso.

Para O AMOR da minha vida,

faz dias desde a última vez que vi seu rosto. Toda noite adormeço sonhando com o dia em que você será minha. Eu sei que George acha que o bebê é dele, mas eu sei que é meu. Pertencemos um ao outro, como uma família. Por favor, volte para mim, meu amor.

Com AMOR SEMPRE,

Lionel

O ar se recusa a entrar nos meus pulmões. Existem inúmeras cartas, todas muito parecidas com esta que acabei de ler. Carta após carta escritas à mão. Minhas mãos começam a tremer, à medida que a confusão se intensifica. Colocando a carta de volta, afasto-me da mesa. É então que uma foto da pilha chama minha atenção.

Eu pego, incapaz de ignorar a sensação que tem meu estômago girando em nós. Estudo intensamente a foto sombria. É meu pai, ele deve ter a minha idade nesta imagem. A mulher da outra foto também está lá, mas há uma terceira pessoa... um homem, que parece tão familiar.

Não tenho certeza de quem é, mas se tivesse que colocá-lo em algum lugar na minha cabeça, diria que poderia ser um irmão Bishop perdido, pois possui os olhos castanhos chocolate de Oliver, a mandíbula masculina de Sullivan e o sorriso travesso de Banks. Virando a foto, leio três nomes escritos em tinta preta atrás.

George, Phoebe e Lionel. *George*? Então, como uma peça de quebra-cabeça ausente, ela clica.

George Bishop... O pai dos irmãos. As perguntas se acumulam cada vez mais a cada novidade que descubro. Por que meu pai manteria uma foto dele e de George? Especialmente esta em que eles parecem *amigos* em vez de inimigos? Enquanto essas perguntas pesam, há a maior delas: quem é Phoebe? Mais confusa do que nunca, procuro mais fotos e mais respostas, mas ainda assim não encontro nada. É como procurar ouro e esperar encontrar a maior pepita.

Encontro mais algumas fotos com George e meu pai, algumas com os três, mas a maioria tem a garota chamada Phoebe. Na parte inferior da gaveta, encontro uma foto grande, é a única que está emoldurada, significando sua importância.

Mais uma vez, é Phoebe. Ela está sentada em uma cadeira de balanço, segurando um bebê crescente, com um sorriso alegre e brilhante nos lábios. Examino a foto com cuidado, meu coração e pulmões param de funcionar, e o sangue congela em minhas veias.

No colo, está um cobertor dobrado para bebê, com letras bordadas em rosa que lê-se *Harlow*.

Não sei quanto tempo olho para a foto, deixando todas essas novas informações penetrarem, mas parece uma eternidade. Estou chocada e desesperada por mais respostas, respostas que sei que não receberei, a menos que vá ao meu pai. A raiva ferve logo abaixo da superfície. Ainda não sei quem é Phoebe, mas sei que ela é importante para mim.

Um barulho distante preenche o ar, um riso suave é o que parece. *Quem está rindo a essa hora?* Forço-me a desviar o olhar da imagem. Percebo o som de passos se aproximando, existem dois pares, um suave e o outro mais pesado. Saltando da cadeira, empurro todo o conteúdo da gaveta de volta para dentro dela. Eu fecho, tentando o meu melhor para aparentar que nada aconteceu. Correndo pelo escritório, apago o interruptor.

O mais rápido que posso sem cair, uso minhas mãos e dou um tapinha na estante de livros no escuro até alcançar a borda. Assim que a porta se abre, deslizo para trás, me achatando contra a parede o máximo que posso, esperando e rezando para que eu não seja visível dessa posição.

Prendendo a respiração, meus pulmões queimam por ar. Espero que a luz acenda, mas, em vez disso, um clique suave soa e a lâmpada sobre a mesa acende iluminando apenas metade da sala com um leve brilho de luz, e onde estou continua banhada pela escuridão.

Leva apenas um segundo para meus olhos se ajustarem, e quando vejo Shelby e meu pai juntos, tenho que morder o interior da minha bochecha para reprimir o suspiro que tenta se libertar.

“Nós temos que ficar quietos, se Harlow ouvir, então nós dois estaremos fodidos.”

Shelby sorri diabolicamente: “Você estará fodido de qualquer maneira.”

Oh, meu Deus! Meu pai está tendo um caso com minha melhor amiga. A pessoa que ele estava encontrando no hotel era Shelby. Assisto horrorizada enquanto eles se beijam, meu pai a levanta e coloca sua bunda contra a mesa antes

de empurrar o vestido. Ela nem se trocou; ainda está usando o mesmo vestido do jantar de ensaio.

“Cale a boca e me deixe te foder.” Meu pai rosna, e Shelby grita de emoção.

Minha mãe, minha pobre mãe. Eu me pergunto se ela sabe. Sinto a bile queimando minha garganta enquanto fecho meus olhos quando eles começam a foder. Os sons deles faz meus ouvidos sangrarem, e eu faço o meu melhor para permanecer em silêncio durante tudo isso.

A traição é como uma faca cega cortando meu peito, e eu sei que não há volta.

Não posso acreditar neles. Shelby me traiu, e meu pai está tendo um caso com a minha melhor amiga. Eu não acredito. Tudo o que descobri hoje à noite pesa grandemente sobre meus ombros. Meu pai e Shelby. As cartas e fotos misteriosas. Parece que estou sufocando, me afogando em todas as mentiras que me cercam.

Tenho que encontrar uma maneira de sair dessa bagunça, da vida de meu pai.

Tenho que escapar. Me libertar. Eu fiz isso uma vez e farei novamente.

Espero Shelby e meu pai terminarem.

“Ela nunca pode saber. Mantenha a boca e as pernas fechadas, ou haverá consequências, você me entende?”

“Sim, senhor,” Shelby responde suavemente. Nos olhos dela, eu vejo amor por meu pai, e isso me deixa doente, tão fodidamente doente. Eles saem do escritório alguns

momentos depois, e eu permaneço em pé, mal me segurando.

O tempo passa devagar e, eventualmente, eu me recomponho e saio do escritório, ouvindo passos ou qualquer barulho enquanto desço o corredor e volto para o meu quarto. Mal consigo andar um metro e meio quando uma mão coberta de pano sai do nada e pressiona minha boca e nariz. Um grito fica preso na minha garganta, e eu luto impotente quando um braço grosso envolve minha cintura, me puxando contra uma parede de músculos.

Oh, Deus! Não, isso não pode acontecer novamente.

“Shhh, vai ficar tudo bem,” sussurra uma voz no meu ouvido, mas estou longe demais, flutuando na escuridão, para saber se é uma voz familiar ou não.

Continua